



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS
Departamento de Letras e Artes
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS



MARCOS VINICIUS DA HORA SILVA

**REESCREVENDO A NAÇÃO BISSAU-GUINEENSE:
CULTURA, POLÍTICA E SOCIEDADE NO ROMANCE *KIKIA
MATCHO*, DE FILINTO DE BARROS**

Feira de Santana – BA
2023

MARCOS VINICIUS DA HORA SILVA

**REESCREVENDO A NAÇÃO BISSAU-GUINEENSE: CULTURA,
POLÍTICA E SOCIEDADE NO ROMANCE *KIKIA MATCHO*, DE FILINTO DE
BARROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Estudos Literários.

Área de concentração: Estudos Literários Narrativas Modernas e Contemporâneas.

Orientador: Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto.

Feira de Santana – BA
2023

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteadó - UEFS

S582

Silva, Marcos Vinicius da Hora

Reescrevendo a nação Bissau-guineense : cultura, política e sociedade no romance Kikia Matcho, de Filinto de Barros / Marcos Vinicius da Hora Silva. – 2023.

87 f.

Orientador: João Evangelista do Nascimento Neto.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Feira de Santana, 2023.

1. Estudos literários. 2. Romance. 3. Guiné Bissau. I. Título. II. Nascimento Neto, João Evangelista do, orient. III. Universidade Estadual de Feira de Santana.

CDU 82.09

MARCOS VINICIUS DA HORA SILVA

**REESCREVENDO A NAÇÃO BISSAU-GUINEENSE: CULTURA,
POLÍTICA E SOCIEDADE NO ROMANCE *KIKIA MATCHO*, DE FILINTO DE
BARROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Estudos Literários.

Área de concentração: Literatura e Diversidade Cultural.

Aprovada em 09 de junho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto
(UNEB/PROGEL – UEFS)
Orientador

Prof. Dra. Flávia Aninger de Barros
(PROGEL - UEFS)
Membro Interno

Prof. Dra. Ludmylla Mendes Lima
(UNILAB)
Membro Externo

Feira de Santana
2023

Aos guineenses de ontem, hoje e às “flores do amanhã”! As mestras e mestres que me apresentaram as letras, os números, os símbolos, e sobretudo, a esperar!

AGRADECIMENTOS

A toda força vital que eu chamo de Deus!

Aos meus pais, Evonete Bispo e João Nascimento pela educação, sustento e ensinamentos; coisas que nenhum diploma e dinheiro será capaz de comprar! Estendo os agradecimentos aos meus irmãos e irmã: Bruno Silva, Gilvan Silva e Juliana Silva por me incentivarem na caminhada!

A minha família, pelo incentivo e encorajamento!

Aos meus amigos e colegas da universidade, sobretudo Géssica Santos e Claudiane Alves, por nosso G3 maravilhoso e terapêutico!

A todas/os as/os professoras/res da minha trajetória escolar a acadêmica; vocês são fonte de inspiração e cuidado!

Ao meu orientador, professor Dr. João Evangelista do Nascimento Neto por ter acreditado na pesquisa e me orientado durante todo o percurso, a partir de um diálogo humano, plural e acadêmico!

À CAPES pela bolsa que foi fundamental na realização da pesquisa!

*Nem história, nem sociologia, nem etnologia, nem
política, tão-somente uma abordagem que se
pretende dinâmica e existencial do processo de
síntese sociocultural de um Povo.*

Filinto de Barros

RESUMO

Nesta dissertação, buscou-se analisar e discutir a narração do Estado-nação na Guiné-Bissau e a formação da identidade nacional, através dos hibridismos culturais, numa perspectiva do pós-colonialismo, a partir do romance *Kikia Matcho*, de Filinto de Barros. A obra configura-se como um romance de fundação porque nos permite compreender as dinâmicas do pós-independência no país e sua organização política, social e cultural. Trata-se de um texto escrito por um intelectual que participou ativamente da função do maior partido da Guiné-Bissau – o PAIGC, esteve presente na luta e ocupou diversos cargos políticos, fazendo do romance um espaço para confissões e narrativa de uma versão da História que a historiografia oficial omitiu e invisibilizou. Para apoiar a análise do texto literário, buscamos por teóricos, como Augel (2005), Candido (2006, 2011), Hall (2006) Jorge Otinta (2011), Ricardo Agnelo Cá (2021) que auxiliaram na discussão sobre a literatura guineense, os aspectos político-sociais da obra e nos estudos culturais. Na ausência de registros históricos mais consolidados e consistentes, é a Literatura, que mesmo não pretendendo substituir a História, torna-se um registro da narrativa oficial da nação. A literatura guineense assim como as demais literaturas africanas estão intrinsecamente ligadas ao processo de formação das nações pós-coloniais. O romance *Kikia Matcho* é uma dessas narrativas que dissona as muitas vozes da Guiné-Bissau: das elites intelectuais, das camadas menos favorecidas, dos diferentes segmentos religiosos e suas interações em um mesmo espaço geográfico, cultural e político, além de propor a reescrita da história por uma ótica contra-hegemônica e decolonial.

Palavras-chave: Kikia Matcho. Guiné-Bissau. Identidade. Hibridismos. Cultura.

ABSTRACT

In this dissertation, we sought to analyze and discuss the narration of the nation-state in Guinea-Bissau and the formation of national identity, through cultural hybridisms, from a post-colonial perspective, based on the novel *Kikia Matcho*, by Filinto de Barros. The work is configured as a foundation novel because it allows us to understand the post-independence dynamics in the country and its political, social, and cultural organization. It is a text written by an intellectual who actively participated in the function of the largest party in Guinea-Bissau - the PAIGC, was present in the struggle and occupied several political positions, making the novel a space for confessions and narrative of a version of history that the official historiography omitted and made invisible. To support the analysis of the literary text, we searched for theorists, such as Augel (2005), Candido (2006, 2011), Hall (2006) Jorge Otinta (2011), Ricardo Agnelo Cá (2021) who helped in the discussion about Guinean literature, the political-social aspects of the work and in cultural studies. In the absence of more consolidated and consistent historical records, it is Literature, which, even not intending to replace History, becomes a record of the official narrative of the nation. Guinean literature as well as other African literatures are intrinsically linked to the process of post-colonial nation formation. The novel *Kikia Matcho* is one of these narratives that dissonates the many voices of Guinea-Bissau: the intellectual elites, the less favored layers, the different religious segments and their interactions in the same geographical, cultural and political space, besides proposing the rewriting of history from a counter-hegemonic and decolonial perspective.

Keywords: *Kikia Matcho*. Guinea-Bissau. Identity. Hybridity. Culture.

LISTA DE ABREVIACES

KM – Kikia Matcho

PAIGC – Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo-Verde

PALOP - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

SUMÁRIO

1	KUNSADA	12
2	FORMAÇÃO DO ESTADO-NAÇÃO BISSAU-GUINEENSE A PARTIR DO ROMANCE KIKIA MATCHO	20
2.1	A UTOPIA DA INDEPENDÊNCIA: A DESESPERANÇA DOS EX-COMBATENTES	20
2.2	A HISTÓRIA DA GUINÉ-BISSAU VISTA NO ROMANCE <i>KIKIA MATCHO</i>	24
2.3	A NOVA NAÇÃO	25
2.1.1	<i>A velha e nova geração: problemas antigos</i>	30
3	DISCUTINDO ASPECTOS SÓCIO-POLÍTICOS E CULTURAIS EM <i>KIKIA MATCHO</i>	42
3.1	RETRATOS CULTURAIS GUINEENSE	46
3.2	TIA BURIM MUDJO: LUGAR DE ENCONTRO DA DIVERSIDADE DE PENSAMENTOS	49
3.3	LITERATURA E SOCIEDADE: SÍNTESE SOCIOCULTURAL GUINEENSE	55
4	A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE BISSAU-GUINEENSE: PLURALIDADES, HIBRIDISMOS E (RE)CONSTRUÇÃO NACIONAL	69
4.1	ANIMISTAS, CRISTÃOS E MULÇUMANOS: É POSSÍVEL CAMINHARMOS JUNTOS?	74
4.2	O JOGO DAS IDENTIDADES E A QUESTÃO RACIAL	75
5	KABANTADA	82
	KUNSIDURES	85

1 KUNSADA¹

Na Guiné-Bissau, o gênero romance é pouco explorado; apenas 2 escritores conseguiram desenvolver este gênero literário, no que tange a produção pós-colonial. A causa do baixo número de romances publicados no país pode ser justificada pelo restrito quantitativo de editoras e recursos cabíveis por parte do governo local, além do baixo nível de escolarização da população. Nota-se que a literatura produzida no país, desde sua fase inicial até a contemporaneidade, dedicou-se a contestar a colonização e as mazelas oriundas dela. Abdulai Silá (Catió, 1 de Abril de 1958 - economista, investigador social e engenheiro eletrônico formado pela Universidade de Dresden, na Alemanha.) inaugurou o gênero romance, seguido por Filinto de Barros (28 de dezembro de 1942 – 21 de novembro de 2011), seu contemporâneo. O segundo é um ativista político que participou da fundação do Partido para a Independência de Guiné e Cabo-Verde (PAIGC); além disso, foi embaixador da Guiné-Bissau em Portugal e, depois, assumiu outras pastas no governo Bissau-guineense.

Kikia Matcho (1999) ², de Filinto de Barros, é uma narrativa ficcional com traços autobiográficos e históricos, que aborda o universo Bissau-guineense pós-independente e os problemas político-sociais oriundos de uma onda neocolonialista no país, cujos ex-combatentes ficaram relegados à miséria, sem assistência por parte do novo governo. A narrativa gira em torno da morte do ex-combatente N'Dingui Có que se entregou ao álcool após inúmeras decepções com o partido e com o sentido da independência que se esfumava a cada dia.

O texto apresenta diversas narrativas que se interligam por meio do aparecimento do Kikia Matcho, espécie de coruja local, a Joana, Benaf e Papai; os dois primeiros são sobrinhos do falecido e o último, um amigo e ex-combatente. O que os deixam intrigados, é que, além do aparecimento da ave, que por si só representa o prenúncio de maldizeres, o Kikia tinha o rosto do falecido e trazia uma mensagem para a nação.

Filinto de Barros foi assertivo ao mesclar elementos culturais guineenses, sobretudo os povos *Papeis*, com a história, dando à narrativa um tom de

¹ Termo em Língua Guineense (crioulo) para designar início/começo/introdução.

² Em algumas partes do texto, será adotada a sigla KM.

verossimilhança. No contexto da obra, temos um relato histórico de como se constituiu a nação Bissau-guineense a partir de novas roupagens e hibridismos culturais. O enredo situa-se em dois espaços: África e Europa, em contínuo diálogo.

A partir destas constatações, surge a pesquisa REESCREVENDO A NAÇÃO BISSAU-GUINEENSE: CULTURA, POLÍTICA E SOCIEDADE NO ROMANCE *KIKIA MATCHO*, DE FILINTO DE BARROS, que consiste na análise da obra enquanto ficção fundacional, apresentando a narrativa da história pós-colonial do país, revisitando os conflitos sócio-políticos e culturais advindos do período pós-independência.

Nesse contexto, e considerando o papel da literatura guineense no processo de narração da história do país e a ideia de ficção fundacional, a pergunta que se coloca é: como o romance *Kikia Matcho*, de Filinto de Barros, busca reorganizar a ideia de nação e o projeto de formação da identidade Bissau-guineense?

Para tal, esta pesquisa busca analisar a busca da reconstrução da nação Bissau-guineense, através do romance de fundação, *KM*, de Filinto de Barros, para compreender como a obra literária corrobora para o processo de narração da nação, refletindo acerca do conceito de literatura de fundação com base no romance, de modo a entender o porquê de a obra ser uma ficção fundacional.

Também objetiva-se realizar discussões acerca dos problemas políticos e sociais contidos no romance, a partir das representações da história colonial no país para elucidar as ligações entre literatura e sociedade e captar o universo sociopolítico do país e de uma problematização de questões relativas à (Re)construção da identidade nacional Bissau-guineense e por meio das representações contidas na obra, com o intuito de compreender o processo de formação dessa identidade em contexto de pós-independência. E como isso ainda reverbera na contemporaneidade, ou seja, essas questões influenciam o desenvolvimento literário e conseqüentemente, da nação pós-colonial.

Este trabalho se justifica porque, no Brasil, cresce o número de estudos sobre a literatura guineense, a exemplo disso, os trabalhos de Carmen Lucia Tindó Secco, Lílian Paula Serra e Deus, Wellington Marçal de Carvalho, Laura Cavalcante Padilha, Érica Cristina Bispo, Jorge Nonato Otinta, Ricardo Aguielo

Aquixinco Gomes Cá, Letícia Valandro e outros que tem contribuído para a fortuna crítica da literatura guineense. Na Guiné-Bissau, ainda não existe uma crítica literária cristalizada. É a partir desta constatação que surge o desejo de analisar o romance do escritor guineense Filinto de Barros, também porque o Brasil passou por um processo semelhante de dominação, luta pela independência, construção de sua literatura e defesa de sua nacionalidade. A obra, publicada em 1997 em sua primeira edição pela Fundação Camões em Bissau e a segunda, em 1999 pela Editora Caminho em Portugal, faz parte da literatura pós-colonial, sendo um romance que narra a situação dos ex-combatentes, totalmente desprezados pelo Estado e os problemas advindos da colonização. A análise da obra é importante para compreendermos como a literatura e os fatores sociais guineenses estão interligados, sem que a primeira ocupe o lugar da história ou sociologia, mas se apoie nas duas últimas para explicar determinados fenômenos presentes nas obras literárias.

Ao pesquisar no banco de teses e dissertações da CAPES sobre o romance de Filinto de Barros, encontramos trabalhos de literatura comparada; no entanto, o presente trabalho irá analisar apenas o romance supracitado, buscando abarcar mais personagens e desenvolver, de forma mais aprofundada, suas participações na trama.

A pesquisa é relevante porque proporciona o contato com a produção literária guineense, aproximando-a com o Brasil, por serem nações que já possuem relações históricas e têm, em comum, a língua portuguesa. E no âmbito dos estudos literários, poderá contribuir para a crítica literária da Guiné-Bissau, servindo também como referência para estudos futuros. No âmbito social, será uma reflexão sobre a nação, a literatura nacional e uma valorização das produções literárias do sul global, especialmente de países marcados pela colonização portuguesa, como no caso da Guiné-Bissau. Já no âmbito pessoal, a pesquisa irá contribuir para o meu crescimento enquanto pesquisador sobre a literatura e história da Guiné-Bissau, de forma crítica. Além disso, desejo residir no país para aprofundar as pesquisas e estudos, devido à ligação afetiva, acadêmica e a proximidade com a Língua Guineense.

Numa perspectiva histórico-social, o objeto de estudo desta pesquisa – o romance, configura-se como pós-colonial; é por tal razão que consideramos ser

importante este estudo, de modo que venha colaborar com a compreensão do papel social dessa literatura, que também é categoria de análise dos estudos socio-literários, sobretudo nas ex-colônias de Portugal. Uma vez que sabemos a importância da literatura na formação da identidade guineense, é relevante para que conheçamos a representação de fatos sociais na literatura – especificamente no romance em questão para, assim, captar como se tem formado “uma nova visão da sociedade que reflecte sobre a sua própria condição periférica [...]” (MATA, 2007, p. 9-10).

Verificamos que, em pesquisas anteriores, não há um trabalho que se dedicou a analisar o romance enquanto ficção fundacional, embora se notem algumas referências; é partindo desta premissa que este estudo é importante, porque se concentra em discutir a obra enquanto romance de fundação, dialogar com sua função histórica e sociológica e refletir sobre o papel que esta literatura exerce no entendimento da nação Bissau-guineense atual.

No que concerne à metodologia desta pesquisa, é qualitativa, descritiva, explicativa e exploratória, em que foi feito o levantamento bibliográfico sobre o tema de pesquisa e a análise do romance em questão. Utilizamos o método indutivo, cuja compreensão da problemática transita e percorre de um objeto geral para o específico/particular.

A revisão bibliográfica serviu como aporte teórico para discutir conceitos elementares da análise, tais como Identidade Nacional, Ficção fundacional e Literatura guineense, para subsidiar as discussões em torno das relações entre Literatura, História e Sociedade, de modo que seja possível perceber como o romance, enquanto texto literário, trata das relações entre ambas as áreas.

Para discutir o conceito e aplicação de Identidade Nacional, nos apoiamos nos estudos de Zilá Bernd (1992) e Stuart Hall (2006), dentre outros. As discussões de Inocência Mata (2007) e Maria Soares Fonseca (2008) foram importantes nos diálogos sobre Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Moema Parente Augel (2005) e Jorge Nonato Otinta (2011) nos guiando no debate em torno da ficção fundacional e da formação do Estado-nação na Guiné-Bissau. Já para analisar as relações entre literatura, história e sociedade, foram utilizadas referências encontradas em Fanon (1968), Antonio Candido (2006, 2011), Letícia Valandro (2010) e outros textos mais recentes de autoria Bissau-

guineense: Artemisa Odila Candé Monteiro (2013), Rui Jorge Semedo (2018), Didier Té (2020) e Ricardo Agnelo Cá (2021).

A análise do romance partiu de uma leitura mais ampla e de contextualização para a análise micro, considerando as especificidades de personagens e os contextos de inserção na obra, bem como, discutir os pontos supracitados, a partir da obra, ou seja, o desenvolver do texto é realizado a partir do objeto e o referencial contribui com a análise e interpretação do texto literário. Utilizamos os autores supracitados para dialogarem com o objeto e o método histórico-sociológico para compreender os personagens.

Esperamos que os resultados na análise do romance sirvam para a visibilidade da produção literária e suas discussões sociológicas, a compreensão do que foi o processo colonial na Guiné-Bissau; e para entendermos como a literatura está relacionada com a sociedade, na qual é produzida, isto, no caso, da Guiné-Bissau. Neste sentido, pretendemos que esta pesquisa forneça corpus para investigações futuras sobre o tema e que contribua para a crítica literária guineense, fortalecendo o quadro de estudos de literatura africana. Desejamos intensificar o cumprimento da Lei 10.639/2003, complementada pela Lei 11.645/2008, que objetivam o ensino de história da cultura africana, afro-brasileira e indígena, apresentando o resultado deste estudo como um meio de aproximar o Brasil com o sistema literário africano lusófono.

Em 2015, tive meu primeiro contato com a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), no Campus dos Malês, situado em São Francisco do Conde-BA, Recôncavo Baiano. Como o próprio nome sugere, a universidade mais preta do Brasil abriga estudantes dos cinco países africanos, com o português como língua oficial, assim como no Brasil, e do Timor-Leste que, embora não faça parte dos PALOP, compõem a universidade.

Na UNILAB, antes mesmo de me tornar discente, experienciei o encontro com colegas de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, e foi nesses momentos de partilha que me aproximei das Literaturas Africanas, especialmente, a Guineense. Ao adentrar na graduação em Letras – LP, nos primeiros semestres, fiz a disciplina Tópicos em Literaturas Africanas, com a professora Dra. Ludmylla Mendes Lima, e foi ela que me apresentou

algumas obras de Abdulai Sila e o romance *Kikia Matcho*, de Filinto de Barros, o qual é meu objeto de pesquisa.

Esse contato com a literatura guineense me motivou a pesquisá-la de forma mais aprofundada e sistemática e, por essa razão, o meu TCC centrou-se na análise do romance *A última tragédia*, de Abdulai Sila, pensando em como se deram os conflitos entre as tradições portuguesas e guineenses no período colonial. A partir dessa pesquisa, resolvi trabalhar com a obra de Filinto de Barros, por já ter pensado analisá-la na graduação, inclusive, o projeto de pesquisa foi sobre a obra acima mencionada.

A oportunidade do Mestrado em Estudos Literários, na UEFS, corroborou para a continuação dos meus estudos e pesquisas em Literatura Bissau-guineense, por ser parte desse país que tanto admiro e sinto-me como filho. Guiné-Bissau é uma nação com uma pluralidade étnica e linguística admirável, que tem lutado para manter viva a sua cultura após o passado colonial. O país é carente de bibliografias historiográficas que, de fato, narrem a história da nação, sem que seja pela visão eurocêntrica, e foi pensando nessas condições que também surgiu o meu desejo em analisar o romance de Filinto de Barros.

Ao observar a potência dessa ficção fundacional, decidi fazer a seleção do PROGEL – UEFS, e desenvolver a pesquisa que tem como tema **Reescrevendo a Nação Bissau-guineense: cultura, política e sociedade no romance *Kikia Matcho*, de Filinto de Barros**, que buscou analisar e compreender como a obra ficcional narra a formação do Estado-Nação e seus desdobramentos, assim como o romance enquanto ficção fundacional. Além disso, discutimos sobre os aspectos sociopolíticos do país, questões identitárias e as relações entre o tradicional e o moderno.

No que tange à organização do texto, está composto por 5 seções:

A primeira, intitulada de **KUNSADA**, apresenta o problema de pesquisa, objetivos, contextualização e motivações, metodologias e hipóteses acerca da temática; a segunda seção analisa a formação do Estado-nação a partir da leitura do romance atrelada às reflexões de teóricos do campo; na terceira seção, buscou-se compreender as dimensões culturais e políticas da obra, analisando detalhadamente os personagens e seus respectivos papéis na narrativa que, embora englobem o todo, possui suas especificidades; a quarta seção teve como

direcionamento a discussão acerca dos hibridismos e pluralismos presentes no país sendo representados no texto literário e, a última seção – considerações finais, apresenta o produto das análises e reflexões realizadas nas seções anteriores, apresentando também os resultados obtidos para a questão norteadora.

Já, na segunda seção, intitulada **A FORMAÇÃO DO ESTADO-NAÇÃO BISSAU-GUINEENSE A PARTIR DO ROMANCE KIKIA MATCHO** discutiu-se acerca do romance enquanto texto fundacional que possibilita a compreensão da formação do Estado-nação e seu desenvolvimento com o pós-independência. Ainda, nessa seção, refletimos sobre o papel da literatura na narração de versões não oficiais da história.

A terceira seção, **DISCUTINDO ASPECTOS SÓCIO-POLÍTICOS E CULTURAIS EM KIKIA MATCHO** centrou-se na compreensão de como se configura o país, em seus aspectos político-sociais, através da trama romanesca, sendo possível entendermos como o texto literário mesclou elementos do real com a ficção para construir uma narrativa verossimilhante e com tons biográficos, em que a voz do autor se confunde ou se entrelaça com a voz do narrador, isto porque, o primeiro é conhecedor da história e viu nascer a nação Bissau-guineense.

Na quarta seção, **A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE BISSAU-GUINEENSE: pluralidades, hibridismos e (re)construção nacional**, buscamos compreender como se formou a identidade guineense/guineendade a partir do hibridismo cultural, dado que o contato com a experiência colonial tornou a nação um espaço do plural e do diverso, ainda que não harmonicamente, em sua totalidade.

A quinta seção são as **KABANTADA**, em que se apresentam os resultados das análises e discussões realizadas, ao longo das seções anteriores, apresentando uma reflexão que arremata a leitura e análise da obra.

Para encerrar o texto, temos a última seção, **KUNSIDURIS**, em que constam as obras consultadas – a base teórica que possibilitou o diálogo entre a análise do romance e as teorias literárias e dos estudos culturais, durante o desenrolar da pesquisa.

Desta forma, o presente trabalho se configura como um exercício de análise da sociedade guineense pós-independente a partir do texto literário, neste

caso, o romance *Kikia Matcho*, de Filinto de Barros. A compreensão sobre o passado corrobora para o entendimento do presente, sobretudo porque permite observar a lógica de formação do país enquanto Nação e seus desdobramentos político-sociais e culturais.

2 A FORMAÇÃO DO ESTADO-NAÇÃO BISSAU-GUINEENSE A PARTIR DO ROMANCE *KIKIA MATCHO*

Nesta seção, compreende-se de que modo o romance *Kikia Matcho* configura-se como um texto de fundação e dialoga acerca da História colonial na Guiné-Bissau, para pensarmos em como essa nação foi formada e narrada na obra ficcional.

2.1 A UTOPIA DA INDEPENDÊNCIA: A DESESPERANÇA DOS EX-COMBATENTES

O romance de Filinto de Barros, dentro do escopo da literatura Bissau-guineense, ocupa um lugar importante no processo de narração da nação, mas antes, é elemento indispensável na compreensão de como se formou esse Estado-nação para a geração do passado, do presente e do futuro, como modo de não esquecer os acontecimentos históricos. Atualmente, tem surgido, na Guiné-Bissau diversos grupos literários e culturais que estão divulgando as produções artísticas do país, o que significa maior alcance da obra *Kikia Matcho* por parte da população. Sua temporalização é o pós-independência, a partir de 1974, em que, por meio dos personagens, o autor nos apresenta as diferentes faces de um país recém-liberto do jugo colonial português e sua estruturação político-administrativa.

Publicado pela primeira vez em 1997 pela Editora *Ku si mon* (Guiné-Bissau) e com a segunda edição pela Editora Caminho (Portugal) em 1999 - com o subtítulo “O desalento do combatente” - o romance narra a história da Guiné-Bissau após a conquista da independência, que ocorreu em 1973 e reconhecida por Portugal no ano seguinte. Os personagens rememoram o passado colonial constantemente, para abranger os males que assolavam o país.

É uma narrativa elaborada por alguém que vivenciou a história colonial, a luta de libertação e foi um dos fundadores do maior partido da Guiné-Bissau – o PAIGC (Partido para a Independência de Guiné e Cabo Verde). Filinto de Barros, que foi um grande intelectual, nos informa sobre uma versão da História que a narrativa oficial omitiu ou invisibilizou. A trama desenvolve-se em torno do

falecimento de um ex-combatente da libertação nacional, o velho 'N Dinguí³, e é com este personagem que o narrador tece críticas ao estado em que se encontravam os ex-combatentes: relegados à miséria e ao caos, bem como, a condição sociopolítica do país.

Mesmo diante de narrativas com valor histórico, sendo compreensível no romance africano, não se pode admitir que a ficção seja esquecida, porque mesmo apresentando versões outras da História, houve uma ficcionalização dos fatos, e não podemos ser ingênuos, a ponto de confundir o romance que ficcionaliza fatos históricos com o romance histórico, de fato.

Estamos diante de uma narrativa em que o narrador se confunde facilmente com o escritor, isto, talvez, porque a história de personagens como Benaf - intelectual, parece ser a do próprio autor. Embora reconheçamos que a literatura possui o seu valor próprio, é inegável que ela esteja permeada de fatores e contextos históricos e sociais.

Além dessas questões, o romance discute a assimilação da cultura lusitana em detrimento da africana, especificamente guineense, demonstrando o trânsito entre dois mundos: colonial *em relação ao* tradicional, na formação da “nova nação”. Embora o próprio autor tenha afirmado, na apresentação da obra, que o texto não pretendia ser história, sociologia, antropologia, acaba por ter todas essas áreas mencionadas, englobadas na narrativa, como veremos mais adiante.

As últimas décadas, no que tange a produção literária africana em geral e a guineense, em particular, verifica-se um engajamento necessário da luta contra a invisibilidade no cenário literário e o uso da ficção para denunciar as mazelas e problemáticas do continente, oriundas do processo colonial. É por meio da ficcionalização da história que é possível, também, conhecermos a situação pós-colonial dos países marcados pelo jugo colonial português.

Mediante o exposto, pode-se verificar que a literatura produzida, atualmente, na Guiné-Bissau, intensifica-se e está engajada na sua função social e, conforme Candido (2011, p. 180-181), “Disso resulta uma literatura empenhada, que parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas. São casos em que o autor tem convicções e deseja exprimi-las; ou parte de certa visão da realidade e a manifesta com tonalidade crítica”.

³ Nome em Língua guineense (kryol) que significa “eu sou solitário/sozinho”. (Tradução nossa).

A afirmação de Candido (2011) é pertinente quanto à escrita de Filinto de Barros, pois se nota que a sua visão crítica da sociedade guineense está contida no romance, sem que ele perca os caracteres estéticos da literatura. No período pós-colonial, “[...] a cristalização da consciência nacional vai ao mesmo tempo transtornar os gêneros e os temas literários e criar completamente um nóvo público” (FANON, 1968, p. 200, *sic*).

A leitura de *KM* nos direciona a uma interpretação da Guiné-Bissau pós-independência sob a ótica interna, ou seja, o olhar de um filho da terra, que não só vivenciou o período histórico, como fez parte dele. Esse é o mote para os desabafos que o narrador apresenta na obra. O personagem ‘N Dingui Có é o sujeito que integrou o sistema e representa a desilusão para com a independência política, pois ele mesmo, após a guerra, viu-se desolado, sem assistência por parte do Estado e da família. O olhar interno do qual nos referimos é a partir da própria narrativa, que mesmo não deixando de ser ficção, denota uma “posição do artista” (CANDIDO, 2011).

O falecimento de ‘N Dingui gerou uma perturbação na vida de seu sobrinho António Benaf, isto porque, este tinha migrado para a Europa e se desvinculado de suas tradições culturais; não estava à espera de uma situação como esta. Sendo o parente mais próximo do ex-combatente, estava incumbido da realização das cerimônias fúnebres dos povos Papéis⁴. Em uma conversa entre Benaf e Papai – ex-companheiro do morto, o narrador informa-nos sobre a condição do velho ‘N Dingui, antes de seu falecimento:

O seu tio de nome ‘N Dingui terminou os seus dias na mais complexa solidão! Nem ele havia dado ao tio qualquer apoio material ou humano, ele que era considerado o mais próximo em termos familiares e de quem era devedor moralmente. (BARROS, 1999, p. 12).

A solidão da qual relata o narrador é fruto do abandono por parte dos dirigentes do PAIGC – Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde, da mísera pensão que os ex-combatentes recebiam e o não

⁴ Grupo étnico da Guiné-Bissau, representam cerca de 9,1% da população nacional. Para eles, a morte é um rito de passagem para o outro mundo, e, portanto, é necessário que se realizem cerimônias específicas, como requer a tradição. (CLOSSAVNY, 2021, s.p).

reconhecimento por parte da população, pois sendo ele alguém que lutou em nome do/pelo povo, estava completamente esquecido. Havia uma preocupação enorme, para que as gerações futuras não se esquecessem do legado dos heróis da pátria e de suas contribuições para o país.

O narrador utiliza-se de vários *flashbacks*, transitando entre o passado e o presente na narrativa. A recordação de Papai é fundamental para compreendermos como se deu a vida na guerrilha. Ainda em continuidade de seu diálogo com Benaf, ele relata para o mais novo:

- Sabes estivemos juntos na guerrilha. Pertencemos ao mesmo bigrupo comandado por Domingo Carnel. Lembro-me como se fosse hoje nas terríveis emboscadas aos *tugas*. 'N Dinguí era o último a retirar-se. Para ele, a vida dos seus homens valia mais do que a própria causa porque estávamos a bater-nos. Ferido ou morto, 'N Dinguí tinha de confirmar a sua retirada pelos camaradas, e aos mortos dava um enterro condigno. Os *tugas* nunca levaram uma das nossas baixas e olha que não foram poucas. (ibid).

O mesmo 'N Dinguí, que hoje estava desolado e desamparado pelos antigos camaradas, tinha dedicado toda a sua vida à luta. A figura do morto acende um discurso importante na formação do Estado-nação, porque é partir de sua morte que surgem as discussões acerca dos rumos que o país estava tomando, inclusive, do reconhecimento da independência enquanto utopia. Era inadmissível, segundo o narrador, “Combatente da Liberdade de Pátria morrer sozinho sem, ao menos, o calor humano dos seus antigos camaradas!” (ibid.).

Alguns estudiosos da literatura Bissau-guineense, como o caso de Augel (2005) e Otinta (2011), compreendem que o romance de Barros é um texto fundacional, porque possibilita o entendimento sobre o modo como se configurou o Estado-nação e seus desdobramentos pós-independência.

A partir da concepção de ficção de fundação, pensando o conceito através da realidade da Guiné-Bissau, cujo romance *Kikia Matcho* apresenta uma versão não oficial da história do país pós-independente, é possível fazer uma leitura de como se formou o Estado-nação após a expulsão dos portugueses do território nacional. O autor da narrativa elucidou, durante a narrativa, a formação política e

administrativa do país, revelando os seus conflitos internos e a ruptura com os ideais da Luta.

2.2 A HISTÓRIA DA GUINÉ-BISSAU VISTA NO ROMANCE KIKIA MATCHO

O romance africano, ainda que seja ficção, é historiográfico, pois o contexto de produção das literaturas africanas de língua portuguesa contribui para haver uma relação entre ficção e história, dada a escassez de fontes históricas, e é a literatura que, mesmo não pretendendo ocupar o lugar da História, acaba por suprir, em parte, a ausência e/ou insuficiência da primeira.

Por intermédio dos personagens 'N Dingui, Papai, Benaf e Joana, representando, respectivamente, os ex-combatentes e a nova geração do país, a narrativa nos indica uma Guiné-Bissau dirigida pela elite do partido, os novos dirigentes, que não são apenas representados pelos que estudaram fora do país, mas também por aqueles que foram “grandes senhores” no período da luta armada.

Papai, representante da velha geração, a todo tempo, expõe as inglorias do pós-luta, o não reconhecimento dos ex-combatentes e, insatisfeito, questiona a atual governança, em que a elite intelectual se distanciou bastante do projeto de nação e de progresso pensado outrora por eles.

Durante a cerimônia de *tchoro* (ritual de morte/cerimônia fúnebre), Papai conversou com Benaf, contando-lhe sobre a Luta e a sua convivência com o tio 'N Dingui. O jovem demonstrava não estar interessado na narrativa do sonhador Papai, pois observava uma grande contradição entre a “gloriosa luta” e o ostracismo vivenciado por Papai e o próprio malogrado:

Papai sonhou que terminada a Luta seria um herói venerado por todos. Afinal, a dura realidade mostrava que já não passava duma múmia petrificada como o seu amigo 'N Dingui.

Não, isso não podia ser, estava a sonhar acordado! Ele, o *comandante* de bigrupu, o homem *de pitu burmedju*, não pode ser votado à lei do esquecimento.

Amanhã, no funeral, é que iam ver. O *comandante* estaria presente e de certeza botaria um discurso pondo os pontos nos ii. Com esta esperança arrancada a ferros, Papai caiu num sono profundo, não porque a tenda de ferro estivesse a fazer efeito mas porque acreditou no único referencial que mantinha a sua razão de viver. (BARROS, 1999, p. 42).

Papai nutre uma grande esperança de que a luta fosse reconhecida com honra e que as novas gerações, a de Benaf, por exemplo, se orgulhassem dos anos de Luta e das conquistas obtidas pelos guerrilheiros; ao mesmo tempo, o velho sonhador vivia o paradoxo da desilusão, pois notava, a cada dia, a nação ganhando rumos que não foram planejados por eles, relegando as massas populares a um lugar de não desenvolvimento.

Benaf, representando a nova elite intelectual, tem muitos questionamentos acerca das ideias de Papai e demais companheiros. A negação de atenção e ajuda ao falecido, o desolamento de Papai, Infali Sissé e outros que lutaram pela libertação, faziam-no pensar no quão utópico era o discurso de liberdade, em que a condição socioeconômica dos ex-combatentes estava cada vez mais deplorável, face ao pós-independência. Para o jovem, era preciso romper com o passado, abandonar as velhas narrativas de Papai. Havia ali uma narrativa hegemônica que destoava da realidade.

Ele, enquanto um jovem “doutor” egresso do exterior, almejava a caminhos diferentes e, tendo constatado a condução da formação do estado-nação, pensaria apenas em si, na sua ascensão econômica, como faziam os demais, deixando de se posicionar contra o sistema, pelo contrário, jogaria a favor, porque o que estava em xeque eram os seus próprios interesses.

2.3 A NOVA NAÇÃO

A nação que o romance de Filinto de Barros descreve é ainda um grande espelho da Guiné-Bissau atual, que esteve envolta em diversos golpes de Estado⁵ após a independência, cuja política do atraso impediu o seu progresso e desenvolvimento. Mas, por outro lado, não podemos deixar escapar a ideia de nação, pensada a partir das culturas e tradições africanas, porque, antes da invasão portuguesa, existiam ali muitas formas de organização social e política, como é notório nos grupos étnicos *papeis*, *balantas*, *fulas*, *mandingas*⁶ etc. E no

⁵ Esses golpes são discutidos mais à frente.

⁶ A Guiné-Bissau conta com mais de trinta grupos étnicos, dentre eles, os cinco maiores grupos, em termo de numerosidade são: balantas (27%), fulas (22%), mandingas (12%), manjacos (11%),

período colonial, o projeto do PAIGC foi forjar uma nação harmônica para “correr com os *tugas*⁷”.

No caso do jovem Benaf, que estava distanciado das tradições dos Povos *Papeis*, quanto às cerimônias de *tchoro*, é possível observar um diálogo importante que Barros propõe a respeito dos jovens licenciados – os que foram mandados para a Europa com o objetivo de se formarem quadros aptos a trabalhar na Guiné-Bissau – e enquanto tradições fundadoras dessa “comunidade imaginada” que chamamos de nação:

Anos de vivência na Europa, anos de prática dum individualismo tacanho, haviam-no transformado num ser desumano, num *materialista* interessado nos sucessos pessoais, saudoso das grandes cidades de luzes por todos os lados, dos automóveis, dos gigantes de betão armado. A África tinha-se esfumado do seu ser. **Voltou porque era africano e intelectual, portanto podia ser ministro ou presidente, mas do continente não conseguia reter nem compreender a profundidade de sua mística.** (BARROS, 1999, p. 16-17, grifo nosso).

O trecho anteriormente citado, em que o narrador nos informa acerca do distanciamento de Benaf para com as questões étnico-culturais e seu real motivo de ter regressado ao país, torna possível a compreensão do novo desenho de nação que foi projetado no país, em que **o africano e o intelectual** estariam à frente dos espaços de poder para satisfazer seus interesses pessoais, sem nenhum comprometimento com o desenvolvimento político da nação, e abandonando a harmonia, que outrora surtiu efeito na Luta⁸. Em outras palavras, bastava ter estudado no exterior, assimilado a língua e a cultura do colono, para ocupar um espaço no governo.

Embora ele tenha traçado o percurso da assimilação⁹, não deixa de ser africano e tem consciência das múltiplas realidades que o compõem. Mesmo que

e papeis (10%) (AUGEL, 2007, p. 76-77). Cada um desses grupos apresenta a sua própria língua e se distingue por conta de práticas e rituais específicos, mesmo que partilhem de alguns elementos comuns.

⁷ Expressão utilizada no romance para se referir à Luta contra os Portugueses (BARROS, 1999).

⁸ Filinto de Barros grafou Luta para enfatizar que se tratava de uma luta específica contra os portugueses.

⁹ Cabe ressaltar que a assimilação foi um processo colonial e não uma opção, conforme nos mostra Candé (2013).

quisesse permanecer na Europa, lá também não passaria de um “zé ninguém”¹⁰. O assimilado era aquele que perdia o status de indígena e passava a ser considerado cidadão, no regime colonial, adquirindo os costumes dos portugueses, por imposição. Nesse processo, o “índigena” teria sua própria cultura aniquilada para receber a cultura dominante. No entanto, essa aniquilação não se realizou plenamente, segundo Lorenzo Macagno (2019, p. 30).

Conforme o narrador, a morte do tio não estava sendo fácil para ele, pois ali, foi “[...] obrigado a confrontar-se com realidades socioculturais que lhe serviram de berço, do qual tanto gostaria de escapar!” (BARROS, 1999, p. 18). Neste sentido, pensar a ideia de nação como sendo imutável é incoerente, pois, pessoas com o posicionamento de Benaf rompem com o ideal de nação harmônica, sem problemas, em que todos os indivíduos abrem mão de sua singularidade para seguir o padrão da unicidade e tornar-se um só.

De acordo com Cardoso (1992, p. 34), a política de assimilação foi uma estratégia dos colonizadores para cooptar “indígenas¹¹” no processo de dominação, e isso se deu com a suposta civilização dos povos, que acreditavam ter o mesmo status dos dominadores. E, para tal, foi criado o Estatuto de 1954, prevendo que, para adquirir a cidadania e deixar de ser considerado indígena, era preciso cumprir os seguintes requisitos, conforme o artigo 56º (1954, p. 112):

- a) Ter mais de 18 anos;
- b) Falar corretamente a língua portuguesa;
- c) Exercer profissão, arte ou ofício de que aufera rendimento necessário para sustento próprio e das pessoas de família a seu cargo, ou possuir bens suficientes para o mesmo fim;
- d) Ter bom comportamento e ter adquirido a ilustração e os hábitos pressupostos para a integral aplicação do direito público e privado dos cidadãos portugueses;
- e) Não ter sido notado como refractário ao serviço militar nem dado como desertor.

É importante frisar que há uma negociação na adesão do status de assimilado, porque muitos independentistas da Guiné-Bissau tiveram formação de base portuguesa, aprenderam a língua do colonizador, mas não de forma passiva,

¹⁰ Expressão utilizada pelo autor.

¹¹ Os povos do interior do país, os não assimilados.

porque a sua consciência nacional manteve-se firme, como é o caso de Amílcar Cabral, o pai da nação. Neste sentido, entende-se que a assimilação também foi estratégica por parte de alguns “indígenas”.

A ideologia de Amílcar Cabral, em que o projeto de unidade nacional concebia uma nação harmônica e integrada, cujos grupos étnicos se reconheciam pela identidade nacional: o ser guineense foi importante para a redução dos conflitos étnicos, em um momento específico da História: o colonial, além do plano de união contra os colonizadores. Mas sabemos que a questão é muito mais complexa, havia outras implicações ali presentes: o apagamento das singularidades de cada povo e a hegemonia do crioulo guineense em detrimento das línguas de cada grupo, considerando a multidiversidade do país.

Cabe ressaltar que a unidade nacional tinha, como objetivo principal, a união e o despertar da consciência nacional para lutar contra o colonialismo. Devido à divisão entre os povos (grupos étnicos), foi necessário conclamá-los a unir-se enquanto povo guineense para consolidar o projeto de identidade nacional e barrar a violência da invasão.

No bojo dessa discussão, Candé compreende que

O conceito de nação idealizada por Amílcar Cabral foi determinante na engenharia social do povo bissau-guineense, ao pretender uniformizar os interesses étnicos em interesses coletivos, gravitando numa nova identidade unificada, que transmite aos sujeitos o significado homogêneo de representação de seus interesses através de discurso de construção da nação. (CANDE, 2013, p. 33).

A partir do projeto unificador é que surge o discurso: “somos todos guineenses”, na tentativa de elidir as diferenças étnicas e possibilitar que os diferentes grupos se afirmassem enquanto guineenses, assumindo essa identidade coletiva. O processo de unificação pode ser considerado o causador do extermínio de algumas etnias, como se verifica, atualmente, no quantitativo de grupos operantes na Guiné-Bissau.

Ainda no âmbito da discussão, Didier Té (2020) aponta que, na Guiné-Bissau,

[...] foi a elite crioula que, ao assumir a liderança política do Partido-Estado resultante da luta armada de libertação nacional que marcou o ponto mais elevado do nacionalismo bissau-guineense, usou o Estado para impor uma política da língua, neste caso a língua crioula ou crioulo. (TÉ, 2020, p. 61).

Neste sentido, voltando-nos para o romance, vemos que Benaf é o jovem que integrava a elite crioula, embora não tivesse adentrado ao Partido, mas que almejava a sua ascensão política pois, ainda em conformidade com Té (2020), a leitura e a escrita possibilitaram que os crioulos ascendessem e acessassem os privilégios do Estado, obtendo cargos de alto escalão na política, destacando-se socioeconomicamente.

A nação, que estava se formando no pós-independência, teve, como direção, a substituição da elite metropolitana pela burguesia nacional, sem recursos e possibilidades de reerguer o país. Em outros termos, a elite nacional estava projetando um neocolonialismo¹², dado que estabeleceram alianças com os colonos e subordinavam os “indígenas”, através do processo de escravização.

Na visão de Papai – o grande sonhador - a nação é uma comunidade imaginada, o que, segundo Anderson (2008), trata-se de uma idealização de comunhão e compartilhamentos de elementos em comum, dado que a população não conhecerá todos os seus compatriotas, mas entende que possuem traços comuns e partilham de um mesmo território sociogeográfico.

A nação em *KM* é demarcada pela falência do projeto unificador de Amílcar Cabral e as remodelações do Estado independente, em que os novos gestores, a priori, substituíram os colonos, refletindo seu legado de dominação. No intuito de derrubar o colonialismo, o PAIGC, ou melhor, as “mentes brilhantes” por trás do partido, criaram uma “comunidade imaginada”, ainda sob o poder colonial, para elucidar que a Guiné-Bissau se constituía como nação em um cenário mais amplo, dentro e fora do continente. E essa mesma comunidade imaginada se estendeu com a conquista da independência, mas com modificações latentes.

No romance, ao contemplar o caixão do tio, o narrador descreve uma reflexão feita por Benaf quanto à motivação desse tio em ter participado da luta:

¹² Termo que foi utilizado, pela primeira vez, por Kwame Nkrumah (1965), líder político ganês e um dos fundadores do Pan-Africanismo.

Não gostava de admitir que devia o seu sucesso relativo às ideias saídas de mentes tão simplórias como a de 'N Dingui, Papai e outros. Mas essas mentes tinham na verdade pensado em alguma coisa ou limitaram-se a seguir as palavras de Abel Djassi? O que significou a Luta para esta gente? Lutaram ou estiveram na Luta acompanhando os outros, os intelectuais como ele, que tinham por missão enquadrar as massas? (BARROS, 1999, p. 17).

Esse momento de reflexão nos direciona à compreensão de que o projeto de conscientização nacional surtiu efeito a curto prazo, ou seja, no período necessário para unir o povo em prol da Luta, grafada com maiúscula pelo autor, demarcando a sua localização histórica e social. As interrogações de Benaf propõem uma revisitação histórica sobre os movimentos de Luta pela Libertação Nacional. Acredita-se que o tio detinha consciência do seu papel na Luta, pois a invasão portuguesa tinha ocasionado danos imensos ao país. Se seguiram as palavras de Abel Djassi era porque acreditavam no ideal da Luta; se não fosse isso, Papai e 'N Dingui não teriam se decepcionado com o pós-independência.

2.3.1 A velha e a nova geração: problemas antigos

Os povos que saíram das *tabankas*¹³ para a cidade almejavam conhecer esse mundo da capital, em que a vida parecia ser melhor em comparação ao interior. Dentro desse movimento de migração do interior para a cidade, foi se expandindo as cidades grandes e novas mentalidades formando-se.

O velho Papai, de acordo com o narrador, não conseguiu se adaptar às exigências da cidade, porque ele estava acostumado com o mato e suas vivências por lá; por isso, entregou-se ao álcool, como forma de “sobreviver” aos seus próprios conflitos internos e externos.

No capítulo 4, quando o narrador descreve a situação de Papai com o fim da guerra e a separação da mulher que escolhera no mato, nota-se o processo de modernização do país, ou melhor, o surgimento de uma nação híbrida, em que as culturas tradicionais passaram a conviver com a modernidade colonial, ainda que de forma não harmônica:

¹³ Aldeamento, povoação (BARROS, 1999, p. 158).

Papai foi o primeiro a sofrer as consequências do impacto e não podendo acompanhar o novo ritmo, escolheu o álcool. A cidade tinha vencido o mato. As dificuldades do exterior reflectiram-se, como não podia deixar de ser, na gestão da micro-unidade familiar de Papai. Com o fim da Luta, desapareceu igualmente a fonte de energia que permitia que dois indivíduos pertencentes a universos culturais diferentes pudessem conviver num ambiente harmónico, onde essas diferenças eram não só esbatidas mas aparentemente ultrapassadas. (BARROS, 1999, p. 40).

A unidade entre os povos de diferentes “universos” teve seu efeito somente durante a Luta, pois, na nação imaginada por Cabral, todos deviam unir-se para derrubar o colonialismo, como já mencionado anteriormente, e formar uma nova identidade nacional, interligando todos os grupos. O intuito era que a unicidade permanecesse com o pós-independência. Conforme Artemisa Candé (2013, p. 218-219),

[...] o nacionalismo bissau-guineense cumpriu na sua primeira fase a promessa da emancipação política. A segunda fase marcada pelo período pós-independência tratava-se de transformação das estruturas sociais, a formação de uma cultura nacional gerada pela liberdade, a cidadania plena, os direitos sociais e políticos, o bem estar social dos povos, a construção de uma economia sólida e indústrias, etc., mas que não se consolidaram.

A modernidade da cidade começou a chegar às *tabankas* com veemência e muitas pessoas não conseguiram acompanhar o ritmo da ‘evolução’ e decidiram regressar ao interior. A mulher que Papai encontrou na Luta – Yulé – foi uma dessas pessoas que não suportou a dinâmica da modernização:

Papai recusou trocar a mulher do mato pela da praça, mas Yulé Bitna não foi capaz de se adaptar às novas exigências dos centros urbanos. Não conseguia entender-se com as mulheres do agregado familiar do marido. Apesar de nova e bonita, não conseguia compreender qual a necessidade de todo esse apertar de roupas curtas, esse *queimar* de cabelos, esses lábios e unhas pintadas, andares bamboleantes para chamar a atenção dos homens. (ibid, p. 41, grifos do autor).

O modo de vestir e apresentar-se diante da sociedade faz parte das dinâmicas de modernização pós-independência, considerando que a Guiné-Bissau, com o fim da Luta, foi se formando uma nação híbrida, porque não dava

para apagar, completamente, as marcas da invasão. Conforme o narrador da obra, Yulé “Libertou-se da tirania da civilização do branco incrustada na mente dum preto.” (ibid., p. 41). Neste sentido, cabe-nos ressaltar que a forma de vida das *tabankas* consistia em um sistema próprio de organização da estrutura social, a partir da cultura de cada grupo social.

O retorno da jovem para as suas origens geográficas e sociais encabeça uma discussão importante acerca do pós-independência, sendo nítido que o projeto de unificação dos povos e da formação da identidade nacional falhou, e isto, devido a uma inconsistência do projeto, que embora tenha sido planejado para *posteriori* à independência, teve vida breve e foi-se esfumando em pouco tempo após a derrota dos invasores. A “[...] ausência de sinais de desenvolvimento e o PAIGC mergulhado nas próprias contradições ideológicas [...]” (CANDÉ, 2013, p. 2019), para a autora, são dois fortes motivos que adiaram o desenvolvimento do país, impedindo-o de alavancar e promover “o ideal projetado de nação tencionado por Cabral” (ibid.).

Ainda, neste ensejo, o personagem Benaf também nos direciona a pensar a nação a partir de seu regresso à Guiné-Bissau, isto porque,

Logo à chegada, os mais experimentados ensinaram-lhe que os senhores da guerra eram vulneráveis à adulação dum recém-doutor. Esmagados por complexos analfabetais, e pela doutrinação dos *outros*, sentiam-se reconfortados ao serem obedecidos pelos intelectuais da nova vaga. (BARROS, 1999, p. 57 – grifos do autor).

Para isto, o narrador descreve qual roupa Benaf usou para o funeral do tio, e logo observa que o jovem usaria um fato (paletó), assim como na Europa, pois os comandantes dos combatentes estariam presentes, e ele não poderia perder aquela oportunidade para impressionar os novos coronéis, almejando conquistar alguma vaga no governo para ascender socioeconomicamente. Essa política de bajulação tornou-se uma realidade frequente no país.

Jorge Otinta (2011) entende que o PAIGC fechou-se dentro de uma bolha, tornando-se impermeável e fugindo dos seus ideais; com algumas exceções, “a maioria caiu num conformismo que a impediu de se superar, quer politicamente e quer do ponto de vista cultural” (OTINTA, 2011, p. 150). Além disso, ainda em

conformidade com Otinta, a classe política dirigente, ou melhor, a elite, tornou intocáveis os que estiveram na luta para atribuir-lhes privilégios devido a sua participação histórica e, assim, fazer a manutenção do poder. Neste sentido, Benaf seria essa nova elite que pretendia viver para/da política, embora seja capaz de perceber as contradições, mas claramente já assumiu uma posição, que ele sabe ser contraditória.

Um outro fator importante a observar é que o PAIGC se tornou um partido opressor, em que todos os que eram contra o seu posicionamento sofriam repressões e podiam ser assassinados. Em outras palavras, ninguém ousaria questionar a soberania do partido.

De acordo com Moema Parente Augel (2005, p. 269),

Ao recusarem um caminho único para o discurso da nação, os escritores sabem que não é praticamente possível orquestrar a imagem do país sem enfrentar a desarmonia e a fragmentação. Para compor essa nova imagem foi e está sendo necessário buscar desvios e descaminhos, renunciando a idéias de harmonia e integração. Diante das ruínas da história, dos escombros do ideal não realizado, a pátria gloriosa e vencedora não passa de uma abstração; o clima é depressivo, sombrio; mas, na Guiné-Bissau, sem melancolia. Os escritores do fim do século, arautos e espelhos de seu tempo, enfrentam a realidade pela tangente da fantasia. Vão desencavar novos significados pelas fendas dessas ruínas, sacudindo as pedras derrubadas, construindo um novo conteúdo, uma nova significância.

Filinto de Barros, em seu “pequeno exercício de ficção”¹⁴, nos faz imergir em um cenário repleto de desconfortos, disputas e desarmonia, pois o autor revela as obscuridades da luta que, embora tivesse sido vista como “gloriosa”, trouxe muitas contradições e injustiças cometidas, ou seja, traições dentro do próprio seio dos que estavam envolvidos no processo. É a partir das críticas tecidas, sobretudo a corrupção e o atraso da elite, por não promover o desenvolvimento do país, que é possível configurar esta obra como uma narrativa

¹⁴ Aqui, o sentido do substantivo “pequeno” não pode ser lido de forma literal, pois o autor não quis desmerecer sua obra, pelo contrário, reconhece que é uma inauguração literária. Trata-se de uma escrita que tem contribuído para a abertura de outras tessituras da História Bissau-guineense. Como visto anteriormente, Filinto de Barros não criou rótulos para a obra, apenas considerou como esse exercício de ficção, nada “pequeno”, e que possui uma dimensão importante no cenário sociocultural do país, corroborando para a compreensão de como está se formando a nação pós-independência.

histórica e importante no entendimento da Guiné-Bissau atual. Ao ler o romance, o leitor toma consciência de que a história oficial, ainda sobre um ponto de vista hegemônico, suprimiu muitos fatos importantes e que o romance, enquanto obra literária, trouxe à tona uma face da história silenciada.

Ainda em conformidade com Augel (2005, p. 271),

Na Guiné-Bissau, os fatos do passado foram instrumentalizados pelo discurso “oficial”; a História esteve primeiro sob a influência do colonizador, depois da alta esfera militar e da elite urbana, refesteladas no “berço esplêndido” das glórias e dos privilégios passados. A função do acervo literário contemporâneo guineense tem sido, entre outras, justamente esta: preencher os bolsões de silêncio, recuperar pela via da metáfora a história que não foi contada.

Sendo uma comunidade política imaginada, como discute Stuart Hall (2020), em *A identidade cultural na pós-modernidade*, é que a obra de Barros se configura como uma narrativa de si mesma e que pode despertar a tomada de consciência, forjando a consolidação do sentimento nacional e da própria nação, conforme aponta Augel. A hegemonia do discurso histórico foi uma estratégia das classes dominantes guineenses (os “donos do PAIGC”) para transmitirem a história da nação, utilizando-se do privilégio de terem estado na Luta, como forma de manter-se no poder, dado que, no pós-independência, com a escassez da imprensa e outros meios de comunicação, a rádio era uma ferramenta eficiente, além do “*recado ku no tem pa konta*”.¹⁵

Os personagens de *Kikia Matcho* desmitificam as falácias da classe dirigente, e isto se pode verificar nos questionamentos de Benaf acerca da contradição em torno da morte do tio e da situação em que ele se encontrava antes de morrer: desamparado e sem o digno reconhecimento (memorialístico e financeiro), pois haviam lhe prometido uma aposentadoria com valor elevado, mas a realidade foi contrária.

O romance desvela uma nação formada, a partir de um sistema neocolonial, no qual as mentes dos dirigentes estavam em pleno estado de

¹⁵ Expressão em Língua guineense, que em tradução nossa, significa a informação que temos para passar adiante”.

reflexo colonizatório. A nova ordem era excluir as classes populares, que outrora tinham sido conclamadas a unificar-se em prol da Luta.

Uma outra personagem, indispensável na discussão acerca das condições deploráveis do país, é Joana, enfermeira, a sobrinha do falecido 'N Dingui, que migrou para Portugal, com o objetivo de conseguir dinheiro para prover o seu sustento, ou melhor, para sobreviver aos fracassos da vida. Diferente de Benaf, que foi e assimilou com intensidade a cultura do outro, a ponto de negar a sua, ela manteve firme a sua nacionalidade, reconhecendo suas origens e respeitando as tradições culturais de seu povo, porém, aceita a cidadania portuguesa e poucos benefícios que trariam para ela sem negar a sua *guineendade*, apenas por estratégia.

O narrador nos informa que a situação em Lisboa não era tão diferente de Bissau, tal que todos os guineenses que migraram para lá eram considerados como um bloco homogêneo: todos eram africanos e tratados com a mesma postura marginalizada. Como o romance apresenta as narrativas de forma retrospectiva, após apresentar as condições de Joana em Portugal, somos informados sobre as motivações de sua partida para a terra dos *colons*.

Pela descrição que o narrador faz de Joana, ainda em Bissau, nota-se que ela obteve formação no próprio país e tentou ajudar a nação, exercendo sua função de enfermeira, mas a situação era tão caótica, que começou a sentir as dificuldades com o racionamento de comida, a falta de estrutura e de condições básicas para viver; e esses fatores também contribuíram para a sua partida:

No serviço passou a reinar a incompetência. Os novos chefes percebiam de tudo menos do assunto. Treinados à pressão, nos *centros especializados de propaganda* sites para lá do Muro de Berlim, experimentavam sérias dificuldades para lidar com a nova realidade.

Joana quis ajudar mas o poder político não permitia. (BARROS, 1999, p. 20).

Havia muitas pessoas ocupando cargos e posições no novo governo sem nenhuma competência; estavam lá porque assim quis o regime político. O objetivo dos novos administradores era manter a hierarquia e o status sem preocupar-se com o progresso, a qualidade da saúde e da educação. Foi ao perceber esses desalinhamentos e contradições no seu país “carente de recursos humanos

capazes” (ibid), que Joana decidiu migrar, assim como muitos de seus colegas de Bissau.

Os revolucionários corromperam-se, dando lugar, segundo Barros (1999), ao aburguesamento do campesinato. Com isso, a intenção de Cabral, outrora, em derrubar a burguesia, esfumou-se do pensamento dos revolucionários, que inverteram toda a ordem, caminhando contra o princípio da Luta: democratizar o país, possibilitar o seu progresso e transformação em todas as camadas.

Joana recorda-se com constância da conversa com o tio, quando de sua partida para Portugal, este tentou impedi-la, alegando que ficaria malvisto pelos companheiros da luta, porque, se ela migrasse, adotaria a cidadania portuguesa e negaria a sua nacionalidade, mas, pelo contrário, ela foi e não negou sua *guineendade*, apenas aceitou os termos dos *colons* (a adoção da nacionalidade) para conquistar uma progressão na vida.

A relação de Joana com o tio havia sido minada, desde o momento em que ele fora contra a sua partida para a Europa, afirmando que a esqueceria. Em seu diálogo com o tio, antes da migração, ‘N Dingui demonstra que sua preocupação não era a viagem da sobrinha em si, mas a repercussão que ela teria, pois o interesse em defender a honra da Luta estava acima de tudo e é por essa razão que Joana exclama:

- Mas, tio, tenta compreender! Toda a gente está a fazer o mesmo! Além disso, vocês não criaram nenhuma condições para nós. Nos serviços, só os que lutaram no mato é que ocupam postos de comando. E se ainda soubessem do assunto!... (BARROS, 1999, p. 22).

O tio acusou Joana de trair a pátria, mas ela logo intervém: “- Que traição, titio?! Abre os olhos! A tua revolução já foi traída há muito! Eu vou mais é ganhar dinheiro seja como for!” (ibid). Nesse breve diálogo entre o ex-combatente e a sobrinha – a nova geração – observa-se que a nação estava sob o domínio de novos colonizadores, autoritários e que instauraram um cenário de miséria, fome, massacres, golpes e corrupção. O país seguia o modelo capitalista dos colonizadores, ainda que, de todo, a culpa não fosse apenas da nova burguesia, porque, sabemos que o colonialismo tem seus efeitos repercutidos até os dias

atuais, sobretudo, com a imposição da cultura dominante sobre o outro – o guineense.

Foi com a “transferência político-administrativa do poder” na Guiné-Bissau que, a partir de 1974, o PAIGC se viu no processo de reger o início da Primeira República e gerenciar a máquina burocrática. Com isso, houve bastante desequilíbrio e conflitos para a nação, por parte dos novos administradores.

Neste sentido, Rui Semedo depreende:

Não obstante, apesar de ser um regime eminentemente de ditadura militar, os comissariados (termo na época equivalente aos ministérios) foram assumidos por militantes que desempenhavam funções políticas durante a revolução na sua grande maioria, situação evidenciada no Decreto Lei nº 3/73 de 24 de setembro que dispõe sobre a nomeação do governo. Enquanto os que se destacaram mais por habilidades militares, na sua maior parte, concentraram-se nos quartéis ou no desempenho de funções de governadores nas regiões ou de diretores gerais em repartições públicas, tanto de um como do outro lado, era visível a escassez de técnicos com qualidade necessária às exigências administrativas. (SEMEDO, 2011, p. 98).

Essa transição do poder gerou um Estado-Nação que, para além dos resquícios coloniais, seguia o modelo político-administrativo do opressor, trilhando a linha do neocolonialismo. Esses cargos eram distribuídos a bel prazer, sem haver uma preocupação com a formação de quadros e o processo democrático, pois os critérios estabelecidos para selecionar os funcionários do governo detinham-se na participação do sujeito na Luta. Semedo (2011, p. 104) observa:

Em linhas gerais, como se pode afirmar, a ausência de uma elite organizada na Guiné que assume o papel de vanguarda tanto do ponto de vista intelectual, quanto econômico e social contribuiu para criar dificuldades no exercício e no aperfeiçoamento do poder no âmbito de desenvolvimento de políticas públicas.

Em *KM*, para além de Filinto de Barros ter levantado a discussão em torno do novo modelo administrativo, que não difere tanto do colonial, somos levados a refletir também sobre os conflitos e ruínas dentro e fora do partido, pois, com o fim da independência, o legado da união entre os povos começou a ruir, a exploração do homem pelo homem começa a ter lugar de destaque e começaram a surgir diversos conflitos, porque a elite, que deveria promover, sobretudo, a mudança

política e social, ausentou-se de seu papel, e as massas foram as que mais sofreram com o desalento do combate. A partir de todas essas problemáticas já elencadas, golpes de Estado, crise econômica e política passaram a ser constantes na nova nação, e até os dias atuais, os efeitos do (neo)colonialismo têm-se reverberado, sobremaneira, na vida das massas.

O romance também aponta para os assimilados do período colonial, dos que aceitaram - ainda que parcialmente, a cidadania portuguesa, com o objetivo de se beneficiar da vida lusitana e transitar pelos espaços da burguesia. Ainda assim, não deixa de ser africano e tampouco será visto como um português. A figura de Farim representa essas pessoas que se alistaram ao lado dos colonialistas, acreditando fielmente que sua vida mudaria com a vitória dos brancos, mas enganou-se, e após a vitória dos independentistas, decidiu não partir com os *tugas*, pois, ainda que estivesse, por um tempo, ao lado dos brancos, nunca deixou de ser guineense e amar a sua pátria. À altura da Luta, pensou apenas em si, sem comprometer-se com o coletivo.

Os assimilados, no período pós-luta, viram-se desafiados a sobreviver em meio aos escombros da nação, até porque, muitos dos que traíram a pátria, “correndo ao lado dos brancos”, foram perseguidos, tiveram que se exilar, senão seriam mortos pelos novos chefes, que se consideravam os nacionalistas natos.

Apesar de todo o cenário caótico que foi moldando a nova nação, o romance nos permite entender que, tanto os ex-combatentes, como é o caso de Papai, Mana Tchambú, Infali Sissé, quanto à nova geração, Benaf, Joana, buscavam, da sua maneira, formas de reverter o quadro atual, cuja corrupção era sua força motriz, e lutar por uma nação mais justa e que olhasse, de fato, para as camadas populares. Por isso, o narrador afirma:

Mas, em nome de Cabral era preciso salvar o país mais uma vez e assim cumprir mais uma palavra de ordem, agora dada ironicamente pelo seu, até há bem pouco tempo, amigo e companheiro de desgraça, ‘N Dingui, de quem os comandantes nem se quer se dignaram assistir ao funeral. (BARROS, 1999, p. 156).

O narrador faz menção ao fato de a alma do velho ‘N Dingui ter possuído o corpo de uma jovem, para transmitir a mensagem de que era preciso lavar o

sangue derramado e consertar o que estava errado no país. Além disso, todos temiam que a alma do velho (*Kassissa*) andasse por aí, convivendo com os vivos. Tal fato, inerente ao mundo místico e cultural, nos indica, através da metáfora da morte de 'N Dinguí, que os ex-combatentes e a elite intelectual eram os responsáveis por fazer valer o plano cabralista para promover progresso e desenvolvimento da nação.

O narrador de *Kikia Matcho* descreve as condições do Chão-de-Papel, “bairro antigo mas pitoresco” (BARROS, 1999, p. 10), mostrando as suas condições insalubres, o não desenvolvimento e a desatenção dos novos chefes, que focalizavam o mínimo de desenvolvimento social e estrutural nos bairros mais urbanos, desconsiderando que eles são oriundos do chão-de-papel. O efeito de alienação e do processo colonial causou uma rasura na consciência nacional destes.

É válido destacar que os bairros camponeses abrigaram muitos guerrilheiros no período da Luta, ou seja, foi desses bairros, hoje desolados e subjugados, que saíram os grandes lutadores e estrategistas. Por isso, pensar a formação do Estado-nação também requer a compreensão deste espaço enquanto comunidade política, cultural, em que se pode constatar que o romance de Barros descreve, sem ressalvas e timidez, as condições de miséria e ostracismo no país recém-liberto do domínio português, sobretudo nas zonas menos urbanizadas.

Ao descrever a decadência desses espaços e a crítica que se faz ao novo poder – trazendo à cena os ex-combatentes não-gloriosos e colocando em linha de combate a velha e a nova elite –, somos direcionados ao entendimento de que a ideia de nação parte de uma imaginação de lugar comum, considerando a cultura e as línguas partilhadas, assim como, a configuração política do Estado. No entanto, Filinto de Barros aponta muitos indícios do futuro que estava por vir e quais seriam os agentes responsáveis pela transformação do país e a busca por desenvolvimento e progresso.

Hoje, o movimento de *guineendade*, que trata de uma comunidade imaginada, cujos habitantes se reconhecem a partir de um lugar comum – o ser guineense, mas não deixando de lado suas origens étnicas – é uma via pela qual as elites intelectuais (as flores de ontem, frase utilizada por Amílcar Cabral para re

referir as crianças, futuro da nação) têm buscado proclamar e reivindicar um país menos corrupto, mais desenvolvido e que seja capaz de promover educação, saúde e progresso para todos, sem distinção. Entretanto, os muitos golpes de Estado que ocorreram na Guiné e o fracasso dos ideais comunistas dificultam, contudo, não impossibilitam que a nação alcance o seu estado de evolução maior. Mas, mesmo com toda essa fragilidade do Estado, não se pode esquecer dos pequenos avanços que ocorreram desde a independência até o período atual e, tampouco, invalidar a Luta, ainda que esta tenha causado desilusões profundas.

O romance indica que a formação do Estado-nação, na Guiné-Bissau, seguiu o modelo de Estado europeu, isto porque, durante o processo colonial, o molde estatal que foi construído, importou tais espelhos do Ocidente. Muito embora, os movimentos nacionalistas tivessem tentado resgatar as formas de organização política e administrativa tradicionais e unificar o continente, a predominância do Estado moderno se sobrepôs aos ideais nacionalistas, mas isso não significa que o protótipo de Estado pós-colonial foi literalmente europeu, porque é sabido que os poderes tradicionais também exerciam suas influências, ainda que não predominantemente:

O Estado na África pós-colonial alcançou assim sua eficiência simbólica e política, desvincilhando-se fisicamente das ex-metrópoles por meio de movimentos e ensejos nacionalistas. Todavia, a manutenção do sistema de Estados e fronteiras colonizadoras, bem como a falta do aparato administrativo para se construir o Estado, fez com que muitas fissuras se estendessem para o período pós-colonial. (PEREIRA, 2016, p. 40-41).

Talvez, o que faltou/ainda falta no processo de descolonização do país seja a retomada da consciência nacional e o resgate das culturas tradicionais, que muito têm a contribuir para o desenvolvimento da nação, pois, na impossibilidade de elidirem as marcas do colonialismo, é preciso reconstruir a nação, através dos elementos das culturas orais e tradicionais e ressignificar as modelagens do Estado.

A literatura, enquanto arte, tem ocupado um papel imprescindível de narrar a nação, apresentando versões outras da História. O romance de Barros, como já mencionado anteriormente, cumpre com essa função histórica. Conforme apontou Augel (2005, p. 272):

A auto-reflexão que se conheceu na Guiné-Bissau, na cena pública, até os anos noventa foi quase apenas a dicção hegemônica, sob a forma de discursos oficiais. Os ideais de nacionalidade e de cidadania eram transmitidos ao povo pelos meios de comunicação disponíveis. A imprensa e sobretudo o rádio, indispensável num país de tantos iletrados, foram instrumentos de propaganda e de doutrinação, primeiro do partido clandestino, depois do partido vencedor e único, o PAIGC.

A versão da História que é narrada em *Kikia Matcho* rompe com o discurso hegemônico dos vencedores e expõe as dores e os traumas daqueles que, após a luta, foram relegados à míngua, sem reconhecimento e, tampouco, condições favoráveis de vida e desenvolvimento. A literatura da Guiné-Bissau propicia a conscientização histórica. Mesmo que não pretenda ser História, como aponta Filinto de Barros em sua breve apresentação do romance, contribui para a (re)escrita da História nacional, sobretudo a obra de Barros, que possui tom e caráter testemunhal/histórico.

3 DISCUTINDO ASPECTOS SÓCIO-POLÍTICOS E CULTURAIS EM *KIKIA MATCHO*

A relação entre literatura e sociedade, desde sempre, esteve presente nas narrativas literárias africanas, de modo geral, e guineenses, especificamente. No romance *Kikia Matcho*, essa relação pode ser verificada em todo o enredo, e seus personagens revelam, através de suas histórias singulares, o modo como os conflitos políticos e sociais estão atrelados à ficcionalização de um imaginário real da Guiné-Bissau pós-independente.

Para o crítico literário brasileiro Antonio Candido (2006), não é possível pensar a literatura sem considerar os aspectos sociais, porque cada autor exprime em sua obra (direta ou indiretamente) o contexto social no qual está inserido. No caso da literatura Bissau-guineense, essa relação entre literatura e sociedade foi fundamental na literatura de denúncia social¹⁶, no período colonial e pós-colonial, bem como na contemporaneidade, em que a literatura continua assumindo, também, sua função social. Entretanto, Candido nos fala de certos cuidados ao estabelecer essa relação, porque a literatura existe por si só para: “[...] delimitar os campos e fazer sentir que a sociologia não passa, neste caso, de disciplina auxiliar; não pretende explicar o fenômeno literário ou artístico, mas apenas esclarecer alguns dos seus aspectos” (CANDIDO, 2006, p. 27).

A escrita de Filinto de Barros é permeada pelo contexto histórico e social da Guiné-Bissau, isso, de modo intencional, já que o romance buscou descrever e narrar o universo pós-colonial do país, expondo suas mazelas e o processo de formação do Estado-nação. Estudiosos, como Moema Parente Augel (2007), Jorge Otinta (2011) e Ricardo Agnelo Cá (2021), concordam que essa escrita não é meramente ficcional, porque o “autor-narrador” expôs uma outra versão da história, porém a obra não perde o seu caráter estético e nem deixa de seguir o enquadramento ficcional.

Com a leitura do romance, somos apresentados a uma versão da História nacional, por meio de um olhar contra-hegemônico. Ainda que no plano da ficção, a obra consegue, de forma testemunhal, descrever a situação política do país, em que surgia uma nova colonização, ou melhor, os novos comandantes da nação,

¹⁶ Os poemas de Tony Tcheca, Vasco Cabral, António Baticã Ferreira, Amílcar Cabral, por exemplo, integram a literatura de denúncia.

ao herdarem a postura colonialista, passaram a subjugar os seus pares, e toda a classe menos favorecida passa a padecer com a má administração de um país recém-liberto do assombramento colonial.

A nação é diversa, composta por mais de 30 grupos tradicionais (étnicos) (ARAÚJO, 2012), e cada um possui a sua própria língua. Desta forma, o país tem o português como língua oficial, mas não majoritária, porque apenas cerca de 13% dos nativos falam a língua lusitana (COUTO; EMBALÓ, 2010), e é a Língua guineense (crioulo) de maior predominância. Essa diversidade de povos, *balantas, fulas, papeis, manjacos, mancanhi, mandingas* e outros, enriquece a cultura nacional e fortalece o quadro de pluralidades culturais e étnicas do continente africano.

Dentre os grupos étnicos da Guiné-Bissau, os *papéis* são um dos povos animistas que mais cerimonializam a morte e mantêm uma relação de não finitude. Na obra, quando Benaf recebe a notícia do falecimento de 'N Dingui Có – seu tio, através da rádio, os amigos que estavam no *djumbai*, alertaram-no para o trabalho que o esperava:

- Bem parece que o nosso *djumbai* terminou! Penso que durante estes dias vais estar ocupado com as *cerimónias de tchoro*, dado que junto dos *papéis* isto é muito forte. Coragem e sobretudo muita força e cuidado com o teu bolso! Adeus! (BARROS, 1999, p. 6, grifos do autor).

O trabalho ao qual se referiu os amigos seria o de cuidar dos preparativos para a cerimônia, recepcionar amigos e conhecidos e assegurar que tudo corresse bem, com o intuito de que o tio fizesse uma boa passagem, como zela a tradição. A consternação por parte dos colegas diz respeito a uma cultura de amparo e solidariedade entre os guineenses, sobretudo, em momentos tão difíceis, como o falecimento de um ente querido, muito embora Benaf não estivesse sentindo o luto com tamanho pesar.

O bairro em que o ex-combatente 'N Dingui vivia outrora tinha sido um dos grandes locais em que os antigos senhores habitavam, e os novos senhores, oriundos desse chão, deram preferência à vida na capital, abandonando o seu local de origem. Ao chegar ao local da cerimônia, Benaf, “mais afastado, sozinho

[...]” (ibid), deparou-se com uma realidade que era reflexo da nova administração pós-independência:

Chão-de-Papel, bairro antigo mas pitoresco, entre tantos outros que caracterizam a cidade de Bissau, destituído de qualquer sistema de saneamento básico, praticamente sem água potável e canalizada, sem luz, e casas de barro empilhadas umas em cima das outras.

O bairro era antigo, talvez dos mais antigos da cidade e, com o avanço do alcatrão, a superfície que mantinha o típico dos anos 30/40 ia diminuindo, apesar da luta que os moradores levaram contra a ingratidão dos novos senhores que, tendo saído do bairro, teimavam em desenvolver prioritariamente os outros locais que de história só tinham o facto de serem dormitórios dos novos cidadãos. (BARROS, 1999, p. 10).

O chão-de-Papel deveria ser olhado com atenção, porque era o centro da história colonial, foi dali que saíram mentes brilhantes que lutaram contra os colonizadores, como dito anteriormente. O próprio N Dinguí, que serviu ao país, viu-se desolado e numa condição de vida precária, tudo isto fruto da ineficácia do Estado em formação e de sua própria desilusão para com os anos da Luta.

Tal situação remete ao que Djaló (2020) chama de contradição com o plano de Amílcar Cabral, que visava ao alavancamento da agricultura como motor de desenvolvimento do país, isto porque, ao afastar-se das zonas rurais, os novos dirigentes centralizaram a administração na capital – Bissau, e só se recordavam dos habitantes das zonas rurais em períodos eleitorais. Essa política do abandono nos permite comparar com o caso do Brasil (e não só), em que, na maioria dos casos, os políticos dão atenção aos moradores de zonas subalternizadas, interiores (sertões, por exemplo) com o objetivo, apenas, de angariar votos e, nisto, fazem grandes promessas, na tentativa de ludibriar o povo. Porém, com o alcance de seus objetivos, esquecem que aqueles eleitores existem, são apenas números nas estatísticas.

A condição socioeconômica dos ex-combatentes, que deveriam ser honrados e glorificados pelo feito na luta, contradiz o discurso hegemônico do partido em exaltar os intelectuais de ontem. Pelo contrário, qualquer pessoa que fosse parente de algum dirigente poderia se beneficiar do novo governo, inclusive, receber a pensão que cabia aos ex-combatentes.

A cidade de Bissau parece mergulhada ou adormecida na escuridão da falta de luzes, e também, simbolicamente, na escuridão da falta de perspectiva de vida, o que tornava a população ainda mais triste. O enredo mostra que a cidade de Bissau encontra-se numa crise de instabilidade política, fruto de “kampo kinti, kau di firma ka tem”, o que quer dizer (a situação está difícil para todos). É neste contexto, que o romance Kikia Matcho aparece para questionar a “modernização” do novo Estado-Nação e a desestruturação dos setores políticos e econômicos. (CÁ, 2018, p. 19).

Nesse bojo, cabe-nos inferir que o rompimento dos ideais do PAIGC aconteceu imediatamente, após a independência, abdicando do legado do grande líder político – Amílcar Cabral – e instaurando no país uma política neocolonial ou, como nos ensina Freire: o sonho do oprimido não liberto é tornar-se opressor, quando ocupa um lugar de poder. A modernização da qual nos fala Ricardinho Cá (2021) é o mesmo processo descrito por Paula Pinto (2009), compreendendo que

A presença dos europeus trouxe dois fenómenos modernos determinantes, a urbanização e o sistema de valores económicos e sociais. Estes distinguíam-se significativamente da organização social e económica de várias das sociedades tradicionais africanas. Em muitos casos, as economias tradicionais africanas regiam-se (regem-se) pela ética social, na propriedade, na produção e na distribuição. Essa ética social identifica-se com a preservação da comunidade, em que Marx como Amílcar Cabral viram algo semelhante a um comunismo primitivo. Este sentido comunitário estende-se não só à família ou etnia, mas também ao espaço que ocupam, ao meio ambiente em que se inserem, porque nele habitam os seus antepassados. (PINTO, 2009, p. 21).

No romance, esse processo de urbanização é visível com a centralização dos novos senhores, na capital, concentrando o mínimo de desenvolvimento econômico e de infraestrutura nos grandes bairros, tornando os centros periféricos cada vez mais deploráveis e impossíveis de serem habitados. Na cerimônia de *tchoro*, quando amanhece, Benaf constata a realidade do bairro ao qual vivia o tio, observando que

O bairro parecia-lhe mais feio e miserável. Ao menos a escuridão servia para alguma coisa!

Com o alvorecer, Benaf descobriu não só aquilo que a escuridão escondia, a fealdade do bairro, mas igualmente a pobreza dos moradores estampada fundamentalmente na casa que estava servindo de velório ao seu tio.

Era uma *palhota* velha, com cibes já gastos a sustentar a armadura do tecto. A palha que servia de cobertura era escura, sinal do tempo, sinal igualmente de que haviam passado muitas chuvas, sem mudança. (BARROS, 1999, p. 43).

São nesses momentos de observação da realidade do país que a obra, através de Benaf, critica a contradição do discurso do partido frente à realidade posta aos olhos de toda a sociedade: um ex-combatente que morreu à míngua, sem apoio da família, dos amigos e tampouco do partido - a nova administração. Benaf, que viveu na Europa, tendo contato com a vida lusitana, comparou a realidade de Bissau com a que vivia em Portugal, “porque a ele, o escândalo da extrema pobreza escandalizava” (ibid). Se não tivesse migrado, graças ao tio, também compartilharia desta mesma realidade e, segundo o narrador: “Num passado recente, Benaf teria tido a mesma postura, isto é, não teria dado importância alguma a esta pobreza” (BARROS, 1999, p. 44).

As pessoas haviam se acomodado com a situação que lhes fora imposta. Conforme o narrador, pareciam felizes mesmo estando na pobreza, e isto por não conhecerem outras realidades e seus direitos cidadãos é que se conformavam com o cenário contemplado. Neste sentido, torna-se possível refletir sobre a importância de uma educação libertadora e transgressora, o que não aconteceu em Bissau no pós-independência, porque as escolas (poucas) seguiam a linha europeia, ou seja, ensinavam para melhor doutrinar; e o número de guineenses que frequentavam o ensino era baixíssimo.

3.1 RETRATOS CULTURAIS GUINEENSES

O falecimento do ex-combatente, que é o centro das discussões do romance, possui ganchos para diversas outras centralidades. O aparecimento do Kikia (coruja/mocho), que titula a obra, é um fato cultural muito presente nas culturas guineenses, por ser uma ave de agouro, mensageira de más notícias e da morte. Quando Benaf foi preparar-se para ir ao velório do tio, ao fechar a janela, avistou um *Kikia*, e logo o afugentou. Estranhou o fato de um *Kikia*

aparecer de dia, mas por não estar vinculado às crenças populares, não deu tamanha importância.

Para ele, diferente de sua prima Joana, essas questões não exigiam preocupação porque, após anos de vivência na Europa, parecia ter esfumado de seu ser qualquer ligação cultural com o seu país. Papai, que também viu o Kikia com o rosto do falecido e ainda ouviu gritos de socorro, estranhou, mas por não acreditar fielmente nessas crendices, não deu devida importância, até que aquilo começou a agoniá-lo, deixando-o abatido. Ao chegar ao bar de Mana Tchambú e ser questionado sobre o fato de estar em tal situação, ele acaba abrindo-se para a dona do bar e ela aconselha-o a procurar um *Djambakus*¹⁷, porque aquela visão não representava nada de bom.

Essa aparição, em comum, para os sobrinhos e amigo não é uma mera coincidência, trata-se de uma articulação entre o mito e a realidade para desencadear discussões acerca da situação em que se encontrava a Guiné-Bissau e das mudanças necessárias para provocar uma organização cósmica e terrena.

Depois do velório, já pela manhã, Papai dirige-se a sua casa e escuta um barulho estranho que vinha da janela. “O que viu deixou-o aterrorizado! Um mocho olhava fixamente para ele. Um Kikia, ave de mau agoiro!” (BARROS, 1999, p. 37). Depois de muito insistir para afugentar a ave, ela resolve bater asas e partir, “[...] seguido de um grito longo e profundo que se perdeu na noite. – Yai... oi! Sacuuurr... oi! i mata, oi! i mata, oi!... o... iiiii!¹⁸” (ibid).

O que mais causou espanto em Papai foi o fato de a ave ter gritado, como quem lamuria por estar numa situação bastante sofrida e a sua aparência lembrar o rosto de um ser humano, mais precisamente o de seu amigo, N Dingui. Papai ficou estarrecido com tal aparição, nunca em sua vida havia presenciado tal cena.

Depois de descrever a aparição do *Kikia* para Papai, o narrador adentra o universo de sua vida amorosa, relatando o abandono e solidão do velho sonhador, que perdeu sua mulher com o fim da guerra, porque esta não suportou a modernização dos centros urbanos, já que estava adaptada à vida no mato, e partiu, regressando as suas origens; enquanto Papai vivia numa situação muito

¹⁷ Conselheira/o espirititual.

¹⁸ Grito de lamúria na língua Papel.

semelhante à de N Dingui, muito embora a utopia da Luta fosse o combustível que o mantinha de pé.

A relação de Joana com o tio N Dingui foi estremecida desde que ela migrou para Lisboa. Por essa razão, desligou-se dele e não ofereceu nenhum apoio moral e/ou financeiro, como os demais membros da família e amigos. Quando recebeu a notícia de seu falecimento, não teve “qualquer emoção” (BARROS, 1999). Segundo o narrador, “Joana tinha perdido toda a sensibilidade desde que chegara a Portugal, à procura duma vida melhor”. (ibid).

Cabe ressaltar, ainda em conformidade com o narrador-escritor de *KM*, que Joana não queria migrar, pelo contrário, na condição de enfermeira, queria ajudar o país, porém, “o poder político não permitia” (ibid). A condição socioeconômica, a incompetência no setor de trabalho por parte dos novos chefes, formados sob pressão e que não entendiam do assunto, somada à desilusão da independência, serviu de impulso para que Joana migrasse. Em outras palavras, podemos dizer que ela não migrou por assimilar a cultura do outro, mas por conta do cenário desesperador de Bissau. Joana transita entre os dois mundos: o tradicional e o moderno.

Na noite anterior ao recebimento da notícia do falecimento do tio, Joana tinha sonhado com ele. Em conversa com Djaló - “ex comando fugido das vinganças do Partido pelas atrocidades que cometera” (ibid), ela relata que: “– Foi um sonho diferente, anormal, muito atormentado. Via a cara do tio mas o corpo não era de homem, sim de mocho!” (ibid) [sic]. Após o diálogo com o amigo que foi solidarizar-se com a perda, ele sugeriu que Joana procurasse uma *Djambakus* do Laranjeiro, porque sonhar com *Kikia* não era coisa boa. Ela, que não costumava dar ~~tam~~ tanta importância para essas questões míticas, ficou preocupada a partir das recomendações do amigo e seguiu tais orientações.

A visita que recebeu dos amigos, em solidariedade ao momento, foi importante para o narrador discutir a condição dos assimilados em Portugal, a migração e as condições de vida em Lisboa. Verifica-se que, a partir do encontro de Joana com os amigos – dos que partilham de uma mesma realidade - a condição de estrangeiro, há uma conjuntura para discutir o problema da ausência de uma consciência nacional, em que muitos guineenses migraram por acreditar

que a lusitanidade era melhor do que a guineendade. Vê-se aí o processo de apagamento de várias identidades, originando um conflito entre dois polos.

Em suas recordações da última conversa que teve com o falecido sobre a sua imigração, Joana explicita o seu posicionamento referente à situação de Bissau, como é possível verificar no diálogo a seguir:

- Vais optar pela cidadania portuguesa! Isso significa que terás de renegar a tua nacionalidade, dizer não à nossa LUTA.
- Mas tu sabes que sempre te apoiei nessa Luta! Só vou tomar a nacionalidade por conveniência. Tenta convencer os teus companheiros. (BARROS, 1999, p. 21).

Ainda que a relação entre ambos tenha se abalado, no fundo, restava o parentesco, e a notícia da morte, mesmo não tendo causado comoção, inicialmente, despertou Joana para tais memórias. O sonho estranho que teve a tirou de sua zona de conforto. Assim como no caso de Papai e Benaf, as aparições do *Kikia* e de 'N Dingui são uma tentativa de comunicar aos sobrinhos e amigo que despertassem para o que estava acontecendo em Bissau e que algo precisava ser feito em nome do concerto e da reorganização nacional.

Filinto de Barros foi muito assertivo quando uniu elementos culturais e místicos com as questões de ordem política e social, pois conseguiu demonstrar a relação entre a organização sociopolítica do país e as questões culturais, além de levantar uma reflexão acerca do lugar da tradição do desenvolvimento do país, visto que, como aponta Pinto (2009), a Guiné-Bissau era regida pela ética e moral, tendo uma organização política pautada dos valores no comunismo.

Com a conquista da independência, o capitalismo passou a ser importado na Guiné-Bissau, configurando um sistema político muito mais próximo da Europa do que dos valores e tradições africanas.

3.2 TIA *BURIM MUDJO*: LUGAR DE ENCONTRO DA DIVERSIDADE DE PENSAMENTOS

No bar de Mana Tchambú, havia espaço para todos. Era um lugar de refúgio para alguns ex-combatentes e sobreviventes da catástrofe que fora instaurada em Bissau. Assim como N Dingui Có, muitos outros desiludidos viram

no álcool sua motivação de vida. Foi no bar de Tchambú que Papai conheceu novos amigos, ao partilharem de um sentimento comum: o da desesperança:

Na Europa chamam-lhe os sem-abrigo. Aqui eles têm abrigo já que a solidariedade africana obriga a que cada um partilhe o que tem, mesmo que não consiga satisfazer as suas necessidades mínimas. A noção do mínimo para a existência perdeu qualquer sentido nessas paragens onde tudo é tão baixo, tão baixo... (BARROS, 1999, p. 60).

A figura do abrigo em Mana Tchambú enseja uma reflexão acerca da capacidade de união de diferentes singularidades em um mesmo espaço. Noutro contexto, Papai – representando os ex-combatentes, jamais aceitaria compartilhar o mesmo espaço que Farim – o homem que lutou contra os independentistas, tendo se ajuntado pois, aos *tugas*. Por ser conservador e orgulhoso dos anos da Luta, Papai não aceitava qualquer insulto aos seus camaradas. Defendia profundamente a história da Luta, conservando sempre o orgulho e o patriotismo.

Por meio de sua boa acolhida, Mana Tchambú conseguiu agradar e servir aqueles homens desiludidos, na verdade, ela também partilhava da mesma solidão e do reflexo de um Estado que “teimava em manter-se na escuridão do colonialismo” (BARROS, 1999).

No bar da Mana, Papai chega triste, diferente e, por essa razão, os outros clientes do Tia Burim Mudjo zombam dele com piadas referentes à Luta, mas Papai, por estar mergulhado na tristeza pela morte do camarada, e ainda mais com a aparição do *Kikia*, não reagiu a tais insultos.

Mais tarde, Papai acaba por desabafar sobre a aparição do *Kikia*, explicando com detalhes o ocorrido, o que causa espanto nos presentes, por saberem e acreditarem no poder premonitório da ave, e o que ela representa dentro das crenças populares guineenses. Mana Tchambú recomendou que Papai fosse até Na Barisni, uma Djambakus local, para verificar a origem e razão de tal aparição, alegando que, talvez, o morto quisesse contactar o velho amigo.

O narrador descreve que Djámanca, ex-oficial da milícia portuguesa

[...] a quem o álcool tinha afastado da religião de Maomé, vivia odiando e amaldiçoando o dia em que os *tugas* entregaram a terra aos *turras* de Cabral. O infeliz não deixava escapar uma

oportunidade para achincalhar os combatentes, mesmo estes que a miséria comum tinha irmanado. (BARROS, 1999, p. 67-68).

Ao ouvir o relato de Papai e a hipótese levantada por Mana Tchambú de que o falecido queria comunicar-se com ele, logo exclama: “- Oh, deixa lá, não tem importância! Se calhar ‘N Dingui está no inferno e é por isso que veio como *Kikia*! Depois de tudo o que ele fez neste mundo, só no inferno! Devias era ter morto a ave e queimá-la com petróleo! [...]” (ibid).

Essa revolta de Djámanca contra o seu próprio povo é fruto de um projeto maniqueísta dos brancos – uma articulação do sistema colonial para infectar a mente do oprimido, por hora, fazendo-o pensar ser superior aos seus pares só pelo fato de estar ao lado do colonizador, que se aproveitaram de mentalidades simplórias para instaurar o ódio de um para com os outros. Djámanca, conforme nos informa o narrador, é oriundo do Leste guineense, mais especificamente de Gabu, região em que o islamismo é predominante. Ainda, na época colonial, um grupo de militares portugueses foi até a *tabanka* de Sintcham Beli, em Gabu, para convencer os cidadãos de que era preciso combater os do Sul – os *turras* de Cabral, a fim de defender suas propriedades.

Foi nesse embalo que Djámanca aceitou abandonar tudo e alistar-se ao exército português: “Em troca, os portugueses tinham-lhe prometido um regulado. Por azar de Djámanca, a guerra acabou cedo e com a derrota dos colonialistas.” (BARROS, 1999, p. 70). Mesmo que não transpareça, ele não consegue lidar com as memórias das barbáries que cometeu a mando da PIDE, e é para tentar afugentá-las que ele vê no alcoolismo uma saída, isto pela fragilidade que se encontrava o seu ser.

Observa-se que, assim como Djaló, em Portugal, Djámanca, no fundo, sabe que ter lutado ao lado do inimigo não lhe garantiu nenhuma bonança, pelo contrário, é atormentado pelas memórias de suas ações. Na condição de assimilado, acreditou no discurso do branco, aguardando uma vida equiparada aos dos senhores portugueses, mas a realidade dura e intragável dos companheiros de solidão, em Mana Tchambú, era também compartilhada por ele.

Dentre os presentes, no momento do relato de Papai sobre o mocho, o único ex-combatente e colega era Infali Sissé, que sempre se sentava no fundo do bar. Segundo o narrador, este homem ficava em silêncio, com o copo cheio,

comumente; tinha um ar de quem já viveu de outra forma mais rica e que não precisava de ajuda, inclusive do aconchego de Mana Tchambú. Por conta dessa não dependência, a dona do bar não gostava da presença do homem, embora este fosse um cliente assíduo.

A razão pela qual a dona do bar não se agradava com a presença de Infali Sissé se dá pelo fato de ele não permitir que ela exercesse qualquer tipo de controle sobre ele, mesmo estando em condições desfavoráveis de embriaguez como os demais, isto porque, a postura resguardada e repleta de incógnitas tornava-o alguém inacessível aos caprichos dela – que, segundo o narrador, exercia o controle sobre seus clientes como uma forma inconsciente de vingança pela postura autoritária e arrogante daqueles que antes eram os grandes combatentes.

Por outro lado, Infali Sissé representa a heterogeneidade dos ex-combatentes; ele é a projeção daqueles que se envergonharam das atrocidades cometidas pelos seus ex-companheiros e as falhas do próprio sistema, que ele, outrora, fez parte, mas reconhecendo a importância da Luta.

O texto literário narra em detalhes a representação de um cenário que fez parte do país “independente” e que se estende aos dias atuais. A figura de Infali Sissé (nome de guerra), cujo nome verdadeiro não fora revelado, andou por muitos lugares e conheceu muitas culturas distintas. É um homem dessemelhante dos que fizeram parte da luta; integra a pequena elite dos ex-combatentes. Imagina-se que teve um nível de escolaridade avançado:

Era o único que mantinha família, melhor dizendo, que havia conservado a família da Luta, apesar da distância cultural! A companheira, Apili como lhe chamou o poeta da Luta, vinha assiduamente buscá-lo, quando totalmente encharcado em álcool e urina. (BARROS, 1999, p. 71).

O referido Infali Sissé era um homem misterioso que, assim como os demais ex-combatentes apresentados na narrativa, estava morrendo à mingua dia após dia. Dentro em breve, ele teria o mesmo destino que ‘N Dingui. Entende-se que a razão pela qual ele mantinha-se anônimo seria a possibilidade de transitar entre o passado e o presente, sem grandes interferências de seus pares. Na condição de alguém que traiu os princípios da luta, ao retirar-se do grupo,

necessitava de uma dupla vivência para ser parcialmente aceito na sociedade atual.

Ainda em conformidade com o narrador:

Mesmo nesses momentos em que deitava cheiro acre de urina, a cambalear nos braços da mulher, o homem do olhar distante mantinha o seu silêncio e olhar vítreo, como quisesse dizer: *Este não sou eu. Eu estou longe, muito longe daqui. O que vocês vêem é o meu fantasma, um ser estúpido que me persegue por todos os lados e não me deixa voltar.* (ibid, p. 73, grifos do autor).

Papai aguardava uma resposta do amigo, aquele que julgava ser um intelectual, e cuja resposta seria racional, porém, Infali Sissé era “incrédulo em tudo, até nas virtudes de Cabral” (BARROS, 1999, p. 73) e pronunciou as seguintes palavras:

- Calma, Papai! Um *Kikia* é um *kikia* e nada mais! Mesmo quando nos parece ter cara de alguém, não passa de ilusão da nossa parte. Deve ser do impacte da morte do 'N Dingui. Vocês eram amigos de longa data e mais, deves estar a ver o teu futuro na morte do outro. Não percas tempo com essa de *Djambakus*, não vale a pena. Nada existe nesse inferno a não ser a morte. Mesmo dessa não devemos ter medo. É preciso irmos ao encontro dela, só assim podemos vencê-la. (ibid).

É interessante a forma como Filinto de Barros construiu a narrativa, por meio de vários *flashbacks*, assim podemos entender a relação entre os personagens, como no caso de Infali Sissé e Papai. Após a cena supracitada, o narrador volta ao reencontro de ambos, denotando que Infali Sissé desertou do partido, ainda no período da Luta, por entrar em choque com os métodos de Cabral, complementando com a informação de que o homem perdeu o sentido da Luta, ou seja, não coloca a culpa no partido, mas em si mesmo.

Neste sentido, infere-se que a figura de Infali rompe com o discurso harmônico e homogêneo da luta, ou melhor, com a romantização do referido processo histórico. Ele é a pessoa que ousou questionar o papel da luta e sua organização, mostrando que nunca houve unicidade total, até porque é impossível pensar por essa via. O desencanto com os ideais da Luta é inerente aos diversos

problemas internos do PAIGC: a disputa pelo poder, a incompetência administrativa e todas as rupturas com os objetivos de fazer para e pelo povo.

Filinto de Barros estava consciente dos impactos que queria causar nos leitores, porque apresenta, até mesmo para quem não conhece o universo guineense, uma narrativa comprometida com o desvelar da história – uma versão na voz dos vencidos, ou melhor, dos sofredores, dos ex-combatentes, das camadas mais baixas da sociedade. Os personagens principais são de gerações distintas, o que denota a importância de se ouvir as vozes de dois momentos distintos da história: o colonial e o pós-colonial.

O narrador demonstra ser alguém que conhece a fundo a história narrada, e muito comprometido em derrubar o discurso hegemônico do partido e dos novos senhores, ele apresenta-se como um ser consciente da realidade a sua volta, sujeito que fala com propriedade. É por essa razão que enfatizamos ser Filinto de Barros um escritor-narrador, como apontou Otinta (2011) em sua pesquisa.

As denúncias realizadas pelos autores pós-coloniais, com é o caso de Filinto de Barros, são um movimento que faz parte do caráter reivindicador e questionador das literaturas africanas de língua portuguesa. Apontar o caráter sociológico da literatura guineense nos permite ir além de uma categorização, porque é a literatura um mecanismo social e poético de formação da nação, e é no texto literário que a ideia de Estado-nação ganha contornos mais nítidos. Em outras palavras, queremos enfatizar que o papel da literatura em sociedades, como a Guiné-Bissau, está imbricado no devir Nação, porque é a partir das experiências literárias e artísticas, de modo mais abrangente que se alicerça a tentativa de concretização do território-nação, pensando através de um modelo híbrido: europeus e africano.

A literatura de Filinto de Barros busca evidenciar o passado, assim como acontece com as literaturas Angolanas, Caboverdianas, Moçambicanas e santomense, que são nações cujo processo colonial é semelhante, bem como, o período de tomada de suas respectivas independências. O resgate do passado se justifica pela necessidade de recuperar os valores e culturas tradicionais para compreender a mítica do presente, com consciência de que, após a invasão dos portugueses, não mais seria possível pensar as nações apenas com a mentalidade do período anticolonial.

Franz Fanon (1964), em *Os Condenados da Terra*, nos convida a pensar na revalorização das culturas impactadas pelo colonialismo, compreendendo que elas não foram totalmente rompidas, e é através desse regaste do passado que será possível libertar as mentes dos oprimidos. No romance, Joana simboliza esse resgate, diferente de Benaf, porque mesmo estando no território inimigo, passando pelo processo de modernização, ela mantém parte de sua cultura e tradições vivas, cultivando-as no momento de luto pela partida do tio 'N Dingui Có.

3.3 LITERATURA E SOCIEDADE: SÍNTESE SOCIOCULTURAL GUINEENSE EM KIKIA MATCHO

O sistema colonial implantado na Guiné-Bissau, assim como nas demais colônias portuguesas em África, causou um atraso no desenvolvimento político-social destas nações. O alto índice de analfabetismo no país, devido a pouca quantidade de escolas e o próprio sistema escolar, fortemente influenciado pela Europa, alinhados a uma má administração pública e a falta de políticas de desenvolvimento, colocou a Guiné-Bissau em atraso e retrocesso. O sistema político que vigora atualmente vive sob constantes instabilidades, isso porque, a velha guarda não quer renunciar seus privilégios, colocando-se sempre em disputa a com novas linhagens políticas e, com isso, não investem em educação, saúde e infraestrutura, e visa apenas seus interesses pessoais.

O país sofreu diversos golpes de Estado e, recentemente, em 2022, correu o risco de a cena se repetir, com sequência de tiroteios próxima a um complexo do governo. De acordo com a notícia veiculada no **Estadão**, o presidente alega que os ataques estão relacionados às drogas¹⁹. O país que é narrado no romance de Filinto de Barros não se distancia da realidade que é constatada na Guiné-Bissau, atualmente. O primeiro golpe ocorreu em 1980, após a independência, denominado de “movimento reajustador”, tendo sido liderado por João Bernardo Vieira (Nino Vieira), de acordo com Vagner Gomes Bijagó (2011).²⁰ Passados 18 anos do governo de Nino Vieira, o país volta a sofrer outro golpe de Estado, em

¹⁹ Ver Estadão. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/internacional/tentativa-de-golpe-na-guine-bissau-pode-estar-ligada-ao-trafico-de-drogas-diz-presidente/>>. Acesso em: 12 nov. 2022.

²⁰ Ver BIJAGÓ, Vagner Gomes. Os golpes de Estado na Guiné-Bissau: o cotidiano do poder no contexto da diversidade étnica e da construção nacional. 2011.

1998, desta vez, liderado pelo Brigadeiro Ansumane Mané, Chefe do Estado Maior das Forças Armadas, que havia sido exonerado.

Mais recentemente, depois de todos os conflitos e desencadeamentos dos golpes, que só prejudicaram e interferiram no desenvolvimento do país, a Guiné-Bissau sofreu mais um golpe de Estado. Em 2003, especificamente “em 14 de Setembro de 2003, o Presidente Yala foi deposto pelas chefias militares sob o comando do seu líder Veríssimo Seabra; desta vez, um golpe silencioso, sem tiros e nem derramamento de sangue” (BIJAGÓ, 2011, p. 126).

A sucessividade de problemas na Guiné-Bissau, ficcionalizadas pelo romance de Barros, demonstra o quão frágil é o Estado-Nação, tão recente, mas com sérios problemas a serem resolvidos. Para Antonio Cândido (1965), a literatura não está sozinha, ou seja, conta com a presença latente da sociedade na ficção, tornando-se indissociáveis, porque o meio influencia a obra, e sendo a literatura africana um grande meio de (Re)escrita das nações, não há como separar a história da literatura. Desta forma, apropriando-nos de Candido, entendemos que a obra é marcada por discussões de cunho político e cultural.

A obra de Filinto de Barros é influenciada pelas próprias vivências, que utiliza o narrador para expressar a sua opinião sobre a situação sociopolítica da Guiné-Bissau. E como já apontou Augel (2005), Filinto de Barros não é ingênuo, e como forma de arrepender-se de suas omissões e falhas diante do sistema, enquanto político e intelectual (o que concordamos também), parece querer, através de uma narrativa não oficial da História, fazer abrir os olhos da nação para a “verdade” que liberta, e contribuir, de algum modo, para as mudanças necessárias.

O romance, que embora possua o seu estado de ser literatura, por outro lado, se permite ser História, Sociologia, Filosofia e, com essa abertura, Barros capitaliza, de forma assertiva, um ponto muito importante na História do país: a formação do Estado-nação.

A prosa na Guiné-Bissau, que começou a ser propagada a partir de 1994, é recente, se comparada a outros países africanos, ex-colônias de Portugal. Moema Parente Augel, em seu artigo *Ficção ou profecia? Aspectos da prosa contemporânea na Guiné-Bissau*, discute o “poder” de premonição da obra literária, que reflete acontecimentos reais, tempos depois de sua publicação.

Sendo que a obra de Filinto de Barros prevê o futuro da nação independente, tais fatos se confirmam com os golpes de Estado, o fracasso do PAIGC e as instabilidades políticas, isto através das narrativas sobre as diferentes perspectivas do ex-combatentes e de como se formou a nova administração, cuja mentalidade estava fortemente ligada aos moldes europeus e distante das ideias de Cabral.

As críticas literárias, Fonseca e Moreira (2007), ao fazerem um panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, observam que, no romance de Barros:

Uma lembrança presente entre o povo, que não faz parte da herança hegemônica, foi ainda evocada por Filinto de Barros para expor o fato de o combatente morto ter perpetrado atos menos nobres, vergonhosos mesmo, que não se coadunam com a aura de heroísmo que sempre envolve os “combatentes pela liberdade da pátria”. O autor ousou, assim, confessar o lado podre da gloriosa luta pela libertação nacional, o abuso, nunca mostrado às claras, da utilização indevida das armas, evidenciando a perversão da “cultura da guerra”, presente não só no campo inimigo. (FONSECA; MOREIRA, 2007, p. 39).

É indigesta a versão não oficial dos fatos históricos na Guiné-Bissau, sobretudo, porque desfaz a imagem romântica que se criou acerca do PAIGC²¹ e da nova administração estatal. Quando se toca numa ferida tão profunda como esta, mexe-se em toda a estrutura, porque o romance, na medida em que apresenta o lado oculto dos fatos, pode evocar nos leitores um sentimento de retorno ao passado para compreender o presente e, desconstruir as memórias da história que nos foi contado, tornando o processo um ir e vir de voltas no estômago.

No início do ano de 2022, a Guiné-Bissau viu-se perante uma ameaça de golpe de Estado. Segundo o G1, Globo, “No ano passado, o comandante-chefe das forças armadas havia declarado que vários de seus membros estavam preparando um golpe enquanto o presidente estava em viagem ao Brasil”. (G1, 2022). Os últimos acontecimentos na Guiné-Bissau só corroboram para a

²¹ Não pretendemos, em momento algum, negar a importância do partido para a conquista da independência, mas colocamos em xeque a sua autoridade sobre a nação, partindo da própria trama romanesca.

fragilidade do Estado que, mesmo após 46 anos de independência, continua sem grandes avanços.

Filinto de Barros, ao ousar desvelar as cenas omissas da Luta e trazer à tona severas críticas à formação do Estado-nação, não só representa os conflitos e instabilidades do país, bem como, conclama a nação para a (re)tomada de consciência, conforme aponta a estudiosa da Literatura guineense, Moema Parente Augel (2008, p. 2):

Na Guiné-Bissau, a literatura que hoje se está fazendo no país pode incentivar um processo de tomada de consciência, por parte da população (penso na juventude nas escolas sobretudo, representantes do futuro do país), da história coletiva, do sentimento de pertença a uma “guineidade”, sem descuidar das belezas e das singularidades da cultura de cada etnia, respeitando a identidade de cada uma, ressaltando a multiplicidade cultural e contribuindo para o entendimento entre os diferentes grupos e a superação de antigos conflitos étnicos.

O romance, embora descreva um período exato da história, que é o pós-independência, é tão atual, porque reflete sobre os muitos acontecimentos do agora. E mesmo que o autor não quisesse ser crítico frente aos problemas político-sociais, esses se fariam presente na obra, por força do contexto social. Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade*, nos mostra que “[...] a função social independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura. Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, coroada pela comunicação.” (CANDIDO, 2011, p. 54). E é na relação autor – público que se constrói o significado da obra.

A construção de uma representação social na obra configura-se por meio de um processo de análise sociológica e historiográfica do autor, que revisou a história colonial, o percurso formativo do Estado-Nação, com base, também, em suas próprias experiências enquanto político, ativista e guineense. Cada personagem do romance representa as diferentes classes sociais da Guiné-Bissau.

Os personagens Joana, Papai e Benaf avistaram o Kikia, e cabe-nos pensar o que essa aparição simboliza em comum, para além da mensagem de

infortúnio? A aparição da ave não foi uma mera coincidência, pelo contrário, simboliza, na narrativa, a comunicação entre dois mundos: o dos vivos e dos mortos, em que a alma do falecido, que entrou em contato com o universo espiritual, e estava a par da desordem espiritual e terrena, alertava a população sobre a necessidade de reestabelecer a ordem no país para que houvesse harmonia entre os polos.

É interessante pensarmos na relação entre as mitologias guineenses e organização político-social do país, uma vez que, no processo de formação do novo Estado, as culturas tradicionais estiveram presentes: por hora, através da influência das lideranças tradicionais, outrora, pelos poderes espirituais e as divindades que coparticipam das tomadas de decisões, (in)diretamente. A própria aparição de 'N Dingui denota essa relação, isto porque, através de sua aparição no corpo da ave mística com rosto humano, houve uma movimentação na sociedade para a organização de cerimônias fúnebres e um despertar pela mudança no sistema político e administrativo. Até os mais céticos, como Infali Sissé, ficou preocupado. O canto da coruja, ao mesmo tempo que é temido pela maldição que pode trazer, ao mesmo tempo, é um chamamento/alerta para a possibilidade de transformação dessa nação.

Para Carlos Cardoso (2012, p. 20):

A elite política actual sofre por isso de duas heranças negativas: de uma política repressiva colonial que não deixou que se formasse uma elite política autóctone e mais tarde, da do Estado pós-colonial que, por causa de uma política repressiva de partido único, não permitiu igualmente o desenvolvimento de uma sociedade civil autónoma e muito menos a constituição de uma classe política independente das estruturas de poder do partido único.

Tal fenómeno é também devido ao rompimento entre Guiné-Bissau e Cabo Verde, ainda no contexto mais recente do pós-independência. Essa ruptura entre os dois Estados irmãos foi devido à modelagem do PAIGC como partido único. Recentemente, o PAIGC tem sido vítima de um governo ditador, que tenta, a todo custo, limitá-lo e atacá-lo. Ou seja, o modelo de política repressiva que se instaurou na Guiné-Bissau é uma herança em contínuo desenvolvimento.

Essa elite atual, na concepção de Frantz Fanon (1968, p. 124), é uma burguesia nacional subdesenvolvida que não dispõe de muito poder econômico, mas que pressupõe ocupar o lugar da burguesia metropolitana, ou seja, são substitutos dos colonizadores.

Trazendo para a cena o funeral de N Dingui Có, sabemos que os dirigentes do Partido mandaram o caixão para acomodar o corpo do falecido, mas não compareceram à cerimônia. A ausência dos chefes demonstra seu total desprezo para com a morte dos ex-combatentes. Benaf aguardava pelo encontro com os dirigentes, pois desejava impressioná-los, a fim de conquistar prestígio perante os senhores e satisfazer seus interesses pessoais.

O próprio narrador indica que, após a cerimônia do tio, Benaf estaria “pronto para a batalha do maquiavelismo que se tornou na moda e no único critério para se erguer na vida” (BARROS, 1999, p. 18). Essa condição é um reflexo do novo Estado e das políticas ineficazes para sua estruturação. Fanon (1965, p. 132) afirma que, depois da independência dos países africanos, imediatamente, os nacionais que habitavam as regiões mais prósperas, ao estarem conscientes das possibilidades de expansão econômica, se recusaram a partilhar da prosperidade com os demais nacionais.

Conforme aponta Augel (2007), com a conquista da independência:

[...] a estrutura administrativa do novo Estado sofreu uma profunda reformulação. O território foi dividido em 8 regiões, um setor autônomo, 38 setores e várias seções administrativas. Politicamente, o país, como os demais PALOP, ficou sob forte influência dos países socialistas, dos quais recebeu massiva ajuda. (AUGEL, 2007, p. 58).

O processo de descolonização do país foi/é marcado por uma sucessão de barbáries, assassinatos e instabilidades, começando pela deposição do primeiro Presidente da República, Luís Cabral, que sofreu um golpe de Estado, liderado pelo Primeiro Ministro João Bernardo Vieira, ou Nino Vieira, como é comumente conhecido na Guiné-Bissau. Ainda, em conformidade com Augel, o governo de Nino também ficou marcado com conflitos: houve a separação da Guiné e do Cabo Verde, em 1981, e uma crise entre a elite pequeno burguesa e os produtores camponeses.

Na obra, ao narrar a vida de Papai, Filinto de Barros nos revela como se davam essas disputas, sobretudo quando relata que a mulher do antigo combatente não suportou a modernidade da cidade grande. A partir destas observações, podemos refletir sobre as relações de poder que se estabeleceram na Guiné, e que a promessa de uma unificação entre os povos não passava de utopia.

A solidão de Papai englobava todos os níveis, inclusive, a carência afetiva. Desde que sua mulher partira, não teve contato com outras mulheres, e depois de um tempo, passou a ver Mana Tchambú “com olhos dum macho” (BARROS, 1999, p. 64):

O pensamento foi fugaz, desapareceu rápido como havia surgido. Papai já não tem tempo para essas coisas. Mesmo antes da mulher que trouxe da Luta se ter ido embora, o sexo tinha desaparecido do seu pensar. Abaixo dum certo nível de pobreza, sobretudo da pobreza de espírito, o sexo desaparece, deixa de ter sentido e prazer num acto que no fundo se saldava sempre por um dispêndio energético de dois seres. (BARROS, 1999, p. 64).

O processo de adoecimento psíquico dos ex-combatentes, como foi o caso de N Dingui, e conseqüentemente Papai, aquele com quem o segundo compartilhou as (in)glórias da Luta, merece ser compreendido com mais atenção, isto porque, a própria colonização foi, em si, um adoecimento para suas vítimas, causando sequelas que até hoje são difíceis de ser curadas. O insucesso da Luta paralisou a vida de Papai, pois ele não foi capaz de seguir, se submeter novamente à alienação em troca de algum benefício do governo atual.

Como vimos na seção anterior, a assimilação, enquanto processo de aceitação da identidade europeia, possibilitou que uma parte dos guineenses adquirisse a cidadania portuguesa, como sucedeu o caso de Joana, sobrinha do falecido N Dingui. Sua migração para Portugal foi motivada pela busca de melhores condições de vida, muito embora, diferente de seu primo Benaf, ela não se desvinculou totalmente da sua pertença étnica e africana; mantinha no seu ser-estar os valores culturais Bissau-guineenses.

Ainda que tenha migrado, não deixou de ser guineense, pelo menos, em termos de identificação e orientação político-cultural. O narrador descreve que

Joana, sendo filha de *cristons*, havia estranhado as condições deploráveis do ambiente que seria seu novo lar em Portugal, e que teria que compartilhar de um mesmo cenário de miséria com seus conterrâneos que lá estavam há mais tempo.

A ilusão de viver como os ricos portugueses era o combustível que impulsionou muitos guineenses a migrarem, além do processo de assimilação, que os inculcava na mente, a ideia de que a terra dos *colons* seria mais estável do que Bissau, porém, Joana, assim como os demais companheiros, experimentaram as contradições do sonho europeu. A condição de vida na Quinta dos Mochos (bairro de Lisboa) era mais deplorável do que a vida na capital – Bissau. Além disso, o nome do bairro em que ela morava também significa coruja, o que mostra quanto que os dois países estavam ligados no plano espiritual e físico.

Para Joana, mesmo que a vida em Portugal não tenha sido como ela planejou e imaginou, queria apenas trabalhar e sobreviver, o que parecia ser impossível em Bissau, no pós-independência.

Com a notícia do falecimento do tio, a jovem iria se reunir com algumas amigas para o *tchoro*. Esse momento da narrativa reforça o poder das tradições culturais, ou seja, mesmo estando longe de sua terra, Joana e suas amigas cultivam os hábitos e práticas de reunirem-se quando morre um parente. Em uma conversa com seu filho – Pedrinho – fruto de uma aventura que ela teve com um rapaz em Portugal, Joana fala de Bissau como a terra de ambos, mesmo que o garoto tenha nascido em terras portuguesas, e esse discurso é importante para demonstrar que a condição negra do garoto não poderia ser apagada pela localidade de seu nascimento. Além disso, ela enquanto uma assimilada consciente, quis gerar em seu filho um sentimento de pertença a Bissau:

- Quem, aquele tio de quem falas tanto, lá da tua terra?
- Da minha terra não, da nossa terra, a nossa Guiné.
- Essa terra não é minha. Eu sou daqui, aqui é que eu nasci! Eu quero ser *branco* e não *pretinho da Guiné que lava a cara com café e vai à missa de lopé!* Ah! ah! ah!
- Deixa-te de parvoíces! Isso são coisas dos meninos *brancos* da rua. A tua terra é a terra dos teus pais, a terra dos teus avós, meus pais. Aqui precisamos de ser portugueses, mas não deixamos de ser negros. E em vez de vergonha debes ter orgulho nisso, meu filho.

- Orgulho? Queres que eu dance quando me chamam *Chico Preto*?

- Não exageres! Quero dizer que não debes tomar parte nas brincadeiras onde a tua raça é insultada. Um dia havemos de voltar para nossa terra e terás oportunidade de conhecer dezenas de meninos como tu que nem se lembram da cor da pele e então verás como o mundo das crianças é na realidade livre! (BARROS, 1999, p. 24-25).

As referências que Pedrinho tinha de Bissau foram através de sua mãe e dos conterrâneos com quem partilhava a vida lusitana. E por ter nascido em Portugal, sendo português de forma documental, sentia-se parte integrante da sociedade lusitana, embora ele jamais fosse aceito e considerado um europeu, porque a cor da pele e outros traços fenotípicos denunciavam sua origem racial. Ao crescer nesse ambiente de crise identitária, Pedrinho seria mais desterritorializado em Portugal, assim como sua mãe. Mesmo com a documentação e a permanência nas terras dos *tugas*, continuaria a ser negro, vivendo no entrelugar português e africano.

Do mesmo modo, em Bissau, seriam vistos e considerados como assimilados – entendendo aqui com *cristons*, *gurmets*, pessoas que aculturaram-se à portugalidade, embora, no caso de Joana, tenha-o feito por estratégia. Em outras palavras, os próprios conterrâneos olhariam para eles como um estrangeiro em sua própria terra, mesmo tendo consciência da sua condição racial e social.

No caso de Benaf, constata-se uma perda maior de sua consciência racial e nacional, pois ele se sentia mais europeu do que africano, como fica explícito em sua rejeição às práticas tradicionais dos papéis. A assimilação foi uma grande estratégia colonial, como já mencionado no capítulo anterior, e seus efeitos continuam se reverberando até os dias atuais.

A música cantada por Pedrito, filho de Joana, desvela os conflitos raciais existentes entre as crianças africanas e portuguesas, porque o garoto, ao conviver em um ambiente cuja existência é marcada pela negação de si mesmo em detrimento do outro, a mentalidade teima em negar suas origens e culturas por habitar e ter nascido em um mundo novo. Na tentativa de ser bem aceito, o garoto adota os moldes europeu para mascarar a sua cultura. Tal fato é comum no Brasil, que também foi colônia de Portugal. Muitas crianças brasileiras são

induzidas pelo sistema a não reconhecer sua demarcação racial e, por isso, acabam por julgar seus traços como inferiores.

A situação de racismo vivenciada pelo garoto e sua mãe, bem como os demais africanos guineenses que migraram, é muito próxima da realidade brasileira, porque estamos falando de inimigos comuns e plurais: os colonizadores. Na música cantada pelo garoto, observa-se essa negação à qual nos referimos anteriormente, porque ele não aceita sua condição racial, desejando ser um “branquinho” como as demais crianças portuguesas com quem mantinha contato.

É possível denotar que Joana tem consciência racial, ao ponto de mencionar para o filho sobre o regresso “back to África²²”, como forma de resgatar a história, a cultura e construir novas memórias a partir de um lugar comum a sua ancestralidade.

A necessidade de assimilar a cultura do outro para sentir-se parte integrante da sociedade, buscando dirimir sua condição periférica ainda está presente nas mentalidades dos descendentes de pessoas escravizadas, e isso contribui efetivamente para o *mentecídio*, que nas palavras de Bobby Wright (1979, p. 2) é “a extirpação de uma raça inteira”, através de mecanismos de apagamento das identidades, culturas, modos de ser/estar no mundo, a morte do sujeito.

De acordo com o professor Bissau-guineense Lourenço Ocuni Cá (2011, p. 218),

[...] a população colonizada não foi despojada da sua cultura, apenas o foi uma pequena parcela de assimilados que estava em contato permanente com o aparelho administrativo colonial e tinha uma posição intermediária entre os administradores coloniais e a população das zonas rurais. A pequena burguesia autóctone aspirava, em geral, a um estilo de vida semelhante, senão idêntico, ao da minoria estrangeira; concomitantemente, enquanto limitava as suas relações com as massas, tentava integrar-se naquela minoria, ainda que muitas vezes em detrimento dos laços familiares e/ou étnicos e sempre graças a esforços individuais.

²² Movimento de volta à África, ocorrido nos Estados Unidos e apoiado por ativistas como Marcus Garvey.

Em outros termos, mesmo a pequena burguesia, como é o caso de Benaf, não tinha perdido cem por cento a sua herança cultural, porque, a todo instante, os próprios europeus deixariam explícita a condição racial desses sujeitos.

É válido frisar que os assimilados, mesmo que tenham sido colaboradores do processo, são vítimas de uma alienação, decorrente de uma oratória colonial, que foi capaz, em pequena proporção, de apagar sumariamente a consciência racial e ancestral de alguns africanos.

O falecimento de N' Dingui Có é um prenúncio para tragédias que se multiplicariam no país, caso não houvesse uma reorganização político-social. Neste sentido, a morte na narrativa não representa apenas o desaparecimento físico de alguém; vai além, ao apresentar as relações dos papeis com a morte, a forma como cerimonializam a passagem e, não menos importante, a importância dos rituais para manter a ordem terrena e espiritual.

A ave de agouro, *Kikia* (coruja) que, dentro das tradições africanas, carrega um simbolismo similar ao grego: além de ser mensageira de fatalidades, simboliza o conhecimento e sabedoria e é muito utilizada pelos sábios. No continente africano, como para os gregos, a coruja está mais ligada à feitiçaria do que à sabedoria.

De acordo com o Dicionário dos Símbolos, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2020):

A coruja, maltratada em nossa civilização por uma lamentável reputação de ladra, e ave que costumamos transformar no emblema da feiura (aparentemente, contra a opinião de Rabelais), era, no entanto, a ave de Atena (Minerva). Ave noturna, relacionada com a Lua, a coruja não consegue suportar a luz do Sol e, nesse particular, opõe-se, portanto, à águia, que recebe essa mesma luz com os olhos abertos. (CHEVALIER; GHEERBRANT. 2020, p. 349).

Na Guiné-Bissau, existe também a noção de coruja enquanto animal sombrio e horrendo, para além da representação da sabedoria, assim como para os gregos. A aparição do animal para Benaf, Papai e Joana cumpre com o significado mítico do *Kikia*: prenunciando uma tragédia, que foi a morte de N' Dingui. Se pensarmos a simbologia da coruja nas etnias indo-americanas, como é o caso do Brasil, ouviremos histórias sobre maus presságios, assombrações e

mau agouro. Por exemplo, uma conversa com pessoas mais velhas, de aproximadamente 60, 70 anos, mostrará que a coruja representa a morte, e se ela pousar sobre o teto da casa de alguém, o dono ou alguém próximo morrerá. Outros contam que o canto do animal é agourento. Entretanto, a coruja também simboliza a sabedoria aqui no Brasil.

O *Kikia Matcho*, de Filinto de Barros, representa o ex-combatente N'Dingui, este que incorpora no corpo de uma jovem serviçal de Mana Tchambú para anunciar a necessidade de realizar uma cerimônia em nome da ordem no país. O *matcho* (macho) indica que a ave apresentada a Benaf, Joana e Papai não era uma Estrigiforme qualquer, mas uma ave com aparência humana transfigurada no falecido, um homem, que representa a *matchundadi* (masculinidade, virilidade). Em outros termos, o título da obra especifica a quem a ave faz referência.

Outro ponto sobre a ave é o fato de ser um Kikia Matcho, e é neste sentido que o pesquisador Fernando Nhaga Cumba (2017) reflete que o autor utilizou a figura do mocho macho porque, de acordo com uma hierarquia de gênero, o homem representa mais força e potencialidade em comparação à mulher e, por isso, o Kikia não poderia ser fêmea, já que a ave representa, na narrativa, um aviso sobre a necessidade de mudança no país e na concepção ocidental de organização política, as mulheres ainda ocupam um lugar de inferioridade, infelizmente. E isso também diz sobre uma cultura machista que inferioriza as mulheres, colocando-as numa posição de fragilidade e invisibilização da sua força.

A comunicação de 'N Dingui com os vivos é referente à inconformidade dos que estão no mundo dos mortos e que, na mítica guineense, refere-se ao desalento que estes tiveram com a situação caótica do país e a decepção com a não continuidade dos ideais da Luta.

Essa relação entre o passado e o presente, o tradicional e o moderno alicerçam a narrativa de Filinto de Barros, pois o *Irã*²³ exerce um papel influente no desenvolvimento da nação, ou seja, tudo está ligado à divindade. Na Guiné-Bissau, o desenvolvimento social e o político interdependem da organização cósmico/espiritual. Desta senda, podemos inferir conforme nos aponta o romance que, para a organização e progresso da nação, é necessário que os poderes

²³ Palavra em língua guineense (crioulo) para designar deuses/espíritos.

políticos/institucionais e a população civil se organizem e lutem em prol de um objetivo comum: reconstruir o país.

Com a presença europeia no país, as tradições ganharam novos contornos, pois não havia condições de manterem-se intactas já que a nação sofreu um processo colonizatório. Neste cenário híbrido, o Islamismo, o Catolicismo e o Animismo passaram a conviver de forma quase harmônica, pois, como se denota na cerimônia de *tchoro*, o ato foi marcado pelas práticas tradicionais dos povos papeis - com a passagem de um porco por cima do caixão e a missa, realizada por um padre.

A presença dos *Djambakus*, tanto em Bissau quanto em Portugal, revelou a profundidade da mítica guineense, e mesmo que um africano não esteja em seu território de origem, é capaz de estabelecer a manutenção de suas crenças. No Limoeiro, em Portugal, Joana foi à procura de Nha Maria Amélia – uma *djambakus*, para verificar o porquê de ter sonhado com o mocho.

Maria Amélia, vulgo ‘N Malé, é a mulher de um ex-militar das fileiras portuguesas que, ao se deparar com condições limitadas de sobrevivência, dado que a pensão do marido reformado era insuficiente, teve que se tornar uma *djambakus* e fazer disso uma fonte de renda. Portanto, ela utilizou-se das fragilidades de seus conterrâneos em terras portuguesas para praticar o falso contato com o mundo do além.

O narrador nos informa que ‘N Malé conseguiu estabelecer uma comunicação muito mais rápida e fácil em comparação à Na Barisni em Bissau, isso porque: “Até no mundo do Irãns o clima Europeu era preferido ao da tórrida maldição da África. As galinhas dos aviários são mais gordas e o *brandy* é muito mais refinado do que a *cana* ou o *sun-sun*” (BARROS, 1999, p. 14). Para Joana, essa migração dos Irãns era inconcebível e ainda em conformidade com o narrador, ela não tinha percebido as mudanças ocorridas em sua terra natal, inclusive no mundo espiritual.

Nesse caso, o autor usou de grande ironia para dizer que a experiência colonial provocou grandes transformações no continente africano, que extrapolam os limites do território geográfico, interferindo também nas dinâmicas espirituais das divindades. A colonização teve um efeito tão atroz que conseguiu colonizar até as mentes dos *irãns*.

Após o insucesso no desvendar do mistério sobre a aparição do Kikia, em sonho, Joana seguiu os conselhos de 'N Malé e foi à procura de um médium para tentar contactar a alma do tio, mas a mulher que encontrou era uma conhecida de Bissau. Assim como 'N Malé, esta segunda também estava servindo-se das divindades para tirar algum proveito, ou melhor, usando o nome e algumas práticas para enganar outras pessoas que, desesperadas, acreditariam facilmente em seus trabalhos.

A médium, cujo nome não é revelado pelo narrador, explica que a alma de 'N Dinguí não queria comunicar-se com ela, entretanto, uma outra entidade passou o recado, igual ao que Papai ouvira em Bissau, através de *Na Barisni*: era preciso fazer a cerimônia para que a alma do falecido ficasse em paz.

Neste caso, a cerimônia é uma metáfora que representa a necessidade de pôr ordem no país, porque ficou constatado que as almas dos ex-combatentes estavam em más situações, assim como o tio de Joana. Esses representam o ideal de progresso perdido. Além disso, Filinto de Barros indica, através dos acontecimentos místicos, a necessidade de discutir ainda a formação da nação.

4 A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE BISSAU-GUINEENSE: PLURALIDADES, HIBRIDISMOS E (RE)CONSTRUÇÃO NACIONAL

Como falar de identidade no singular em um país cuja população é formada por diversos povos? As discussões sobre identidade, no contexto do continente africano, não são algo recente, embora seja a partir da difusão dos estudos pós-coloniais que o tema tenha estado em maior evidência. Stuart Hall, um dos etnólogos negros mais pesquisados, discute a identidade como uma “comunidade imaginada”, acrescentando ainda que a identidade é uma “comunidade politicamente imaginada”.

A pergunta de partida nos direcionou a uma busca atenta em como se tem discutido identidade na Guiné-Bissau e, para tal, procuramos em alguns teóricos guineenses a veia de discussão. Amílcar Cabral, em seu plano estratégico de luta contra os europeus, convocou os guineenses a unirem-se como um só povo e se reconhecer a partir de um lugar comum: dessa comunidade imaginada. Com isso, as diferentes etnias que formam o atual território da Guiné passaram a se reconhecer através de uma identidade comum: guineendade.

O termo identidade é emblemático e seu emprego precisa estar contextualizado e bem delimitado para evitar problemas de interpretação. Para tal, Zilá Bernd, em seu livro *Literatura e Identidade Nacional* (1992)²⁴, além de explicitar a utilização do termo, afirma que há duas maneiras para o funcionamento da busca identitária, mas no deteremos apenas na segunda, que caracteriza a identidade como “processo (segundo grau), em permanente movimento de construção/desconstrução, criando espaços dialógicos e integrando a trama discursiva sem paralisá-la” (BERND, 1992, p. 16).

Stuart Hall (2006) parte da premissa de três concepções diferentes de identidade: a primeira é relativa ao “sujeito do iluminismo” que traduz a ideia do ser como centrado, único, mantendo-se o mesmo desde o seu nascimento; “sujeito sociológico” - rompe com a ideia do sujeito do iluminismo, pois

²⁴ Embora a autora esteja tratando da literatura brasileira, utilizamo-nos do conceito para o caso da literatura guineense, não como uma importação direta, e sim, como um aporte teórico, devido as similaridades dos campos de pesquisa.

[...] refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura - dos mundos que ele/ela habitava. (HALL, 2006, p. 11).

A terceira concepção é a do “sujeito pós-moderno” que estabelece a ideia de uma identidade não-fixa e nem estável, ou seja, é fragmentada e passa por constantes transformações (HALL, 2006, p. 12-13).

Nessa perspectiva, *KM* estabelece diálogos entre passado e presente, buscando ressignificar a história e construir uma “singularidade nacional”, atravessada pela tradição – entendida aqui como costumes e práticas culturais dos povos guineenses, antes do contato com a colonização, e a hodiernidade – entendida como o resultado da colonialidade. Para afunilar nossas discussões, cabe utilizarmos o conceito de identidade como pós-moderna, conforme apontou Hall (2006), que remete, também, a um processo em “permanente movimento” e “deslocamentos” (BERND, 1992).

Calado e Fonseca (2013) apontam que

[...] a literatura de um país é o seu mais rico documento para a reflexão em torno de sua história, de sua política, de sua memória e de sua identidade, pois é capaz de revelar o que a história “oficial” silenciou, questionar “as verdades” historicamente construídas, atualizar e (re)definir o discurso histórico. Ao escrever, o autor é ele e, ao mesmo tempo, a sua coletividade, a sua temporalidade. Todo escritor está inserido em um espaço social, num contexto histórico-cultural, e produz um discurso que não é essencialmente a visão dele, mas também do social em que está inserido. Não há, assim, como desvincular nem o discurso literário das práticas sociais, nem as práticas sociais do discurso literário. (CALADO; FONSECA, 2013, p. 147).

Desta senda, podemos considerar o romance de Filinto de Barros, *Kikia Matcho*, um texto de fundação, pois retrata o país recém-liberto da colonização e que enfrenta seus escombros e mazelas, buscando, após a desilusão com a independência, reconstruir-se a partir dos escombros da nação. Por não haver maneiras de “desvincular” o discurso literário das práticas sociais e vice-versa, a literatura guineense, de modo mais abrangente, está incumbida de narrar a nação

e reescrever a sua história. Portanto, Jorge Otinta (2011) compreende que “[...] como fragmentos da História, o romance africano (re)institui um cenário ficcional, onde cabem todas as situações possíveis de confronto, embate, enfim numa arena de gladiadores e, simultaneamente, cenário também de aliança entre os cidadãos com o seu espaço circundante” (OTINTA, 2011, p. 81).

As literaturas africanas, de modo geral, e especificamente a guineense, são produções singulares de cada nação, carregadas de um legado cultural, histórico e identitário, com uma estética própria. A tradição, o multiculturalismo e pluralismo étnico e linguístico estão presentes na formação de um “paradigma literário específico em África. Na Guiné-Bissau, os males causados pela colonização reverberam na literatura até os dias de hoje” (BISPO, 2014, p. 81). Essa estética, que se pretende própria, devemos entender como um rompimento parcial com o cânone europeu, pois não podemos conceber o rompimento total, uma vez que essa literatura se apoia em moldes do ocidente (como o gênero romance) e a língua em que é escrita - a portuguesa, ainda que haja uma africanização dela.

Quanto a essa questão, Fonseca e Moreira (2007) afirmam:

Em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, o escritor africano vivia, até a data da independência, no meio de duas realidades às quais não podia ficar alheio: a sociedade colonial e a sociedade africana. A escrita literária expressava a tensão existente entre esses dois mundos e revelava que o escritor, porque iria sempre utilizar uma língua europeia, era um “homem-de-dois-mundos”, e a sua escrita, de forma mais intensa ou não, registrava a tensão nascida da utilização da língua portuguesa em realidades bastante complexas. (FONSECA; MOREIRA, 2007, p. 13-14).

Embora a língua do colonizador seja utilizada para o registro dessas literaturas, convém lembrarmos o processo de africanização da língua portuguesa, que carrega elementos das línguas africanas, a exemplo: o português guineense, que rompe parcialmente com a supremacia da língua do colonizador. No caso do objeto de nossa pesquisa, o autor utiliza-se de muitos termos e expressões do crioulo guineense (Língua guineense).

Sendo Filinto de Barros um guineense que participou ativamente na fundação do Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e do processo de libertação nacional, é notório o seu posicionamento

crítico frente ao cenário caótico do país após a conquista da independência. A obra de Barros se inscreve no período pós-colonial, em que “[...] a cristalização da consciência nacional vai ao mesmo tempo transtornar os gêneros e os temas literários e criar completamente um novo público.” (FANON, 1968, p. 200). O autor complementa:

É somente a partir desse momento que se pode falar em literatura nacional. Há, ao nível da criação literária, retomada e clarificação dos temas tipicamente nacionalistas. É a literatura de combate propriamente dita, no sentido de que convoca todo um povo à luta pela existência nacional. Literatura de combate, porque informa a consciência nacional, dá-lhe formas, contornos e abre-lhe novas e ilimitadas perspectivas. Literatura de combate, porque assume um encargo, porque é vontade temporalizada. (FANON, 1968, p. 200).

A Literatura de combate surgiu na colonização e ocupou um papel importante no planejamento da luta armada para a conquista da independência. Foi através dos protestos e manifestações literárias que os dirigentes da luta despertavam a consciência de muitos cidadãos, conclamando-os para ajuntar-se à luta. No pós-colonização, a literatura preserva seu caráter de combate veementemente, nacional.

No âmbito dessa discussão, Russell G. Hamilton (1999) elucida:

Juntamente com uma expressão literária abertamente circunstancial, na forma de obras patrióticas e nativistas, também começava a aparecer, nos primeiros anos após a independência, uma literatura intimista, experimentalista e reformista. Na categoria da literatura “séria”, em contraste com as obras politicamente comprometidas, circunstanciais e mesmo panfletárias, verificava-se uma tendência entre escritores nacionais a re-escrever e assim re-inventar a África e os seus respectivos países, tanto do período pré-colonial como colonial. (HAMILTON, 1999, p. 16).

Essa reinvenção da África e de reescrita do país é um projeto vigente na obra de Filinto de Barros que, ao narrar os anos iniciais do pós-independência, enumera uma série de problemas organizacionais e administrativos do país e fez indicações de caminhos traçados para que a Guiné-Bissau atingisse o status de Estado-nação organizado e que buscasse o progresso e desenvolvimento de todos, conforme idealizou Amílcar Cabral.

De maneira mais abrangente, a literatura Bissau-guineense, na contemporaneidade, carrega traços “intimista, experimentalista e reformista” (ibid.), conforme mostrou Hamilton (1999, supracitado). E ainda que as temáticas tenham se ampliado e diversificado, a vida social e política jamais deixará de ter palco nessas narrativas, sobretudo em um país, cuja história oficial apresenta muitas lacunas, e é a literatura que, sendo arte, consegue nos apresentar algumas respostas sobre a história da Guiné-Bissau, isto porque, ainda que no plano ficcional, os autores apresentam traços e dados históricos e biográficos.

A cerimônia de *tchoro* do falecido N’Dingui é um exemplo latente do modo como as diferentes crenças religiosas podem coabitar no universo guineense, isto porque, durante o processo, foram realizadas atividades de cunho católico (a missa), bem como a passagem de um porco por cima do caixão (prática dos animistas), ou seja, é possível pensar em uma unidade durante a realização da cerimônia, e isso nos direciona ao que alguns filósofos africanos afirmam ser o não abandono total das tradições, pois, até aqueles que aderiram às religiões monoteístas, jamais deixaram de crer nos irãs.

Faia Amona (2020), em sua dissertação sobre identidade nacional e diversidade étnica na Guiné-Bissau, explica que a formação da identidade guineense – entendida como demarcadora da Nação – foi forjada na luta e está em andamento desde a tomada de independência, como vimos anteriormente. A Nação é composta por várias outras nações (grupos étnicos) que possuíam, antes da invasão colonial, uma organização própria, se pensarmos a nação a partir da caracterização pela cultura e língua.

O antropólogo também entende que

Não é inútil observar que, pelo que se tem percebido, quase em todas as definições sobre a nação e a sua formação, o que chama mais atenção é a ideia do senso de pertencimento. No caso específico das duas últimas definições de Fanon e Cabral, o fator cultural ganha relevo já que estes autores se referiam os contextos da organização social dos territórios que foram colonizados, quer dizer a cultura e luta de libertação são fatores fundantes da constituição de Estado-Nação guineense, na medida que foi através da cultura que o Amílcar Cabral e os outros camaradas de PAIGC conseguiram mobilizar as massas camponesa para uma luta e através desse empenho que hoje Guiné-Bissau existiu como um Estado soberano. (AMONA, 2020, p. 41).

Esse entendimento sobre a importância da unidade nacional é compartilhado pelos interlocutores da pesquisa antropológica que o autor supracitado realizou na Guiné-Bissau para a viabilização de sua dissertação. As massas compreendem também que a Nação é uma organização de várias nações que precisaram unificar-se para fazer valer o status de país conforme as definições ocidentais.

Entendida aqui, a identidade guineense enquanto uma unificação dos diferentes povos em prol da luta pela independência, e atualmente, como um fator de identificação para com o cenário nacional e internacional, podemos começar a refletir acerca de como a literatura auxilia na discussão da memória colonial como forma de evitar os erros do passado. Tal fato é verificado nos estudos de Inocência Mata (2007), quando afirma que as literaturas africanas de língua portuguesa, nos tempos pós-coloniais, tendem a construir uma identidade nacional a partir dos jogos e negociações entre os diferentes grupos que formam seus respectivos países, sendo capazes de aceitar suas diferenças para disfrutarem de um espaço mais equilibrado.

A cerimônia de *tchur* revela que a estrutura e organização do país pós-independente está veiculada ao hibridismo cultural, e não apenas como uma convivência entre diferentes culturas, mas como uma remodelagem e reconstrução do país a partir de uma diversidade cultural e étnica. Em outros termos, pode-se verificar que o mosaico cultural da nação é formado, agora, também pela cultura do invasor. Entretanto, é observado que, na Guiné-Bissau, a influência europeia não elidiu, majoritariamente, as tradições e práticas culturais autóctones, assim como nos demais países dos PALOP, cada um com suas especificidades.

4.1 ANIMISTAS, CRISTÃOS E MULÇUMANOS: É POSSÍVEL CAMINHARMOS JUNTOS?

Até aqui, vimos que, por ser uma nação pluriétnica, a Guiné-Bissau tem uma composição identitária diversa e que a luta conseguiu reunir todos os grupos

do país, levando-os a uma convivência mais harmônica, deixando por um tempo as diferenças e confrontos interétnicos. Após a conquista da independência, o país foi ganhando novos contornos geográficos, sociais e econômicos.

O texto literário descreve a relação de Joana com seus conterrâneos nas terras portuguesas, demonstrando que havia uma união entre eles por partilharem do mesmo status: imigrante africano e “miserável”. Em outros tempos, um mulçumano não partilharia de cerimônias animistas e vice-versa.

No capítulo 3, o narrador apresenta-nos uma contextualização acerca da migração de Joana para Portugal, demonstrando as mazelas das terras europeias em contraste com a situação Bissau-guineense. Além disso, outros personagens entram em cena, como é o caso de Djaló, aquele que, tendo se posicionado

[...] ao lado do senhor colonial na longa noite, [...] sentia-se ao abrigo desses sentimentos mesquinhos, mesmo sabendo que no fim de tudo, a aliança da época colonial não evitou que fosse incluído no lado dos grandes perdedores e, quem sabe, se mais responsável pela permanência e supremacia dos que vieram do outro lado do Atlântico. (BARROS, 1999, p. 34).

Ainda que compartilhassem do mesmo ambiente e situação, Mário e Djaló divergiam quanto ao lugar de quem é guineense retinto e quem tem origens caboverdianas. O primeiro questionava o sentimento de superioridade do segundo que, no tempo colonial e na atualidade, desfrutava de certos privilégios por terem um tom de pele mais claro, ou seja, estavam mais próximos dos *tugas*. Embora Djaló tenha estado ao lado dos senhores coloniais, viu-se na mesma situação que seus conterrâneos em Portugal e, por isso, mais valia estar perto dos seus, ainda que as diferenças ficassem estampadas.

4.2 O JOGO DAS IDENTIDADES E A QUESTÃO RACIAL

As questões raciais em Portugal são conflituosas, assim como foram no período colonial. A subjugação do negro seguia seu fluxo em larga escala. Joana tinha consciência de sua condição periférica, o que era ausente em seu primo Benaf, já que assimilou tanto a cultura dominante que não conseguia refletir sobre sua condição racial e socioeconômica.

O narrador-autor descreve a cena Bissau-guineense, denotando os efeitos do racismo no solo do país pós-independência, mostrando que os revolucionários estavam vislumbrados com o “contato com a cidade, com seus colchões de espuma, seus aparelhos de ar condicionado, suas meninas de esmerada educação e, sobretudo, de tez clara [...]” (BARROS, 1999, p. 20).

Ainda, nesse bojo, compreende-se que a modernidade europeia e todo o seu legado acendeu nos revolucionários o desejo e a vaidade de viver como os colonos e disfrutar de um status que não mais condizia à vida rural, camponesa. O problema não está em querer inovações e estilos de vida modernos, mas nos moldes como esses “padrões” foram implantados, uma vez que a elite neocolonial pusera a modernidade em sobreposição aos valores tradicionais e estilos de vidas originários.

O papel da literatura na formação da identidade Bissau-guineense está sedimentado no registro histórico e nas perspetivações de mudanças para a nação. Filinto de Barros, com *KM*, escreveu para as gerações futuras, com o intuito de não esquecerem a história do país e os problemas que precisam ser sanados. A indicação de possibilidades de transformação dos países é um marco comum nas literaturas africanas de língua portuguesa.

A questão do colorismo também está presente na obra e isso nos leva a comparar, brevemente com o Brasil: quanto mais retinto, o sujeito atinge a sua negritude, já os pardos, ou seja, com menos melanina, ficam no meio termo entre o preto e o branco, isto numa ideologia imposta socialmente, ou melhor, na leitura que é feita sobre quem (não) é negro no Brasil ou em Bissau, como é apresentado na obra.

Os caboverdianos, por estarem mais próximos da portugalidade, em termos de cor e conhecimentos da administração portuguesa, acabavam por lucrar às custas dos guineenses, que pagavam para terem celeridade e êxito nos processos de documentação e tomada de nacionalidade. Isto fica evidente no trecho abaixo, em que Nhama – amiga de Joana, ao ser questionada sobre sua condição em Portugal, alega que:

- Felizmente, Joana. Levou tempo, mas foi! Tive que pagar umas dezenas de contos ao Sr. Cuca.
- Qual Cuca? O caboverdiano dos Correios?

- Esse mesmo! Se não fosse assim, não sei o que seria. Sabes, essa gente tem conhecimentos na administração portuguesa e com os *sucus di bass*²⁵ tudo vai. (BARROS, 1999, p. 30).

Nesta interlocução entre as amigas, surge um outro personagem: Mário, criticando duramente a postura dos caboverdianos em relação aos guineenses que, em tese, eram um só povo, mas que a cor da pele (os caboverdianos, com menos melanina que os guineenses) os separava, além da ideologia: “- Esses gajos continuam a aproveitar-se de nós mesmo aqui na terra dos *tugas*!” (Ibid., p. 31). Joana logo o interrompeu alegando que o Sr. Cuca só estava fazendo o seu trabalho e que ninguém era obrigado a recorrê-lo. Logo em seguida, o narrador nos informa que: “[...] Ninguém gostava de abordar de frente a questão dos *burmedjos*²⁶ sobretudo dos cabo-verdianos. De vez em quando surgiam elementos como Mário, mas em geral evitava-se tocar no assunto.” (Ibid.).

O autor aproveitou o espaço da narrativa para discutir as questões do colorismo (brevemente), isto, denotando que tanto em Bissau quanto em Portugal a cor da pele era um fator dominante na desigualdade social. Entretanto, o narrador explicita que:

Joana tinha ultrapassado esses complexos existenciais. Na realidade, a dura existência ensinou-lhe que a cor da pele conta pouco num mundo de desigualdades baseado no poder de compra. *Burmedjos*, *pretos*, Guineenses, Cabo-verdianos estavam todos aí, juntos frente ao mundo ocidental, à mercê dos mais ricos. (BARROS, 1999, p. 31).

A condição de migração impunha que todos estavam no mesmo barco, entretanto, verifica-se que, mediante um cenário racista construído desde a invasão dos territórios, havia distinções entre os negros, nalguns momentos e, noutros, eram todos periféricos e servis, diante do colonizador. Em Portugal, Joana e seus amigos experienciaram essas diferenças no tom da pele negra. Se fizermos uma breve comparação com o Brasil, constatamos que essas diferenças influenciam no tratamento e, conseqüentemente, o modo como o racismo vai afetar cada indivíduo.

²⁵ Lucros. (BARROS, 1999, p. 158).

²⁶ Mestiço. (BARROS, 1999, p. 157).

Outro elemento que também é válido destacar trata da diversidade étnica entre os guineenses em Portugal e isso reforça as relações interétnicas dos guineenses em diáspora.

Moema Parente Augel (2005) observa que

O discurso literário abre oportunidades de uma reterritorialização quando elementos sócio-espaciais da identidade cultural do guineense são ressignificados, recontextualizados, contribuindo não só para definir, como até mesmo para construir uma identidade interétnica. Representa, sob esse aspecto, um elemento tanto revelador quanto construtor de identidade intergrupal, desenvolvida para além das particularidades – sociais, culturais, locais ou regionais. (AUGEL, 2005, p. 168).

A questão das diferenças entre tons de pele é um fenômeno que reflete muito a configuração identitária no país, inclusive, muitas pessoas fazer o *iassali* (branqueamento) da pele, como tentativa de enquadrar-se no que consideram padrão ideal de beleza e estética. Tudo isso é fruto de uma assimilação do outro e daquilo que é imposto como condicionante para a aceitabilidade na sociedade.

Os cabo-verdianos, por serem povos formados a partir do contato entre outros povos, como guineenses, europeus e angolanos, são considerados “mestiços”, caso bem frequente no Brasil colônia e que reverbera até a atualidade. A mestiçagem, tanto em Cabo-Verde quanto no Brasil, não foi um processo pacífico, pelo contrário, forjou-se no estrupo das mulheres negras africanas como propósito de eugenia, para elidir a negrura do mundo.

Um outro ponto a destacar é a questão da imigração africana para a Europa com o pós-independência das respectivas ex-colônias, como é o caso de Joana, Djaló, Mário, Nhama e Benaf, o licenciado. Estes, ao deixarem suas nações de origem, procuravam no estrangeiro um novo *modus operandi* de sobrevivência e desenvolvimento. É neste sentido que a pesquisadora Pollyana dos Santos Silva e Costa (2018, p. 23), ao analisar a questão da imigração caboverdiana para a Europa, compreende que

Devido ao esfacelamento da identidade cultural, causado pela situação colonial, os imigrantes africanos, residentes principalmente na Europa, procuraram, na fronteira entre os valores ocidentais e o desejo de retornar às origens tradicionais, uma categoria na qual pudessem se reconhecer.

Compreendemos, a partir desta reflexão, que a questão do colorismo está ligada ao processo de ressignificação das identidades, destacando o entrelugar de quem não é africano e nem europeu. Joana, por mais que tenha adquirido a nacionalidade portuguesa e se adequado, em partes, à cultura europeia, conservou-se guineense, ocupando o entrelugar de quem não é africano e nem europeu, como é o caso do primo Benaf, aquele que (in)voluntariamente renega as culturas do seu povo em nome da lusitanidade.

Essas crises identitárias são frutos do processo colonial, como é sabido, mas, além disso, trata-se das novas configurações identitárias pós-contato com a experiência colonizatória. Houve apagamentos, elisões, rompimentos e tantos hiatos entre as culturas autóctones que o imigrante, ao se deparar com a modernidade europeia, vislumbra tudo aquilo que lhe foi ensinado sobre um modo de vida eurocêntrico. O mentecídio, outrora citado, é a concretização do que há de mais cruel – se é possível assim dizer, da colonização. A morte de si, de suas memórias, culturas e histórias.

Essa definição de Bobby Wright, sobre o mentecídio possibilita uma conexão com o longa de Jordan Peele, *Corra*, em que uma família de pessoas brancas, através da sua filha, atrai homens negros, sobretudo, para a retirada de sua consciência, tornando-os robôs a serviço da branquitude, e o mais trágico de tudo, é que tem seus cérebros trocados por um de pessoas brancas, assim, o branco recebe o cérebro do negro, simbolizados como resistentes.

A guineendade²⁷ é um grande exemplo de como múltiplas identidades podem coabitar um único universo, e isto não significa a ausência de conflito mas, no contexto guineense, foi um projeto de enfrentamento colonial e de resistência à modernidade enquanto fator de apagamento e exclusão das culturas locais. Eugênio Nunes Correia, jovem pesquisador guineense, compreende que “A guineendade surgiu como resultado do projeto de nação-estado começado por Amílcar Cabral, que tinha como base a diversidade cultural usada como suporte para luta e resistência ao poder colonial” (CORREIA, 2022, p. 24).

Moema Parente Augel (2005) compreende que:

²⁷ Adotamos esta grafia do termo, porque em concordância com Correia (2022) é um termo que mais se aproxima do adjetivo “guineense”.

A guineidade tem a ver também com o progresso e as demandas do tempo atual, com a capacidade de confrontar-se com os benefícios e atrativos da técnica e do desenvolvimento em geral, mas atentando para uma desideologização das articulações alienantes [...], numa atitude conscientemente antropofágica, pluralmente guineense, híbrida e aglutinante. Assume-se o que interessa, africanizando o importado, misturando a partir de várias fontes o coquetel cultural que se vai juntar ao já múltiplo caldo étnico nacional. É preciso alimentar, incentivar e levar em conta a capacidade do povo de aproveitar o que o mundo externo lhe oferece, sem abrir mão de sua singularidade, aliando o dinamismo do contacto cultural externo com o positivo e digno de ser conservado das culturas autóctones, afastando-se do tradicionalismo, muitas vezes sinônimo de primitivismo, que traz, reacionariamente, o perigo de uma guetização do africano [...] (AUGEL, 2005, p. 336).

Interessante observar que, no romance, nota-se esse aproveitamento do que o mundo externo oferece, como aponta a autora, através de vários personagens. Joana, em Portugal, desfrutou tudo o que a terra lusitana podia lhe oferecer, no entanto, conservou suas crenças e cultura. Realizou a cerimônia de tchur do tio N'Dingui, porque sabia da importância de cumprir os rituais, de modo que a alma do falecido fizesse uma boa passagem e pudesse descansar no mundo dos mortos, evitando que virasse um *kassissa*. Além de discernir a mítica do seu país, ela também tinha sonhado com o rosto do tio no corpo de um Kikia e, com isso, ficou preocupada, por saber a significação da ave e buscou compreender o porquê do rosto do tio.

Nessas consultas com uma *djambakus* no Laranjeiro – Portugal, Joana não obteve respostas direta do irã mas, no fundo, sabia o que o sonho significava: a Europa não era tudo o que ela vislumbrava e que talvez o tio N'Dingui tivesse razão quando tentou dissuadi-la de tomar a nacionalidade portuguesa. Além disso, ela não percebeu as mudanças que ocorreram em sua terra natal, isto porque, se espantou com o fato de N Malé ter levado um irã de Bissau para Portugal e o posto em um pedaço de poilão:

Os anos de estada na Europa, fechada no *ghetto* cultural como defesa espontânea contra o ostracismo não permitiram a Joana perceber as mudanças profundas que estavam a ocorrer no seu país natal. A nossa enfermeira continuava a visionar o país que deixara sem se aperceber que lá, como na Europa, as forças da antinatureza estavam em marcha na sua inglória luta de tudo destruir em nome do desenvolvimento. (BARROS, 1999, p. 146).

O narrador nos informa sobre as mudanças na mística africana e sobretudo guineense. O contato com o outro tinha causado transformações na sociedade como um todo, até nas relações com a espiritualidade. Nesse bojo, o narrador também retrata a cena dos falsos médiuns e *djambakus* que se utilizavam da fragilidade dos seus clientes para evocar falsos espíritos e enganar a todos. Viram nesse “comércio” uma forma de sustento em meio ao ostracismo europeu.

A presença da modernidade criou espaços para a espiritualidade e modificou os modos de se relacionar dos guineenses, tanto na Guiné quanto os que migraram para Portugal. Sendo as religiões parte da cultura de um país e de seus povos, elas também acompanham o dinamismo social, e é nessa perspectiva que se afirma o hibridismo cultural que, não sendo uma simples mesclagem de duas culturas distintas, configura-se como um espaço em que o diverso circula e interage entre si.

5 KABANTADA²⁸

Durante o percurso de análise do romance *Kikia Matcho*, compreendemos o seu enredo e vertente histórica, podendo classificá-lo como uma ficção biográfica e histórica. A obra traça a trajetória da Guiné-Bissau pós-independência, revelando os conflitos político-sociais e a não sequência do projeto de nação pensado por Amílcar Cabral.

A obra consegue captar o universo místico, cultural e político do país com paralelo em Portugal, onde se situam personagens importantes para a narrativa, como é o caso de Joana e seus companheiros de solidão. Na Guiné, figuras como Benaf, Papai, Infali Sissé, Mana Tchambú e outros tecem diálogos importantes acerca do presente e do passado, buscando, como missão comum, desvendar o aparecimento do Kikia com rosto do falecido N'Dingui e compreender que a nação precisava de novos direcionamentos, assim como Joana “na *Tuga*”.

A leitura do texto possibilitou-nos, para além de conhecer um pouco da história Bissau-guineense, compreender o seu universo por uma ótica não eurocêntrica e não hegemônica, já que a narrativa ecoa da boca de diferentes gerações, posições sociais e regiões. Quem nos conta a história do pós-independência no país é Benaf, Joana, Papai, Mana Tchambú, Infali Sissé, pessoas que representam o novo e o velho tempo, respectivamente. Não há um discurso único dos ex-combatentes, os gloriosos da luta, pelo contrário, ouvem-se muitos relatos de desilusão e decepção com aqueles que, dantes, comeram no mesmo prato.

Os novos dirigentes do país passaram a reproduzir as atitudes coloniais, dividindo os povos, sucateando o funcionalismo público em nome do “tudo para si e seus familiares e nada para os demais”. O novo governo rompeu literalmente com os ideais de Cabral e do PAIGC. Benaf, por exemplo, também queria ser um ministro, alguém de confiança do governo, porque viu o estado em que o tio N'Dingui morreu e em que se encontrava o velho Papai – aquele que esperava ser honrado pela vitória contra os *tugas*, espalhando a mensagem da independência para que a nova geração não se esquecesse do legado que os ex-combatentes deixaram.

²⁸ Termo em Língua Guineense (crioulo) para designar fim/acabamento.

Com base nessas análises e em diálogo com diferentes teóricos, desde os críticos literários, como Candido (2006/2011), Augel (2005), Mata (2007) até os antropólogos e críticos culturais Hall (2006) e Faia Amona (2020), configuramos a obra como um texto de fundação, na medida em que nos informa e orienta sobre/no processo de formação da Nação guineense. Fica nítido que a nação surge com a independência, forjada na luta e no hibridismo cultural, dado que sua pluralidade somada à modernidade europeia formou novos espaços culturais e identitários.

É a literatura que, enquanto arte, preenche algumas lacunas da historiografia, fornecendo outras versões não oficiais da História. KM, enquanto texto literário, está para além da história, porque existe um jogo de palavras, estratégias de construção textual, tematização, espacialidade, temporalidade, dados biográficos, dados históricos e depoimentos ficcionais, mas que representa a realidade. Não há como diferenciar ficção do real nesse contexto, porque a literatura africana, em particular, é também a história de cada nação.

A Guiné-Bissau, na ótica do narrador e personagens, é uma comunidade politicamente imaginada onde é possível que diferentes povos e culturas coabitem um único universo. Benaf é aquele que está no entrelugar de quem não é africano e nem europeu, assim como os que migraram para Portugal, porque lá são vistos e tratados como todos pertencentes a um mesmo grupo: os negros “desgraçados”; e na Guiné-Bissau, os que regressaram da Europa e incorporaram a mentalidade dos brancos, são vistos como inimigos do povo.

Esse entrelugar faz parte das dinâmicas identitárias, ainda que, nalguns momentos, tais sujeitos se identifiquem mais com um polo em relação a outro, não possuem uma identidade única; sendo assim, podemos considerá-los como pessoas com identidades híbridas e que transitam entre dois mundos: o tradicional e o colonial.

Com isso, concluímos que *Kikia Matcho* não é apenas um exercício de ficção, é também um exercício narrativo histórico e provocativo, que metaforizou os acontecimentos reais para despertar a consciência dos guineenses em prol de uma solução para os problemas do país. A alma de N'Dingui e dos *kassissas* ainda pairam sobre a Guiné-Bissau e é preciso realizar várias cerimônias para

trazer a paz à ordem terrena e espiritual, de modo que haja desenvolvimento e progresso naquele chão.

A literatura é o grande espelho da sociedade guineense, demarcando épocas, acontecimentos e servindo como registro historiográfico. Isso não é particularidade da Guiné-Bissau, acontece nos demais países africanos de língua portuguesa e no Brasil, país-irmão. A oralidade, nossa fonte primária da História se fez presente na obra analisada e isto é notável no uso de palavras e expressões na língua guineense (kriol) e étnicas. Com isso, o autor demonstra-se ciente da hibridação entre as línguas que formam o país.

Moema Parente Augel (2007) aponta que é através da literatura que a Guiné-Bissau tem sido representada para além de suas delimitações geográficas e são os seus escritores os atores responsáveis pela veiculação de uma imagem positivada do país, além de promover uma integração na comunidade de falantes de língua portuguesa. A publicação da literatura guineense em Língua Portuguesa possibilitou a realização do presente estudo, no entanto, não é intenção defender o uso do português como língua de publicação no país, mas ressaltar que essa língua também nos pertence e é a partir de sua ressignificação que imprimimos as marcas de nossas línguas orais.

Até aqui, vimos que a literatura sempre ocupou um lugar de destaque na narração e projeção das nações africanas porque, além de seu caráter estético-literário-artístico, estão impressas as diferentes vozes da tradição oral e diversas narrativas que permitem a compreensão do território e sua formação, a pluriethnicidade e as falhas do Estado Novo que, no caso da Guiné-Bissau, até os dias atuais, aguarda por transformações e firmamento.

Discussões como essas ultrapassam o tempo demarcado pela História, isto porque foram válidas no passado para a construção da nação e permanecem válidas no presente para a reavaliação e a revisitação do passado, a fim de construir o presente-futuro dessa nação.

KUNSIDURIS²⁹

AMONA, Dingana Paulo Faia. **Narrativas Sobre a Guinendade/i: identidade nacional e diversidade étnica na Guiné-Bissau**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Antropologia, Fortaleza, 2020.

ANDERSON, Benedict; BOTTMAN, Denise. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Editora Companhia das Letras, 2008.

AUGEL, Moema Parente. LITERATURA E INCLUSÃO – O PAPEL DOS ESCRITORES GUINEENSES NO EMPENHO CONTRA A INVISIBILIDADE. **Via Atlântica**, [S. l.], v. 1, n. 12, p. 47-66, 2007. DOI: 10.11606/va.v0i12.50081. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50081>. Acesso em: 8 fev. 2023.

AUGEL, Moema Parente. Os segredos da “barraca”. A representação da nação na literatura de guerra da Guiné-Bissau. **Revista crioula**, n. 4, 2008.

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombros: a literatura guineense e a narração da nação**. Rio de Janeiro, 2005. 387 p. (Tese de Doutorado em Literatura Portuguesa, na especialidade das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

ARAÚJO, Helmer. **O livro na rua: Guiné-Bissau. Coleção Países**. Thesaurus Editora, 2012.

BARROS, Filinto de. **Kikia Matcho: o desalento do combatente**. Lisboa: Caminho, 1999.

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Ed. da universidade (UFRGS), 1992.

BIJAGÓ, Vagner Gomes. **Os Golpes de Estado na Guiné Bissau: O Cotidiano do Poder no Contexto da Diversidade Étnica e da Construção Nacional**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS. Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas. Alagoas: UFA, 2011.

BISPO, Erica Cristina. Trilhas e rumos das letras guineenses. In: **Signótica**, v. 26, n. 1, p. 81-104, jan/jun. 2014.

CÁ, Lourenço Ocuni. Cultura escolar e os povos coloniais: a questão dos assimilados nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). **ETD Educação Temática Digital**, v. 13, n. 01, p. 207-224, 2011.

²⁹ Termo em Língua Guineense (crioulo) para designar referências e/ou fontes consultadas.

CÁ, Ricardo Aguielo Aquixinco Gomes. **A construção literária do estado-nação em Angola e Guiné-Bissau: um estudo comparativo entre A geração da utopia e Kikia Matcho**. Dissertação (Mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

CÁ, Ricardo Aguielo Aquixinco Gomes. Filinto de Barros e a resistência intelectual na construção literária do estado-nação guineense. **Revista África e Africanidades** - Ano XI, n.28, 2018.

CALADO, Karina de Almeida; FONSECA, Maria Nazareth Soares. Identidade, subjetividade e nação guineense na poesia de Odete Semedo. In: **Grau Zero—Revista de Crítica Cultural**, v. 1, n. 1, 2013.

CAMPOS, Josilene Silva. **A Historicidade das literaturas africanas de língua oficial portuguesa**. Disponível em <http://pos.historia.ufg.br/up/113/o/26>. Acesso em 10 set. 2020.

CANDÉ MONTEIRO, Artemisa Odila. **Guiné-Bissau: da luta armada à construção do estado nacional** – conexões entre o discurso de unidade nacional e diversidade étnica (1959-1994). Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Federal de Bahia. Salvador, 2013.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. São Paulo: **Ouro sobre Azul**, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: **Ouro sobre Azul**, 2006.

CARDOSO, Carlos. **A formação da elite política na Guiné-Bissau**. Centro de Estudos Internacionais do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), 2002.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. José Olympio; 37. ed., 2020.

CLOSSVANY. **ETNIAS DA GUINÉ-BISSAU - Museu da arte e cultura da Guiné-Bissau**. Museu da arte e cultura da Guiné-Bissau - Arte e cultura. Disponível em: <<https://clossvany.com/etnias-da-guine-bissau/>>. Acesso em: 14 Jul. 2021.

CORREIA, Eugênio Nunes. **A poesia de Tony Tcheca na compreensão da realidade social guineense**. 2022. 100 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

COSTA, Pollyana dos Santos Silva. **A formação da identidade cabo-verdiana na obra de Germano Almeida**. 2018. 182 f. Tese (Doutorado em Literatura)— Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

COUTO, Hildo Honório; EMBALÓ, Filomena. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau, PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 11-253, 2011.

CUMBA, Fernando Nhaga. **O Passado no Presente e a Literatura Guineense do Século XXI a partir do romance Kikia Matcho – O Desalento do Combatente**. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2017.

DJALÓ, Mamadú. **Processo de democratização da Guiné-Bissau (1991-2019)**. 2020. Trabalho de Conclusão de Cursos (Artigo), Licenciatura em Ciências Sociais – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, 2020.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. **Cadernos CESPUC de Pesquisa**, Série Ensaio, n. 16: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Belo Horizonte, set, p. 13-63, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Louro 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HAMILTON, Russel G. **A literatura dos PALOP e a Teoria Pós-colonial**. Via atlântica, n. 3 dez. 1999.

MACAGNO, Lorenzo. **A invenção do assimilado: Paradoxos do colonialismo em Moçambique**. Edições Colibri: Lisboa, 2019.

MATA, Inocência. A crítica literária africana e a teoria pós-colonial: um modismo ou uma exigência? In: **A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões**. Luanda, Editoria Nzila, 2007.

OTINTA, Jorge. **Representações do Intelectual: um estudo sobre Mayombe e Kikia Matcho**. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

PEREIRA, Mariana Morena. **O Modelo de Estado Africano não Convencional: uma análise crítica nas implicações da definição e designação do Estado Falido aliado aos princípios da construção do Estado nos moldes Ocidentais modernos**. 2016.

PINTO, Paula. **Tradição e modernidade na Guiné-Bissau: Uma perspectiva interpretativa do subdesenvolvimento**. Tese de Doutorado. Universidade do Porto (Portugal), 2009.

SILVA, Marcos Vinicius da Hora. **Os conflitos entre as tradições culturais Bissau-guineenses e as portuguesas no período colonial: uma análise do**

romance A última tragédia, de Abdulai Sila. 2019. 50 f. Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Bahia, 2019.

SEMEDO, Rui Jorge. O Estado de Guiné-Bissau e os desafios político-institucionais. **Tensões mundiais**, v. 7, n. 13, p. 95-136, 2011.

TÉ, Didier. **Nação e desenvolvimento na Guiné-Bissau: as contribuições do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa e da Soronda: revista de estudos guineenses.** 2020.

VALANDRO, Letícia. **Memória, literatura e nação na Guiné-Bissau.** IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas, Ouro Preto, *Caderno de Resumos do IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas*, UFOP, PUC-MG, 2010.

WRIGHT, Bobby E. **Mentacide: The Ultimate Threat to the Black Race**, 1979. Tradução _____ nossa. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/en/document/read/59824194/mentacide-bobby-wright>>. Acesso em: 8 fev. 2023.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS
Departamento de Letras e Artes
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS



MARCOS VINICIUS DA HORA SILVA

**REESCREVENDO A NAÇÃO BISSAU-GUINEENSE:
CULTURA, POLÍTICA E SOCIEDADE NO ROMANCE *KIKIA
MATCHO*, DE FILINTO DE BARROS**

Feira de Santana – BA
2023

MARCOS VINICIUS DA HORA SILVA

**REESCREVENDO A NAÇÃO BISSAU-GUINEENSE: CULTURA,
POLÍTICA E SOCIEDADE NO ROMANCE *KIKIA MATCHO*, DE FILINTO DE
BARROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Estudos Literários.

Área de concentração: Estudos Literários Narrativas Modernas e Contemporâneas.

Orientador: Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto.

Feira de Santana – BA
2023

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteadó - UEFS

S582

Silva, Marcos Vinicius da Hora

Reescrevendo a nação Bissau-guineense : cultura, política e sociedade no romance Kikia Matcho, de Filinto de Barros / Marcos Vinicius da Hora Silva. – 2023.

87 f.

Orientador: João Evangelista do Nascimento Neto.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Feira de Santana, 2023.

1. Estudos literários. 2. Romance. 3. Guiné Bissau. I. Título. II. Nascimento Neto, João Evangelista do, orient. III. Universidade Estadual de Feira de Santana.

CDU 82.09

MARCOS VINICIUS DA HORA SILVA

**REESCREVENDO A NAÇÃO BISSAU-GUINEENSE: CULTURA,
POLÍTICA E SOCIEDADE NO ROMANCE *KIKIA MATCHO*, DE FILINTO DE
BARROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Estudos Literários.

Área de concentração: Literatura e Diversidade Cultural.

Aprovada em 09 de junho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto
(UNEB/PROGEL – UEFS)
Orientador

Prof. Dra. Flávia Aninger de Barros
(PROGEL - UEFS)
Membro Interno

Prof. Dra. Ludmylla Mendes Lima
(UNILAB)
Membro Externo

Feira de Santana
2023

Aos guineenses de ontem, hoje e às “flores do amanhã”! As mestras e mestres que me apresentaram as letras, os números, os símbolos, e sobretudo, a esperar!

AGRADECIMENTOS

A toda força vital que eu chamo de Deus!

Aos meus pais, Evonete Bispo e João Nascimento pela educação, sustento e ensinamentos; coisas que nenhum diploma e dinheiro será capaz de comprar! Estendo os agradecimentos aos meus irmãos e irmã: Bruno Silva, Gilvan Silva e Juliana Silva por me incentivarem na caminhada!

A minha família, pelo incentivo e encorajamento!

Aos meus amigos e colegas da universidade, sobretudo Géssica Santos e Claudiane Alves, por nosso G3 maravilhoso e terapêutico!

A todas/os as/os professoras/res da minha trajetória escolar a acadêmica; vocês são fonte de inspiração e cuidado!

Ao meu orientador, professor Dr. João Evangelista do Nascimento Neto por ter acreditado na pesquisa e me orientado durante todo o percurso, a partir de um diálogo humano, plural e acadêmico!

À CAPES pela bolsa que foi fundamental na realização da pesquisa!

*Nem história, nem sociologia, nem etnologia, nem
política, tão-somente uma abordagem que se
pretende dinâmica e existencial do processo de
síntese sociocultural de um Povo.*

Filinto de Barros

RESUMO

Nesta dissertação, buscou-se analisar e discutir a narração do Estado-nação na Guiné-Bissau e a formação da identidade nacional, através dos hibridismos culturais, numa perspectiva do pós-colonialismo, a partir do romance *Kikia Matcho*, de Filinto de Barros. A obra configura-se como um romance de fundação porque nos permite compreender as dinâmicas do pós-independência no país e sua organização política, social e cultural. Trata-se de um texto escrito por um intelectual que participou ativamente da função do maior partido da Guiné-Bissau – o PAIGC, esteve presente na luta e ocupou diversos cargos políticos, fazendo do romance um espaço para confissões e narrativa de uma versão da História que a historiografia oficial omitiu e invisibilizou. Para apoiar a análise do texto literário, buscamos por teóricos, como Augel (2005), Candido (2006, 2011), Hall (2006) Jorge Otinta (2011), Ricardo Agnelo Cá (2021) que auxiliaram na discussão sobre a literatura guineense, os aspectos político-sociais da obra e nos estudos culturais. Na ausência de registros históricos mais consolidados e consistentes, é a Literatura, que mesmo não pretendendo substituir a História, torna-se um registro da narrativa oficial da nação. A literatura guineense assim como as demais literaturas africanas estão intrinsecamente ligadas ao processo de formação das nações pós-coloniais. O romance *Kikia Matcho* é uma dessas narrativas que dissona as muitas vozes da Guiné-Bissau: das elites intelectuais, das camadas menos favorecidas, dos diferentes segmentos religiosos e suas interações em um mesmo espaço geográfico, cultural e político, além de propor a reescrita da história por uma ótica contra-hegemônica e decolonial.

Palavras-chave: Kikia Matcho. Guiné-Bissau. Identidade. Hibridismos. Cultura.

ABSTRACT

In this dissertation, we sought to analyze and discuss the narration of the nation-state in Guinea-Bissau and the formation of national identity, through cultural hybridisms, from a post-colonial perspective, based on the novel *Kikia Matcho*, by Filinto de Barros. The work is configured as a foundation novel because it allows us to understand the post-independence dynamics in the country and its political, social, and cultural organization. It is a text written by an intellectual who actively participated in the function of the largest party in Guinea-Bissau - the PAIGC, was present in the struggle and occupied several political positions, making the novel a space for confessions and narrative of a version of history that the official historiography omitted and made invisible. To support the analysis of the literary text, we searched for theorists, such as Augel (2005), Candido (2006, 2011), Hall (2006) Jorge Otinta (2011), Ricardo Agnelo Cá (2021) who helped in the discussion about Guinean literature, the political-social aspects of the work and in cultural studies. In the absence of more consolidated and consistent historical records, it is Literature, which, even not intending to replace History, becomes a record of the official narrative of the nation. Guinean literature as well as other African literatures are intrinsically linked to the process of post-colonial nation formation. The novel *Kikia Matcho* is one of these narratives that dissonates the many voices of Guinea-Bissau: the intellectual elites, the less favored layers, the different religious segments and their interactions in the same geographical, cultural and political space, besides proposing the rewriting of history from a counter-hegemonic and decolonial perspective.

Keywords: *Kikia Matcho*. Guinea-Bissau. Identity. Hybridity. Culture.

LISTA DE ABREVIações

KM – Kikia Matcho

PAIGC – Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo-Verde

PALOP - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

SUMÁRIO

1	KUNSADA	12
2	FORMAÇÃO DO ESTADO-NAÇÃO BISSAU-GUINEENSE A PARTIR DO ROMANCE KIKIA MATCHO	20
2.1	A UTOPIA DA INDEPENDÊNCIA: A DESESPERANÇA DOS EX-COMBATENTES	20
2.2	A HISTÓRIA DA GUINÉ-BISSAU VISTA NO ROMANCE <i>KIKIA MATCHO</i>	24
2.3	A NOVA NAÇÃO	25
2.1.1	<i>A velha e nova geração: problemas antigos</i>	30
3	DISCUTINDO ASPECTOS SÓCIO-POLÍTICOS E CULTURAIS EM <i>KIKIA MATCHO</i>	42
3.1	RETRATOS CULTURAIS GUINEENSE	46
3.2	TIA BURIM MUDJO: LUGAR DE ENCONTRO DA DIVERSIDADE DE PENSAMENTOS	49
3.3	LITERATURA E SOCIEDADE: SÍNTESE SOCIOCULTURAL GUINEENSE	55
4	A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE BISSAU-GUINEENSE: PLURALIDADES, HIBRIDISMOS E (RE)CONSTRUÇÃO NACIONAL	69
4.1	ANIMISTAS, CRISTÃOS E MULÇUMANOS: É POSSÍVEL CAMINHARMOS JUNTOS?	74
4.2	O JOGO DAS IDENTIDADES E A QUESTÃO RACIAL	75
5	KABANTADA	82
	KUNSIDURES	85

1 KUNSADA¹

Na Guiné-Bissau, o gênero romance é pouco explorado; apenas 2 escritores conseguiram desenvolver este gênero literário, no que tange a produção pós-colonial. A causa do baixo número de romances publicados no país pode ser justificada pelo restrito quantitativo de editoras e recursos cabíveis por parte do governo local, além do baixo nível de escolarização da população. Nota-se que a literatura produzida no país, desde sua fase inicial até a contemporaneidade, dedicou-se a contestar a colonização e as mazelas oriundas dela. Abdulai Silá (Catió, 1 de Abril de 1958 - economista, investigador social e engenheiro electrónico formado pela Universidade de Dresden, na Alemanha.) inaugurou o gênero romance, seguido por Filinto de Barros (28 de dezembro de 1942 – 21 de novembro de 2011), seu contemporâneo. O segundo é um ativista político que participou da fundação do Partido para a Independência de Guiné e Cabo-Verde (PAIGC); além disso, foi embaixador da Guiné-Bissau em Portugal e, depois, assumiu outras pastas no governo Bissau-guineense.

Kikia Matcho (1999) ², de Filinto de Barros, é uma narrativa ficcional com traços autobiográficos e históricos, que aborda o universo Bissau-guineense pós-independente e os problemas político-sociais oriundos de uma onda neocolonialista no país, cujos ex-combatentes ficaram relegados à miséria, sem assistência por parte do novo governo. A narrativa gira em torno da morte do ex-combatente N'Dingui Có que se entregou ao álcool após inúmeras decepções com o partido e com o sentido da independência que se esfumava a cada dia.

O texto apresenta diversas narrativas que se interligam por meio do aparecimento do Kikia Matcho, espécie de coruja local, a Joana, Benaf e Papai; os dois primeiros são sobrinhos do falecido e o último, um amigo e ex-combatente. O que os deixam intrigados, é que, além do aparecimento da ave, que por si só representa o prenúncio de maldizeres, o Kikia tinha o rosto do falecido e trazia uma mensagem para a nação.

Filinto de Barros foi assertivo ao mesclar elementos culturais guineenses, sobretudo os povos *Papeis*, com a história, dando à narrativa um tom de

¹ Termo em Língua Guineense (crioulo) para designar início/começo/introdução.

² Em algumas partes do texto, será adotada a sigla KM.

verossimilhança. No contexto da obra, temos um relato histórico de como se constituiu a nação Bissau-guineense a partir de novas roupagens e hibridismos culturais. O enredo situa-se em dois espaços: África e Europa, em contínuo diálogo.

A partir destas constatações, surge a pesquisa REESCREVENDO A NAÇÃO BISSAU-GUINEENSE: CULTURA, POLÍTICA E SOCIEDADE NO ROMANCE *KIKIA MATCHO*, DE FILINTO DE BARROS, que consiste na análise da obra enquanto ficção fundacional, apresentando a narrativa da história pós-colonial do país, revisitando os conflitos sócio-políticos e culturais advindos do período pós-independência.

Nesse contexto, e considerando o papel da literatura guineense no processo de narração da história do país e a ideia de ficção fundacional, a pergunta que se coloca é: como o romance *Kikia Matcho*, de Filinto de Barros, busca reorganizar a ideia de nação e o projeto de formação da identidade Bissau-guineense?

Para tal, esta pesquisa busca analisar a busca da reconstrução da nação Bissau-guineense, através do romance de fundação, *KM*, de Filinto de Barros, para compreender como a obra literária corrobora para o processo de narração da nação, refletindo acerca do conceito de literatura de fundação com base no romance, de modo a entender o porquê de a obra ser uma ficção fundacional.

Também objetiva-se realizar discussões acerca dos problemas políticos e sociais contidos no romance, a partir das representações da história colonial no país para elucidar as ligações entre literatura e sociedade e captar o universo sociopolítico do país e de uma problematização de questões relativas à (Re)construção da identidade nacional Bissau-guineense e por meio das representações contidas na obra, com o intuito de compreender o processo de formação dessa identidade em contexto de pós-independência. E como isso ainda reverbera na contemporaneidade, ou seja, essas questões influenciam o desenvolvimento literário e conseqüentemente, da nação pós-colonial.

Este trabalho se justifica porque, no Brasil, cresce o número de estudos sobre a literatura guineense, a exemplo disso, os trabalhos de Carmen Lucia Tindó Secco, Lílian Paula Serra e Deus, Wellington Marçal de Carvalho, Laura Cavalcante Padilha, Érica Cristina Bispo, Jorge Nonato Otinta, Ricardo Aguielo

Aquixinco Gomes Cá, Letícia Valandro e outros que tem contribuído para a fortuna crítica da literatura guineense. Na Guiné-Bissau, ainda não existe uma crítica literária cristalizada. É a partir desta constatação que surge o desejo de analisar o romance do escritor guineense Filinto de Barros, também porque o Brasil passou por um processo semelhante de dominação, luta pela independência, construção de sua literatura e defesa de sua nacionalidade. A obra, publicada em 1997 em sua primeira edição pela Fundação Camões em Bissau e a segunda, em 1999 pela Editora Caminho em Portugal, faz parte da literatura pós-colonial, sendo um romance que narra a situação dos ex-combatentes, totalmente desprezados pelo Estado e os problemas advindos da colonização. A análise da obra é importante para compreendermos como a literatura e os fatores sociais guineenses estão interligados, sem que a primeira ocupe o lugar da história ou sociologia, mas se apoie nas duas últimas para explicar determinados fenômenos presentes nas obras literárias.

Ao pesquisar no banco de teses e dissertações da CAPES sobre o romance de Filinto de Barros, encontramos trabalhos de literatura comparada; no entanto, o presente trabalho irá analisar apenas o romance supracitado, buscando abarcar mais personagens e desenvolver, de forma mais aprofundada, suas participações na trama.

A pesquisa é relevante porque proporciona o contato com a produção literária guineense, aproximando-a com o Brasil, por serem nações que já possuem relações históricas e têm, em comum, a língua portuguesa. E no âmbito dos estudos literários, poderá contribuir para a crítica literária da Guiné-Bissau, servindo também como referência para estudos futuros. No âmbito social, será uma reflexão sobre a nação, a literatura nacional e uma valorização das produções literárias do sul global, especialmente de países marcados pela colonização portuguesa, como no caso da Guiné-Bissau. Já no âmbito pessoal, a pesquisa irá contribuir para o meu crescimento enquanto pesquisador sobre a literatura e história da Guiné-Bissau, de forma crítica. Além disso, desejo residir no país para aprofundar as pesquisas e estudos, devido à ligação afetiva, acadêmica e a proximidade com a Língua Guineense.

Numa perspectiva histórico-social, o objeto de estudo desta pesquisa – o romance, configura-se como pós-colonial; é por tal razão que consideramos ser

importante este estudo, de modo que venha colaborar com a compreensão do papel social dessa literatura, que também é categoria de análise dos estudos socio-literários, sobretudo nas ex-colônias de Portugal. Uma vez que sabemos a importância da literatura na formação da identidade guineense, é relevante para que conheçamos a representação de fatos sociais na literatura – especificamente no romance em questão para, assim, captar como se tem formado “uma nova visão da sociedade que reflecte sobre a sua própria condição periférica [...]” (MATA, 2007, p. 9-10).

Verificamos que, em pesquisas anteriores, não há um trabalho que se dedicou a analisar o romance enquanto ficção fundacional, embora se notem algumas referências; é partindo desta premissa que este estudo é importante, porque se concentra em discutir a obra enquanto romance de fundação, dialogar com sua função histórica e sociológica e refletir sobre o papel que esta literatura exerce no entendimento da nação Bissau-guineense atual.

No que concerne à metodologia desta pesquisa, é qualitativa, descritiva, explicativa e exploratória, em que foi feito o levantamento bibliográfico sobre o tema de pesquisa e a análise do romance em questão. Utilizamos o método indutivo, cuja compreensão da problemática transita e percorre de um objeto geral para o específico/particular.

A revisão bibliográfica serviu como aporte teórico para discutir conceitos elementares da análise, tais como Identidade Nacional, Ficção fundacional e Literatura guineense, para subsidiar as discussões em torno das relações entre Literatura, História e Sociedade, de modo que seja possível perceber como o romance, enquanto texto literário, trata das relações entre ambas as áreas.

Para discutir o conceito e aplicação de Identidade Nacional, nos apoiamos nos estudos de Zilá Bernd (1992) e Stuart Hall (2006), dentre outros. As discussões de Inocência Mata (2007) e Maria Soares Fonseca (2008) foram importantes nos diálogos sobre Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Moema Parente Augel (2005) e Jorge Nonato Otinta (2011) nos guiando no debate em torno da ficção fundacional e da formação do Estado-nação na Guiné-Bissau. Já para analisar as relações entre literatura, história e sociedade, foram utilizadas referências encontradas em Fanon (1968), Antonio Candido (2006, 2011), Letícia Valandro (2010) e outros textos mais recentes de autoria Bissau-

guineense: Artemisa Odila Candé Monteiro (2013), Rui Jorge Semedo (2018), Didier Té (2020) e Ricardo Agnelo Cá (2021).

A análise do romance partiu de uma leitura mais ampla e de contextualização para a análise micro, considerando as especificidades de personagens e os contextos de inserção na obra, bem como, discutir os pontos supracitados, a partir da obra, ou seja, o desenvolver do texto é realizado a partir do objeto e o referencial contribui com a análise e interpretação do texto literário. Utilizamos os autores supracitados para dialogarem com o objeto e o método histórico-sociológico para compreender os personagens.

Esperamos que os resultados na análise do romance sirvam para a visibilidade da produção literária e suas discussões sociológicas, a compreensão do que foi o processo colonial na Guiné-Bissau; e para entendermos como a literatura está relacionada com a sociedade, na qual é produzida, isto, no caso, da Guiné-Bissau. Neste sentido, pretendemos que esta pesquisa forneça corpus para investigações futuras sobre o tema e que contribua para a crítica literária guineense, fortalecendo o quadro de estudos de literatura africana. Desejamos intensificar o cumprimento da Lei 10.639/2003, complementada pela Lei 11.645/2008, que objetivam o ensino de história da cultura africana, afro-brasileira e indígena, apresentando o resultado deste estudo como um meio de aproximar o Brasil com o sistema literário africano lusófono.

Em 2015, tive meu primeiro contato com a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), no Campus dos Malês, situado em São Francisco do Conde-BA, Recôncavo Baiano. Como o próprio nome sugere, a universidade mais preta do Brasil abriga estudantes dos cinco países africanos, com o português como língua oficial, assim como no Brasil, e do Timor-Leste que, embora não faça parte dos PALOP, compõem a universidade.

Na UNILAB, antes mesmo de me tornar discente, experienciei o encontro com colegas de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, e foi nesses momentos de partilha que me aproximei das Literaturas Africanas, especialmente, a Guineense. Ao adentrar na graduação em Letras – LP, nos primeiros semestres, fiz a disciplina Tópicos em Literaturas Africanas, com a professora Dra. Ludmylla Mendes Lima, e foi ela que me apresentou

algumas obras de Abdulai Sila e o romance *Kikia Matcho*, de Filinto de Barros, o qual é meu objeto de pesquisa.

Esse contato com a literatura guineense me motivou a pesquisá-la de forma mais aprofundada e sistemática e, por essa razão, o meu TCC centrou-se na análise do romance *A última tragédia*, de Abdulai Sila, pensando em como se deram os conflitos entre as tradições portuguesas e guineenses no período colonial. A partir dessa pesquisa, resolvi trabalhar com a obra de Filinto de Barros, por já ter pensado analisá-la na graduação, inclusive, o projeto de pesquisa foi sobre a obra acima mencionada.

A oportunidade do Mestrado em Estudos Literários, na UEFS, corroborou para a continuação dos meus estudos e pesquisas em Literatura Bissau-guineense, por ser parte desse país que tanto admiro e sinto-me como filho. Guiné-Bissau é uma nação com uma pluralidade étnica e linguística admirável, que tem lutado para manter viva a sua cultura após o passado colonial. O país é carente de bibliografias historiográficas que, de fato, narrem a história da nação, sem que seja pela visão eurocêntrica, e foi pensando nessas condições que também surgiu o meu desejo em analisar o romance de Filinto de Barros.

Ao observar a potência dessa ficção fundacional, decidi fazer a seleção do PROCEL – UEFS, e desenvolver a pesquisa que tem como tema **Reescrevendo a Nação Bissau-guineense: cultura, política e sociedade no romance *Kikia Matcho*, de Filinto de Barros**, que buscou analisar e compreender como a obra ficcional narra a formação do Estado-Nação e seus desdobramentos, assim como o romance enquanto ficção fundacional. Além disso, discutimos sobre os aspectos sociopolíticos do país, questões identitárias e as relações entre o tradicional e o moderno.

No que tange à organização do texto, está composto por 5 seções:

A primeira, intitulada de **KUNSADA**, apresenta o problema de pesquisa, objetivos, contextualização e motivações, metodologias e hipóteses acerca da temática; a segunda seção analisa a formação do Estado-nação a partir da leitura do romance atrelada às reflexões de teóricos do campo; na terceira seção, buscou-se compreender as dimensões culturais e políticas da obra, analisando detalhadamente os personagens e seus respectivos papéis na narrativa que, embora englobem o todo, possui suas especificidades; a quarta seção teve como

direcionamento a discussão acerca dos hibridismos e pluralismos presentes no país sendo representados no texto literário e, a última seção – considerações finais, apresenta o produto das análises e reflexões realizadas nas seções anteriores, apresentando também os resultados obtidos para a questão norteadora.

Já, na segunda seção, intitulada **A FORMAÇÃO DO ESTADO-NAÇÃO BISSAU-GUINEENSE A PARTIR DO ROMANCE KIKIA MATCHO** discutiu-se acerca do romance enquanto texto fundacional que possibilita a compreensão da formação do Estado-nação e seu desenvolvimento com o pós-independência. Ainda, nessa seção, refletimos sobre o papel da literatura na narração de versões não oficiais da história.

A terceira seção, **DISCUTINDO ASPECTOS SÓCIO-POLÍTICOS E CULTURAIS EM KIKIA MATCHO** centrou-se na compreensão de como se configura o país, em seus aspectos político-sociais, através da trama romanesca, sendo possível entendermos como o texto literário mesclou elementos do real com a ficção para construir uma narrativa verossimilhante e com tons biográficos, em que a voz do autor se confunde ou se entrelaça com a voz do narrador, isto porque, o primeiro é conhecedor da história e viu nascer a nação Bissau-guineense.

Na quarta seção, **A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE BISSAU-GUINEENSE: pluralidades, hibridismos e (re)construção nacional**, buscamos compreender como se formou a identidade guineense/guineendade a partir do hibridismo cultural, dado que o contato com a experiência colonial tornou a nação um espaço do plural e do diverso, ainda que não harmonicamente, em sua totalidade.

A quinta seção são as **KABANTADA**, em que se apresentam os resultados das análises e discussões realizadas, ao longo das seções anteriores, apresentando uma reflexão que arremata a leitura e análise da obra.

Para encerrar o texto, temos a última seção, **KUNSIDURIS**, em que constam as obras consultadas – a base teórica que possibilitou o diálogo entre a análise do romance e as teorias literárias e dos estudos culturais, durante o desenrolar da pesquisa.

Desta forma, o presente trabalho se configura como um exercício de análise da sociedade guineense pós-independente a partir do texto literário, neste

caso, o romance *Kikia Matcho*, de Filinto de Barros. A compreensão sobre o passado corrobora para o entendimento do presente, sobretudo porque permite observar a lógica de formação do país enquanto Nação e seus desdobramentos político-sociais e culturais.

2 A FORMAÇÃO DO ESTADO-NAÇÃO BISSAU-GUINEENSE A PARTIR DO ROMANCE *KIKIA MATCHO*

Nesta seção, compreende-se de que modo o romance *Kikia Matcho* configura-se como um texto de fundação e dialoga acerca da História colonial na Guiné-Bissau, para pensarmos em como essa nação foi formada e narrada na obra ficcional.

2.1 A UTOPIA DA INDEPENDÊNCIA: A DESESPERANÇA DOS EX-COMBATENTES

O romance de Filinto de Barros, dentro do escopo da literatura Bissau-guineense, ocupa um lugar importante no processo de narração da nação, mas antes, é elemento indispensável na compreensão de como se formou esse Estado-nação para a geração do passado, do presente e do futuro, como modo de não esquecer os acontecimentos históricos. Atualmente, tem surgido, na Guiné-Bissau diversos grupos literários e culturais que estão divulgando as produções artísticas do país, o que significa maior alcance da obra *Kikia Matcho* por parte da população. Sua temporalização é o pós-independência, a partir de 1974, em que, por meio dos personagens, o autor nos apresenta as diferentes faces de um país recém-liberto do jugo colonial português e sua estruturação político-administrativa.

Publicado pela primeira vez em 1997 pela Editora *Ku si mon* (Guiné-Bissau) e com a segunda edição pela Editora Caminho (Portugal) em 1999 - com o subtítulo “O desalento do combatente” - o romance narra a história da Guiné-Bissau após a conquista da independência, que ocorreu em 1973 e reconhecida por Portugal no ano seguinte. Os personagens rememoram o passado colonial constantemente, para abranger os males que assolavam o país.

É uma narrativa elaborada por alguém que vivenciou a história colonial, a luta de libertação e foi um dos fundadores do maior partido da Guiné-Bissau – o PAIGC (Partido para a Independência de Guiné e Cabo Verde). Filinto de Barros, que foi um grande intelectual, nos informa sobre uma versão da História que a narrativa oficial omitiu ou invisibilizou. A trama desenvolve-se em torno do

falecimento de um ex-combatente da libertação nacional, o velho 'N Dingui³, e é com este personagem que o narrador tece críticas ao estado em que se encontravam os ex-combatentes: relegados à miséria e ao caos, bem como, a condição sociopolítica do país.

Mesmo diante de narrativas com valor histórico, sendo compreensível no romance africano, não se pode admitir que a ficção seja esquecida, porque mesmo apresentando versões outras da História, houve uma ficcionalização dos fatos, e não podemos ser ingênuos, a ponto de confundir o romance que ficcionaliza fatos históricos com o romance histórico, de fato.

Estamos diante de uma narrativa em que o narrador se confunde facilmente com o escritor, isto, talvez, porque a história de personagens como Benaf - intelectual, parece ser a do próprio autor. Embora reconheçamos que a literatura possui o seu valor próprio, é inegável que ela esteja permeada de fatores e contextos históricos e sociais.

Além dessas questões, o romance discute a assimilação da cultura lusitana em detrimento da africana, especificamente guineense, demonstrando o trânsito entre dois mundos: colonial *em relação ao* tradicional, na formação da “nova nação”. Embora o próprio autor tenha afirmado, na apresentação da obra, que o texto não pretendia ser história, sociologia, antropologia, acaba por ter todas essas áreas mencionadas, englobadas na narrativa, como veremos mais adiante.

As últimas décadas, no que tange a produção literária africana em geral e a guineense, em particular, verifica-se um engajamento necessário da luta contra a invisibilidade no cenário literário e o uso da ficção para denunciar as mazelas e problemáticas do continente, oriundas do processo colonial. É por meio da ficcionalização da história que é possível, também, conhecermos a situação pós-colonial dos países marcados pelo jugo colonial português.

Mediante o exposto, pode-se verificar que a literatura produzida, atualmente, na Guiné-Bissau, intensifica-se e está engajada na sua função social e, conforme Candido (2011, p. 180-181), “Disso resulta uma literatura empenhada, que parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas. São casos em que o autor tem convicções e deseja exprimi-las; ou parte de certa visão da realidade e a manifesta com tonalidade crítica”.

³ Nome em Língua guineense (kryol) que significa “eu sou solitário/sozinho”. (Tradução nossa).

A afirmação de Candido (2011) é pertinente quanto à escrita de Filinto de Barros, pois se nota que a sua visão crítica da sociedade guineense está contida no romance, sem que ele perca os caracteres estéticos da literatura. No período pós-colonial, “[...] a cristalização da consciência nacional vai ao mesmo tempo transtornar os gêneros e os temas literários e criar completamente um nóvo público” (FANON, 1968, p. 200, *sic*).

A leitura de *KM* nos direciona a uma interpretação da Guiné-Bissau pós-independência sob a ótica interna, ou seja, o olhar de um filho da terra, que não só vivenciou o período histórico, como fez parte dele. Esse é o mote para os desabafos que o narrador apresenta na obra. O personagem ‘N Dingui Có é o sujeito que integrou o sistema e representa a desilusão para com a independência política, pois ele mesmo, após a guerra, viu-se desolado, sem assistência por parte do Estado e da família. O olhar interno do qual nos referimos é a partir da própria narrativa, que mesmo não deixando de ser ficção, denota uma “posição do artista” (CANDIDO, 2011).

O falecimento de ‘N Dingui gerou uma perturbação na vida de seu sobrinho António Benaf, isto porque, este tinha migrado para a Europa e se desvinculado de suas tradições culturais; não estava à espera de uma situação como esta. Sendo o parente mais próximo do ex-combatente, estava incumbido da realização das cerimônias fúnebres dos povos Papéis⁴. Em uma conversa entre Benaf e Papai – ex-companheiro do morto, o narrador informa-nos sobre a condição do velho ‘N Dingui, antes de seu falecimento:

O seu tio de nome ‘N Dingui terminou os seus dias na mais complexa solidão! Nem ele havia dado ao tio qualquer apoio material ou humano, ele que era considerado o mais próximo em termos familiares e de quem era devedor moralmente. (BARROS, 1999, p. 12).

A solidão da qual relata o narrador é fruto do abandono por parte dos dirigentes do PAIGC – Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde, da mísera pensão que os ex-combatentes recebiam e o não

⁴ Grupo étnico da Guiné-Bissau, representam cerca de 9,1% da população nacional. Para eles, a morte é um rito de passagem para o outro mundo, e, portanto, é necessário que se realizem cerimônias específicas, como requer a tradição. (CLOSSAVNY, 2021, s.p).

reconhecimento por parte da população, pois sendo ele alguém que lutou em nome do/pelo povo, estava completamente esquecido. Havia uma preocupação enorme, para que as gerações futuras não se esquecessem do legado dos heróis da pátria e de suas contribuições para o país.

O narrador utiliza-se de vários *flashbacks*, transitando entre o passado e o presente na narrativa. A recordação de Papai é fundamental para compreendermos como se deu a vida na guerrilha. Ainda em continuidade de seu diálogo com Benaf, ele relata para o mais novo:

- Sabes estivemos juntos na guerrilha. Pertencemos ao mesmo bigrupo comandado por Domingo Carnel. Lembro-me como se fosse hoje nas terríveis emboscadas aos *tugas*. 'N Dinguí era o último a retirar-se. Para ele, a vida dos seus homens valia mais do que a própria causa porque estávamos a bater-nos. Ferido ou morto, 'N Dinguí tinha de confirmar a sua retirada pelos camaradas, e aos mortos dava um enterro condigno. Os *tugas* nunca levaram uma das nossas baixas e olha que não foram poucas. (ibid).

O mesmo 'N Dinguí, que hoje estava desolado e desamparado pelos antigos camaradas, tinha dedicado toda a sua vida à luta. A figura do morto acende um discurso importante na formação do Estado-nação, porque é partir de sua morte que surgem as discussões acerca dos rumos que o país estava tomando, inclusive, do reconhecimento da independência enquanto utopia. Era inadmissível, segundo o narrador, "Combatente da Liberdade de Pátria morrer sozinho sem, ao menos, o calor humano dos seus antigos camaradas!" (ibid.).

Alguns estudiosos da literatura Bissau-guineense, como o caso de Augel (2005) e Otinta (2011), compreendem que o romance de Barros é um texto fundacional, porque possibilita o entendimento sobre o modo como se configurou o Estado-nação e seus desdobramentos pós-independência.

A partir da concepção de ficção de fundação, pensando o conceito através da realidade da Guiné-Bissau, cujo romance *Kikia Matcho* apresenta uma versão não oficial da história do país pós-independente, é possível fazer uma leitura de como se formou o Estado-nação após a expulsão dos portugueses do território nacional. O autor da narrativa elucidou, durante a narrativa, a formação política e

administrativa do país, revelando os seus conflitos internos e a ruptura com os ideais da Luta.

2.2 A HISTÓRIA DA GUINÉ-BISSAU VISTA NO ROMANCE KIKIA MATCHO

O romance africano, ainda que seja ficção, é historiográfico, pois o contexto de produção das literaturas africanas de língua portuguesa contribui para haver uma relação entre ficção e história, dada a escassez de fontes históricas, e é a literatura que, mesmo não pretendendo ocupar o lugar da História, acaba por suprir, em parte, a ausência e/ou insuficiência da primeira.

Por intermédio dos personagens 'N Dingui, Papai, Benaf e Joana, representando, respectivamente, os ex-combatentes e a nova geração do país, a narrativa nos indica uma Guiné-Bissau dirigida pela elite do partido, os novos dirigentes, que não são apenas representados pelos que estudaram fora do país, mas também por aqueles que foram “grandes senhores” no período da luta armada.

Papai, representante da velha geração, a todo tempo, expõe as inglorias do pós-luta, o não reconhecimento dos ex-combatentes e, insatisfeito, questiona a atual governança, em que a elite intelectual se distanciou bastante do projeto de nação e de progresso pensado outrora por eles.

Durante a cerimônia de *tchoro* (ritual de morte/cerimônia fúnebre), Papai conversou com Benaf, contando-lhe sobre a Luta e a sua convivência com o tio 'N Dingui. O jovem demonstrava não estar interessado na narrativa do sonhador Papai, pois observava uma grande contradição entre a “gloriosa luta” e o ostracismo vivenciado por Papai e o próprio malogrado:

Papai sonhou que terminada a Luta seria um herói venerado por todos. Afinal, a dura realidade mostrava que já não passava duma múmia petrificada como o seu amigo 'N Dingui.

Não, isso não podia ser, estava a sonhar acordado! Ele, o *comandante* de bigrupu, o homem *de pitu burmedju*, não pode ser votado à lei do esquecimento.

Amanhã, no funeral, é que iam ver. O *comandante* estaria presente e de certeza botaria um discurso pondo os pontos nos ii. Com esta esperança arrancada a ferros, Papai caiu num sono profundo, não porque a tenda de ferro estivesse a fazer efeito mas porque acreditou no único referencial que mantinha a sua razão de viver. (BARROS, 1999, p. 42).

Papai nutre uma grande esperança de que a luta fosse reconhecida com honra e que as novas gerações, a de Benaf, por exemplo, se orgulhassem dos anos de Luta e das conquistas obtidas pelos guerrilheiros; ao mesmo tempo, o velho sonhador vivia o paradoxo da desilusão, pois notava, a cada dia, a nação ganhando rumos que não foram planejados por eles, relegando as massas populares a um lugar de não desenvolvimento.

Benaf, representando a nova elite intelectual, tem muitos questionamentos acerca das ideias de Papai e demais companheiros. A negação de atenção e ajuda ao falecido, o desolamento de Papai, Infali Sissé e outros que lutaram pela libertação, faziam-no pensar no quão utópico era o discurso de liberdade, em que a condição socioeconômica dos ex-combatentes estava cada vez mais deplorável, face ao pós-independência. Para o jovem, era preciso romper com o passado, abandonar as velhas narrativas de Papai. Havia ali uma narrativa hegemônica que destoava da realidade.

Ele, enquanto um jovem “doutor” egresso do exterior, almejava a caminhos diferentes e, tendo constatado a condução da formação do estado-nação, pensaria apenas em si, na sua ascensão econômica, como faziam os demais, deixando de se posicionar contra o sistema, pelo contrário, jogaria a favor, porque o que estava em xeque eram os seus próprios interesses.

2.3 A NOVA NAÇÃO

A nação que o romance de Filinto de Barros descreve é ainda um grande espelho da Guiné-Bissau atual, que esteve envolta em diversos golpes de Estado⁵ após a independência, cuja política do atraso impediu o seu progresso e desenvolvimento. Mas, por outro lado, não podemos deixar escapar a ideia de nação, pensada a partir das culturas e tradições africanas, porque, antes da invasão portuguesa, existiam ali muitas formas de organização social e política, como é notório nos grupos étnicos *papeis*, *balantas*, *fulas*, *mandingas*⁶ etc. E no

⁵ Esses golpes são discutidos mais à frente.

⁶ A Guiné-Bissau conta com mais de trinta grupos étnicos, dentre eles, os cinco maiores grupos, em termo de numerosidade são: balantas (27%), fulas (22%), mandingas (12%), manjacos (11%),

período colonial, o projeto do PAIGC foi forjar uma nação harmônica para “correr com os *tugas*”.

No caso do jovem Benaf, que estava distanciado das tradições dos Povos *Papeis*, quanto às cerimônias de *tchoro*, é possível observar um diálogo importante que Barros propõe a respeito dos jovens licenciados – os que foram mandados para a Europa com o objetivo de se formarem quadros aptos a trabalhar na Guiné-Bissau – e enquanto tradições fundadoras dessa “comunidade imaginada” que chamamos de nação:

Anos de vivência na Europa, anos de prática dum individualismo tacanho, haviam-no transformado num ser desumano, num *materialista* interessado nos sucessos pessoais, saudoso das grandes cidades de luzes por todos os lados, dos automóveis, dos gigantes de betão armado. A África tinha-se esfumado do seu ser. **Voltou porque era africano e intelectual, portanto podia ser ministro ou presidente, mas do continente não conseguia reter nem compreender a profundidade de sua mística.** (BARROS, 1999, p. 16-17, grifo nosso).

O trecho anteriormente citado, em que o narrador nos informa acerca do distanciamento de Benaf para com as questões étnico-culturais e seu real motivo de ter regressado ao país, torna possível a compreensão do novo desenho de nação que foi projetado no país, em que **o africano e o intelectual** estariam à frente dos espaços de poder para satisfazer seus interesses pessoais, sem nenhum comprometimento com o desenvolvimento político da nação, e abandonando a harmonia, que outrora surtiu efeito na Luta⁸. Em outras palavras, bastava ter estudado no exterior, assimilado a língua e a cultura do colono, para ocupar um espaço no governo.

Embora ele tenha traçado o percurso da assimilação⁹, não deixa de ser africano e tem consciência das múltiplas realidades que o compõem. Mesmo que

e papeis (10%) (AUGEL, 2007, p. 76-77). Cada um desses grupos apresenta a sua própria língua e se distingue por conta de práticas e rituais específicos, mesmo que partilhem de alguns elementos comuns.

⁷ Expressão utilizada no romance para se referir à Luta contra os Portugueses (BARROS, 1999).

⁸ Filinto de Barros grafou Luta para enfatizar que se tratava de uma luta específica contra os portugueses.

⁹ Cabe ressaltar que a assimilação foi um processo colonial e não uma opção, conforme nos mostra Candé (2013).

quisesse permanecer na Europa, lá também não passaria de um “zé ninguém”¹⁰. O assimilado era aquele que perdia o status de indígena e passava a ser considerado cidadão, no regime colonial, adquirindo os costumes dos portugueses, por imposição. Nesse processo, o “índigena” teria sua própria cultura aniquilada para receber a cultura dominante. No entanto, essa aniquilação não se realizou plenamente, segundo Lorenzo Macagno (2019, p. 30).

Conforme o narrador, a morte do tio não estava sendo fácil para ele, pois ali, foi “[...] obrigado a confrontar-se com realidades socioculturais que lhe serviram de berço, do qual tanto gostaria de escapar!” (BARROS, 1999, p. 18). Neste sentido, pensar a ideia de nação como sendo imutável é incoerente, pois, pessoas com o posicionamento de Benaf rompem com o ideal de nação harmônica, sem problemas, em que todos os indivíduos abrem mão de sua singularidade para seguir o padrão da unicidade e tornar-se um só.

De acordo com Cardoso (1992, p. 34), a política de assimilação foi uma estratégia dos colonizadores para cooptar “indígenas¹¹” no processo de dominação, e isso se deu com a suposta civilização dos povos, que acreditavam ter o mesmo status dos dominadores. E, para tal, foi criado o Estatuto de 1954, prevendo que, para adquirir a cidadania e deixar de ser considerado indígena, era preciso cumprir os seguintes requisitos, conforme o artigo 56º (1954, p. 112):

- a) Ter mais de 18 anos;
- b) Falar corretamente a língua portuguesa;
- c) Exercer profissão, arte ou ofício de que aufera rendimento necessário para sustento próprio e das pessoas de família a seu cargo, ou possuir bens suficientes para o mesmo fim;
- d) Ter bom comportamento e ter adquirido a ilustração e os hábitos pressupostos para a integral aplicação do direito público e privado dos cidadãos portugueses;
- e) Não ter sido notado como refractário ao serviço militar nem dado como desertor.

É importante frisar que há uma negociação na adesão do status de assimilado, porque muitos independentistas da Guiné-Bissau tiveram formação de base portuguesa, aprenderam a língua do colonizador, mas não de forma passiva,

¹⁰ Expressão utilizada pelo autor.

¹¹ Os povos do interior do país, os não assimilados.

porque a sua consciência nacional manteve-se firme, como é o caso de Amílcar Cabral, o pai da nação. Neste sentido, entende-se que a assimilação também foi estratégica por parte dalguns “indígenas”.

A ideologia de Amílcar Cabral, em que o projeto de unidade nacional concebia uma nação harmônica e integrada, cujos grupos étnicos se reconheciam pela identidade nacional: o ser guineense foi importante para a redução dos conflitos étnicos, em um momento específico da História: o colonial, além do plano de união contra os colonizadores. Mas sabemos que a questão é muito mais complexa, havia outras implicações ali presentes: o apagamento das singularidades de cada povo e a hegemonia do crioulo guineense em detrimento das línguas de cada grupo, considerando a multidiversidade do país.

Cabe ressaltar que a unidade nacional tinha, como objetivo principal, a união e o despertar da consciência nacional para lutar contra o colonialismo. Devido à divisão entre os povos (grupos étnicos), foi necessário conclamá-los a unir-se enquanto povo guineense para consolidar o projeto de identidade nacional e barrar a violência da invasão.

No bojo dessa discussão, Candé compreende que

O conceito de nação idealizada por Amílcar Cabral foi determinante na engenharia social do povo bissau-guineense, ao pretender uniformizar os interesses étnicos em interesses coletivos, gravitando numa nova identidade unificada, que transmite aos sujeitos o significado homogêneo de representação de seus interesses através de discurso de construção da nação. (CANDE, 2013, p. 33).

A partir do projeto unificador é que surge o discurso: “somos todos guineenses”, na tentativa de elidir as diferenças étnicas e possibilitar que os diferentes grupos se afirmassem enquanto guineenses, assumindo essa identidade coletiva. O processo de unificação pode ser considerado o causador do extermínio de algumas etnias, como se verifica, atualmente, no quantitativo de grupos operantes na Guiné-Bissau.

Ainda no âmbito da discussão, Didier Té (2020) aponta que, na Guiné-Bissau,

[...] foi a elite crioula que, ao assumir a liderança política do Partido-Estado resultante da luta armada de libertação nacional que marcou o ponto mais elevado do nacionalismo bissau-guineense, usou o Estado para impor uma política da língua, neste caso a língua crioula ou crioulo. (TÉ, 2020, p. 61).

Neste sentido, voltando-nos para o romance, vemos que Benaf é o jovem que integrava a elite crioula, embora não tivesse adentrado ao Partido, mas que almejava a sua ascensão política pois, ainda em conformidade com Té (2020), a leitura e a escrita possibilitaram que os crioulos ascendessem e acessassem os privilégios do Estado, obtendo cargos de alto escalão na política, destacando-se socioeconomicamente.

A nação, que estava se formando no pós-independência, teve, como direção, a substituição da elite metropolitana pela burguesia nacional, sem recursos e possibilidades de reerguer o país. Em outros termos, a elite nacional estava projetando um neocolonialismo¹², dado que estabeleceram alianças com os colonos e subordinavam os “indígenas”, através do processo de escravização.

Na visão de Papai – o grande sonhador - a nação é uma comunidade imaginada, o que, segundo Anderson (2008), trata-se de uma idealização de comunhão e compartilhamentos de elementos em comum, dado que a população não conhecerá todos os seus compatriotas, mas entende que possuem traços comuns e partilham de um mesmo território sociogeográfico.

A nação em *KM* é demarcada pela falência do projeto unificador de Amílcar Cabral e as remodelações do Estado independente, em que os novos gestores, a priori, substituíram os colonos, refletindo seu legado de dominação. No intuito de derrubar o colonialismo, o PAIGC, ou melhor, as “mentes brilhantes” por trás do partido, criaram uma “comunidade imaginada”, ainda sob o poder colonial, para elucidar que a Guiné-Bissau se constituía como nação em um cenário mais amplo, dentro e fora do continente. E essa mesma comunidade imaginada se estendeu com a conquista da independência, mas com modificações latentes.

No romance, ao contemplar o caixão do tio, o narrador descreve uma reflexão feita por Benaf quanto à motivação desse tio em ter participado da luta:

¹² Termo que foi utilizado, pela primeira vez, por Kwame Nkrumah (1965), líder político ganês e um dos fundadores do Pan-Africanismo.

Não gostava de admitir que devia o seu sucesso relativo às ideias saídas de mentes tão simplórias como a de 'N Dingui, Papai e outros. Mas essas mentes tinham na verdade pensado em alguma coisa ou limitaram-se a seguir as palavras de Abel Djassi? O que significou a Luta para esta gente? Lutaram ou estiveram na Luta acompanhando os outros, os intelectuais como ele, que tinham por missão enquadrar as massas? (BARROS, 1999, p. 17).

Esse momento de reflexão nos direciona à compreensão de que o projeto de conscientização nacional surtiu efeito a curto prazo, ou seja, no período necessário para unir o povo em prol da Luta, grafada com maiúscula pelo autor, demarcando a sua localização histórica e social. As interrogações de Benaf propõem uma revisitação histórica sobre os movimentos de Luta pela Libertação Nacional. Acredita-se que o tio detinha consciência do seu papel na Luta, pois a invasão portuguesa tinha ocasionado danos imensos ao país. Se seguiram as palavras de Abel Djassi era porque acreditavam no ideal da Luta; se não fosse isso, Papai e 'N Dingui não teriam se decepcionado com o pós-independência.

2.3.1 A velha e a nova geração: problemas antigos

Os povos que saíram das *tabankas*¹³ para a cidade almejavam conhecer esse mundo da capital, em que a vida parecia ser melhor em comparação ao interior. Dentro desse movimento de migração do interior para a cidade, foi se expandindo as cidades grandes e novas mentalidades formando-se.

O velho Papai, de acordo com o narrador, não conseguiu se adaptar às exigências da cidade, porque ele estava acostumado com o mato e suas vivências por lá; por isso, entregou-se ao álcool, como forma de “sobreviver” aos seus próprios conflitos internos e externos.

No capítulo 4, quando o narrador descreve a situação de Papai com o fim da guerra e a separação da mulher que escolhera no mato, nota-se o processo de modernização do país, ou melhor, o surgimento de uma nação híbrida, em que as culturas tradicionais passaram a conviver com a modernidade colonial, ainda que de forma não harmônica:

¹³ Aldeamento, povoação (BARROS, 1999, p. 158).

Papai foi o primeiro a sofrer as consequências do impacto e não podendo acompanhar o novo ritmo, escolheu o álcool. A cidade tinha vencido o mato. As dificuldades do exterior reflectiram-se, como não podia deixar de ser, na gestão da micro-unidade familiar de Papai. Com o fim da Luta, desapareceu igualmente a fonte de energia que permitia que dois indivíduos pertencentes a universos culturais diferentes pudessem conviver num ambiente harmónico, onde essas diferenças eram não só esbatidas mas aparentemente ultrapassadas. (BARROS, 1999, p. 40).

A unidade entre os povos de diferentes “universos” teve seu efeito somente durante a Luta, pois, na nação imaginada por Cabral, todos deviam unir-se para derrubar o colonialismo, como já mencionado anteriormente, e formar uma nova identidade nacional, interligando todos os grupos. O intuito era que a unicidade permanecesse com o pós-independência. Conforme Artemisa Candé (2013, p. 218-219),

[...] o nacionalismo bissau-guineense cumpriu na sua primeira fase a promessa da emancipação política. A segunda fase marcada pelo período pós-independência tratava-se de transformação das estruturas sociais, a formação de uma cultura nacional gerada pela liberdade, a cidadania plena, os direitos sociais e políticos, o bem estar social dos povos, a construção de uma economia sólida e indústrias, etc., mas que não se consolidaram.

A modernidade da cidade começou a chegar às *tabankas* com veemência e muitas pessoas não conseguiram acompanhar o ritmo da ‘evolução’ e decidiram regressar ao interior. A mulher que Papai encontrou na Luta – Yulé – foi uma dessas pessoas que não suportou a dinâmica da modernização:

Papai recusou trocar a mulher do mato pela da praça, mas Yulé Bitna não foi capaz de se adaptar às novas exigências dos centros urbanos. Não conseguia entender-se com as mulheres do agregado familiar do marido. Apesar de nova e bonita, não conseguia compreender qual a necessidade de todo esse apertar de roupas curtas, esse *queimar* de cabelos, esses lábios e unhas pintadas, andares bamboleantes para chamar a atenção dos homens. (ibid, p. 41, grifos do autor).

O modo de vestir e apresentar-se diante da sociedade faz parte das dinâmicas de modernização pós-independência, considerando que a Guiné-Bissau, com o fim da Luta, foi se formando uma nação híbrida, porque não dava

para apagar, completamente, as marcas da invasão. Conforme o narrador da obra, Yulé “Libertou-se da tirania da civilização do branco incrustada na mente dum preto.” (ibid., p. 41). Neste sentido, cabe-nos ressaltar que a forma de vida das *tabankas* consistia em um sistema próprio de organização da estrutura social, a partir da cultura de cada grupo social.

O retorno da jovem para as suas origens geográficas e sociais encabeça uma discussão importante acerca do pós-independência, sendo nítido que o projeto de unificação dos povos e da formação da identidade nacional falhou, e isto, devido a uma inconsistência do projeto, que embora tenha sido planejado para *posteriori* à independência, teve vida breve e foi-se esfumando em pouco tempo após a derrota dos invasores. A “[...] ausência de sinais de desenvolvimento e o PAIGC mergulhado nas próprias contradições ideológicas [...]” (CANDÉ, 2013, p. 2019), para a autora, são dois fortes motivos que adiaram o desenvolvimento do país, impedindo-o de alavancar e promover “o ideal projetado de nação tencionado por Cabral” (ibid.).

Ainda, neste ensejo, o personagem Benaf também nos direciona a pensar a nação a partir de seu regresso à Guiné-Bissau, isto porque,

Logo à chegada, os mais experimentados ensinaram-lhe que os senhores da guerra eram vulneráveis à adulação dum recém-doutor. Esmagados por complexos analfabetais, e pela doutrinação dos *outros*, sentiam-se reconfortados ao serem obedecidos pelos intelectuais da nova vaga. (BARROS, 1999, p. 57 – grifos do autor).

Para isto, o narrador descreve qual roupa Benaf usou para o funeral do tio, e logo observa que o jovem usaria um fato (paletó), assim como na Europa, pois os comandantes dos combatentes estariam presentes, e ele não poderia perder aquela oportunidade para impressionar os novos coronéis, almejando conquistar alguma vaga no governo para ascender socioeconomicamente. Essa política de bajulação tornou-se uma realidade frequente no país.

Jorge Otinta (2011) entende que o PAIGC fechou-se dentro de uma bolha, tornando-se impermeável e fugindo dos seus ideais; com algumas exceções, “a maioria caiu num conformismo que a impediu de se superar, quer politicamente e quer do ponto de vista cultural” (OTINTA, 2011, p. 150). Além disso, ainda em

conformidade com Otinta, a classe política dirigente, ou melhor, a elite, tornou intocáveis os que estiveram na luta para atribuir-lhes privilégios devido a sua participação histórica e, assim, fazer a manutenção do poder. Neste sentido, Benaf seria essa nova elite que pretendia viver para/da política, embora seja capaz de perceber as contradições, mas claramente já assumiu uma posição, que ele sabe ser contraditória.

Um outro fator importante a observar é que o PAIGC se tornou um partido opressor, em que todos os que eram contra o seu posicionamento sofriam repressões e podiam ser assassinados. Em outras palavras, ninguém ousaria questionar a soberania do partido.

De acordo com Moema Parente Augel (2005, p. 269),

Ao recusarem um caminho único para o discurso da nação, os escritores sabem que não é praticamente possível orquestrar a imagem do país sem enfrentar a desarmonia e a fragmentação. Para compor essa nova imagem foi e está sendo necessário buscar desvios e descaminhos, renunciando a idéias de harmonia e integração. Diante das ruínas da história, dos escombros do ideal não realizado, a pátria gloriosa e vencedora não passa de uma abstração; o clima é depressivo, sombrio; mas, na Guiné-Bissau, sem melancolia. Os escritores do fim do século, arautos e espelhos de seu tempo, enfrentam a realidade pela tangente da fantasia. Vão desencavar novos significados pelas fendas dessas ruínas, sacudindo as pedras derrubadas, construindo um novo conteúdo, uma nova significância.

Filinto de Barros, em seu “pequeno exercício de ficção”¹⁴, nos faz imergir em um cenário repleto de desconfortos, disputas e desarmonia, pois o autor revela as obscuridades da luta que, embora tivesse sido vista como “gloriosa”, trouxe muitas contradições e injustiças cometidas, ou seja, traições dentro do próprio seio dos que estavam envolvidos no processo. É a partir das críticas tecidas, sobretudo a corrupção e o atraso da elite, por não promover o desenvolvimento do país, que é possível configurar esta obra como uma narrativa

¹⁴ Aqui, o sentido do substantivo “pequeno” não pode ser lido de forma literal, pois o autor não quis desmerecer sua obra, pelo contrário, reconhece que é uma inauguração literária. Trata-se de uma escrita que tem contribuído para a abertura de outras tessituras da História Bissau-guineense. Como visto anteriormente, Filinto de Barros não criou rótulos para a obra, apenas considerou como esse exercício de ficção, nada “pequeno”, e que possui uma dimensão importante no cenário sociocultural do país, corroborando para a compreensão de como está se formando a nação pós-independência.

histórica e importante no entendimento da Guiné-Bissau atual. Ao ler o romance, o leitor toma consciência de que a história oficial, ainda sobre um ponto de vista hegemônico, suprimiu muitos fatos importantes e que o romance, enquanto obra literária, trouxe à tona uma face da história silenciada.

Ainda em conformidade com Augel (2005, p. 271),

Na Guiné-Bissau, os fatos do passado foram instrumentalizados pelo discurso “oficial”; a História esteve primeiro sob a influência do colonizador, depois da alta esfera militar e da elite urbana, refesteladas no “berço esplêndido” das glórias e dos privilégios passados. A função do acervo literário contemporâneo guineense tem sido, entre outras, justamente esta: preencher os bolsões de silêncio, recuperar pela via da metáfora a história que não foi contada.

Sendo uma comunidade política imaginada, como discute Stuart Hall (2020), em *A identidade cultural na pós-modernidade*, é que a obra de Barros se configura como uma narrativa de si mesma e que pode despertar a tomada de consciência, forjando a consolidação do sentimento nacional e da própria nação, conforme aponta Augel. A hegemonia do discurso histórico foi uma estratégia das classes dominantes guineenses (os “donos do PAIGC”) para transmitirem a história da nação, utilizando-se do privilégio de terem estado na Luta, como forma de manter-se no poder, dado que, no pós-independência, com a escassez da imprensa e outros meios de comunicação, a rádio era uma ferramenta eficiente, além do “*recado ku no tem pa konta*”.¹⁵

Os personagens de *Kikia Matcho* desmitificam as falácias da classe dirigente, e isto se pode verificar nos questionamentos de Benaf acerca da contradição em torno da morte do tio e da situação em que ele se encontrava antes de morrer: desamparado e sem o digno reconhecimento (memorialístico e financeiro), pois haviam lhe prometido uma aposentadoria com valor elevado, mas a realidade foi contrária.

O romance desvela uma nação formada, a partir de um sistema neocolonial, no qual as mentes dos dirigentes estavam em pleno estado de

¹⁵ Expressão em Língua guineense, que em tradução nossa, significa a informação que temos para passar adiante”.

reflexo colonizatório. A nova ordem era excluir as classes populares, que outrora tinham sido conclamadas a unificar-se em prol da Luta.

Uma outra personagem, indispensável na discussão acerca das condições deploráveis do país, é Joana, enfermeira, a sobrinha do falecido 'N Dingui, que migrou para Portugal, com o objetivo de conseguir dinheiro para prover o seu sustento, ou melhor, para sobreviver aos fracassos da vida. Diferente de Benaf, que foi e assimilou com intensidade a cultura do outro, a ponto de negar a sua, ela manteve firme a sua nacionalidade, reconhecendo suas origens e respeitando as tradições culturais de seu povo, porém, aceita a cidadania portuguesa e poucos benefícios que trariam para ela sem negar a sua *guineendade*, apenas por estratégia.

O narrador nos informa que a situação em Lisboa não era tão diferente de Bissau, tal que todos os guineenses que migraram para lá eram considerados como um bloco homogêneo: todos eram africanos e tratados com a mesma postura marginalizada. Como o romance apresenta as narrativas de forma retrospectiva, após apresentar as condições de Joana em Portugal, somos informados sobre as motivações de sua partida para a terra dos *colons*.

Pela descrição que o narrador faz de Joana, ainda em Bissau, nota-se que ela obteve formação no próprio país e tentou ajudar a nação, exercendo sua função de enfermeira, mas a situação era tão caótica, que começou a sentir as dificuldades com o racionamento de comida, a falta de estrutura e de condições básicas para viver; e esses fatores também contribuíram para a sua partida:

No serviço passou a reinar a incompetência. Os novos chefes percebiam de tudo menos do assunto. Treinados à pressão, nos *centros especializados de propaganda* sites para lá do Muro de Berlim, experimentavam sérias dificuldades para lidar com a nova realidade.

Joana quis ajudar mas o poder político não permitia. (BARROS, 1999, p. 20).

Havia muitas pessoas ocupando cargos e posições no novo governo sem nenhuma competência; estavam lá porque assim quis o regime político. O objetivo dos novos administradores era manter a hierarquia e o status sem preocupar-se com o progresso, a qualidade da saúde e da educação. Foi ao perceber esses desalinhamentos e contradições no seu país “carente de recursos humanos

capazes” (ibid), que Joana decidiu migrar, assim como muitos de seus colegas de Bissau.

Os revolucionários corromperam-se, dando lugar, segundo Barros (1999), ao aburguesamento do campesinato. Com isso, a intenção de Cabral, outrora, em derrubar a burguesia, esfumou-se do pensamento dos revolucionários, que inverteram toda a ordem, caminhando contra o princípio da Luta: democratizar o país, possibilitar o seu progresso e transformação em todas as camadas.

Joana recorda-se com constância da conversa com o tio, quando de sua partida para Portugal, este tentou impedi-la, alegando que ficaria malvisto pelos companheiros da luta, porque, se ela migrasse, adotaria a cidadania portuguesa e negaria a sua nacionalidade, mas, pelo contrário, ela foi e não negou sua *guineendade*, apenas aceitou os termos dos *colons* (a adoção da nacionalidade) para conquistar uma progressão na vida.

A relação de Joana com o tio havia sido minada, desde o momento em que ele fora contra a sua partida para a Europa, afirmando que a esqueceria. Em seu diálogo com o tio, antes da migração, ‘N Dingui demonstra que sua preocupação não era a viagem da sobrinha em si, mas a repercussão que ela teria, pois o interesse em defender a honra da Luta estava acima de tudo e é por essa razão que Joana exclama:

- Mas, tio, tenta compreender! Toda a gente está a fazer o mesmo! Além disso, vocês não criaram nenhuma condições para nós. Nos serviços, só os que lutaram no mato é que ocupam postos de comando. E se ainda soubessem do assunto!... (BARROS, 1999, p. 22).

O tio acusou Joana de trair a pátria, mas ela logo intervém: “- Que traição, titio?! Abre os olhos! A tua revolução já foi traída há muito! Eu vou mais é ganhar dinheiro seja como for!” (ibid). Nesse breve diálogo entre o ex-combatente e a sobrinha – a nova geração – observa-se que a nação estava sob o domínio de novos colonizadores, autoritários e que instauraram um cenário de miséria, fome, massacres, golpes e corrupção. O país seguia o modelo capitalista dos colonizadores, ainda que, de todo, a culpa não fosse apenas da nova burguesia, porque, sabemos que o colonialismo tem seus efeitos repercutidos até os dias

atuais, sobretudo, com a imposição da cultura dominante sobre o outro – o guineense.

Foi com a “transferência político-administrativa do poder” na Guiné-Bissau que, a partir de 1974, o PAIGC se viu no processo de reger o início da Primeira República e gerenciar a máquina burocrática. Com isso, houve bastante desequilíbrio e conflitos para a nação, por parte dos novos administradores.

Neste sentido, Rui Semedo depreende:

Não obstante, apesar de ser um regime eminentemente de ditadura militar, os comissariados (termo na época equivalente aos ministérios) foram assumidos por militantes que desempenhavam funções políticas durante a revolução na sua grande maioria, situação evidenciada no Decreto Lei nº 3/73 de 24 de setembro que dispõe sobre a nomeação do governo. Enquanto os que se destacaram mais por habilidades militares, na sua maior parte, concentraram-se nos quartéis ou no desempenho de funções de governadores nas regiões ou de diretores gerais em repartições públicas, tanto de um como do outro lado, era visível a escassez de técnicos com qualidade necessária às exigências administrativas. (SEMEDO, 2011, p. 98).

Essa transição do poder gerou um Estado-Nação que, para além dos resquícios coloniais, seguia o modelo político-administrativo do opressor, trilhando a linha do neocolonialismo. Esses cargos eram distribuídos a bel prazer, sem haver uma preocupação com a formação de quadros e o processo democrático, pois os critérios estabelecidos para selecionar os funcionários do governo detinham-se na participação do sujeito na Luta. Semedo (2011, p. 104) observa:

Em linhas gerais, como se pode afirmar, a ausência de uma elite organizada na Guiné que assume o papel de vanguarda tanto do ponto de vista intelectual, quanto econômico e social contribuiu para criar dificuldades no exercício e no aperfeiçoamento do poder no âmbito de desenvolvimento de políticas públicas.

Em *KM*, para além de Filinto de Barros ter levantado a discussão em torno do novo modelo administrativo, que não difere tanto do colonial, somos levados a refletir também sobre os conflitos e ruínas dentro e fora do partido, pois, com o fim da independência, o legado da união entre os povos começou a ruir, a exploração do homem pelo homem começa a ter lugar de destaque e começaram a surgir diversos conflitos, porque a elite, que deveria promover, sobretudo, a mudança

política e social, ausentou-se de seu papel, e as massas foram as que mais sofreram com o desalento do combate. A partir de todas essas problemáticas já elencadas, golpes de Estado, crise econômica e política passaram a ser constantes na nova nação, e até os dias atuais, os efeitos do (neo)colonialismo têm-se reverberado, sobremaneira, na vida das massas.

O romance também aponta para os assimilados do período colonial, dos que aceitaram - ainda que parcialmente, a cidadania portuguesa, com o objetivo de se beneficiar da vida lusitana e transitar pelos espaços da burguesia. Ainda assim, não deixa de ser africano e tampouco será visto como um português. A figura de Farim representa essas pessoas que se alistaram ao lado dos colonialistas, acreditando fielmente que sua vida mudaria com a vitória dos brancos, mas enganou-se, e após a vitória dos independentistas, decidiu não partir com os *tugas*, pois, ainda que estivesse, por um tempo, ao lado dos brancos, nunca deixou de ser guineense e amar a sua pátria. À altura da Luta, pensou apenas em si, sem comprometer-se com o coletivo.

Os assimilados, no período pós-luta, viram-se desafiados a sobreviver em meio aos escombros da nação, até porque, muitos dos que traíram a pátria, “correndo ao lado dos brancos”, foram perseguidos, tiveram que se exilar, senão seriam mortos pelos novos chefes, que se consideravam os nacionalistas natos.

Apesar de todo o cenário caótico que foi moldando a nova nação, o romance nos permite entender que, tanto os ex-combatentes, como é o caso de Papai, Mana Tchambú, Infali Sissé, quanto à nova geração, Benaf, Joana, buscavam, da sua maneira, formas de reverter o quadro atual, cuja corrupção era sua força motriz, e lutar por uma nação mais justa e que olhasse, de fato, para as camadas populares. Por isso, o narrador afirma:

Mas, em nome de Cabral era preciso salvar o país mais uma vez e assim cumprir mais uma palavra de ordem, agora dada ironicamente pelo seu, até há bem pouco tempo, amigo e companheiro de desgraça, ‘N Dingui, de quem os comandantes nem se quer se dignaram assistir ao funeral. (BARROS, 1999, p. 156).

O narrador faz menção ao fato de a alma do velho ‘N Dingui ter possuído o corpo de uma jovem, para transmitir a mensagem de que era preciso lavar o

sangue derramado e consertar o que estava errado no país. Além disso, todos temiam que a alma do velho (*Kassissa*) andasse por aí, convivendo com os vivos. Tal fato, inerente ao mundo místico e cultural, nos indica, através da metáfora da morte de 'N Dinguí, que os ex-combatentes e a elite intelectual eram os responsáveis por fazer valer o plano cabralista para promover progresso e desenvolvimento da nação.

O narrador de *Kikia Matcho* descreve as condições do Chão-de-Papel, “bairro antigo mas pitoresco” (BARROS, 1999, p. 10), mostrando as suas condições insalubres, o não desenvolvimento e a desatenção dos novos chefes, que focalizavam o mínimo de desenvolvimento social e estrutural nos bairros mais urbanos, desconsiderando que eles são oriundos do chão-de-papel. O efeito de alienação e do processo colonial causou uma rasura na consciência nacional destes.

É válido destacar que os bairros camponeses abrigaram muitos guerrilheiros no período da Luta, ou seja, foi desses bairros, hoje desolados e subjugados, que saíram os grandes lutadores e estrategistas. Por isso, pensar a formação do Estado-nação também requer a compreensão deste espaço enquanto comunidade política, cultural, em que se pode constatar que o romance de Barros descreve, sem ressalvas e timidez, as condições de miséria e ostracismo no país recém-liberto do domínio português, sobretudo nas zonas menos urbanizadas.

Ao descrever a decadência desses espaços e a crítica que se faz ao novo poder – trazendo à cena os ex-combatentes não-gloriosos e colocando em linha de combate a velha e a nova elite –, somos direcionados ao entendimento de que a ideia de nação parte de uma imaginação de lugar comum, considerando a cultura e as línguas partilhadas, assim como, a configuração política do Estado. No entanto, Filinto de Barros aponta muitos indícios do futuro que estava por vir e quais seriam os agentes responsáveis pela transformação do país e a busca por desenvolvimento e progresso.

Hoje, o movimento de *guineendade*, que trata de uma comunidade imaginada, cujos habitantes se reconhecem a partir de um lugar comum – o ser guineense, mas não deixando de lado suas origens étnicas – é uma via pela qual as elites intelectuais (as flores de ontem, frase utilizada por Amílcar Cabral para re

referir as crianças, futuro da nação) têm buscado proclamar e reivindicar um país menos corrupto, mais desenvolvido e que seja capaz de promover educação, saúde e progresso para todos, sem distinção. Entretanto, os muitos golpes de Estado que ocorreram na Guiné e o fracasso dos ideais comunistas dificultam, contudo, não impossibilitam que a nação alcance o seu estado de evolução maior. Mas, mesmo com toda essa fragilidade do Estado, não se pode esquecer dos pequenos avanços que ocorreram desde a independência até o período atual e, tampouco, invalidar a Luta, ainda que esta tenha causado desilusões profundas.

O romance indica que a formação do Estado-nação, na Guiné-Bissau, seguiu o modelo de Estado europeu, isto porque, durante o processo colonial, o molde estatal que foi construído, importou tais espelhos do Ocidente. Muito embora, os movimentos nacionalistas tivessem tentado resgatar as formas de organização política e administrativa tradicionais e unificar o continente, a predominância do Estado moderno se sobrepôs aos ideais nacionalistas, mas isso não significa que o protótipo de Estado pós-colonial foi literalmente europeu, porque é sabido que os poderes tradicionais também exerciam suas influências, ainda que não predominantemente:

O Estado na África pós-colonial alcançou assim sua eficiência simbólica e política, desvincilhando-se fisicamente das ex-metrópoles por meio de movimentos e ensejos nacionalistas. Todavia, a manutenção do sistema de Estados e fronteiras colonizadoras, bem como a falta do aparato administrativo para se construir o Estado, fez com que muitas fissuras se estendessem para o período pós-colonial. (PEREIRA, 2016, p. 40-41).

Talvez, o que faltou/ainda falta no processo de descolonização do país seja a retomada da consciência nacional e o resgate das culturas tradicionais, que muito têm a contribuir para o desenvolvimento da nação, pois, na impossibilidade de elidirem as marcas do colonialismo, é preciso reconstruir a nação, através dos elementos das culturas orais e tradicionais e ressignificar as modelagens do Estado.

A literatura, enquanto arte, tem ocupado um papel imprescindível de narrar a nação, apresentando versões outras da História. O romance de Barros, como já mencionado anteriormente, cumpre com essa função histórica. Conforme apontou Augel (2005, p. 272):

A auto-reflexão que se conheceu na Guiné-Bissau, na cena pública, até os anos noventa foi quase apenas a dicção hegemônica, sob a forma de discursos oficiais. Os ideais de nacionalidade e de cidadania eram transmitidos ao povo pelos meios de comunicação disponíveis. A imprensa e sobretudo o rádio, indispensável num país de tantos iletrados, foram instrumentos de propaganda e de doutrinação, primeiro do partido clandestino, depois do partido vencedor e único, o PAIGC.

A versão da História que é narrada em *Kikia Matcho* rompe com o discurso hegemônico dos vencedores e expõe as dores e os traumas daqueles que, após a luta, foram relegados à míngua, sem reconhecimento e, tampouco, condições favoráveis de vida e desenvolvimento. A literatura da Guiné-Bissau propicia a conscientização histórica. Mesmo que não pretenda ser História, como aponta Filinto de Barros em sua breve apresentação do romance, contribui para a (re)escrita da História nacional, sobretudo a obra de Barros, que possui tom e caráter testemunhal/histórico.

3 DISCUTINDO ASPECTOS SÓCIO-POLÍTICOS E CULTURAIS EM *KIKIA MATCHO*

A relação entre literatura e sociedade, desde sempre, esteve presente nas narrativas literárias africanas, de modo geral, e guineenses, especificamente. No romance *Kikia Matcho*, essa relação pode ser verificada em todo o enredo, e seus personagens revelam, através de suas histórias singulares, o modo como os conflitos políticos e sociais estão atrelados à ficcionalização de um imaginário real da Guiné-Bissau pós-independente.

Para o crítico literário brasileiro Antonio Candido (2006), não é possível pensar a literatura sem considerar os aspectos sociais, porque cada autor exprime em sua obra (direta ou indiretamente) o contexto social no qual está inserido. No caso da literatura Bissau-guineense, essa relação entre literatura e sociedade foi fundamental na literatura de denúncia social¹⁶, no período colonial e pós-colonial, bem como na contemporaneidade, em que a literatura continua assumindo, também, sua função social. Entretanto, Candido nos fala de certos cuidados ao estabelecer essa relação, porque a literatura existe por si só para: “[...] delimitar os campos e fazer sentir que a sociologia não passa, neste caso, de disciplina auxiliar; não pretende explicar o fenômeno literário ou artístico, mas apenas esclarecer alguns dos seus aspectos” (CANDIDO, 2006, p. 27).

A escrita de Filinto de Barros é permeada pelo contexto histórico e social da Guiné-Bissau, isso, de modo intencional, já que o romance buscou descrever e narrar o universo pós-colonial do país, expondo suas mazelas e o processo de formação do Estado-nação. Estudiosos, como Moema Parente Augel (2007), Jorge Otinta (2011) e Ricardo Agnelo Cá (2021), concordam que essa escrita não é meramente ficcional, porque o “autor-narrador” expôs uma outra versão da história, porém a obra não perde o seu caráter estético e nem deixa de seguir o enquadramento ficcional.

Com a leitura do romance, somos apresentados a uma versão da História nacional, por meio de um olhar contra-hegemônico. Ainda que no plano da ficção, a obra consegue, de forma testemunhal, descrever a situação política do país, em que surgia uma nova colonização, ou melhor, os novos comandantes da nação,

¹⁶ Os poemas de Tony Tcheca, Vasco Cabral, António Baticã Ferreira, Amílcar Cabral, por exemplo, integram a literatura de denúncia.

ao herdarem a postura colonialista, passaram a subjugar os seus pares, e toda a classe menos favorecida passa a padecer com a má administração de um país recém-liberto do assombramento colonial.

A nação é diversa, composta por mais de 30 grupos tradicionais (étnicos) (ARAÚJO, 2012), e cada um possui a sua própria língua. Desta forma, o país tem o português como língua oficial, mas não majoritária, porque apenas cerca de 13% dos nativos falam a língua lusitana (COUTO; EMBALÓ, 2010), e é a Língua guineense (crioulo) de maior predominância. Essa diversidade de povos, *balantas, fulas, papeis, manjacos, mancanhi, mandingas* e outros, enriquece a cultura nacional e fortalece o quadro de pluralidades culturais e étnicas do continente africano.

Dentre os grupos étnicos da Guiné-Bissau, os *papéis* são um dos povos animistas que mais cerimonializam a morte e mantêm uma relação de não finitude. Na obra, quando Benaf recebe a notícia do falecimento de 'N Dingui Có – seu tio, através da rádio, os amigos que estavam no *djumbai*, alertaram-no para o trabalho que o esperava:

- Bem parece que o nosso *djumbai* terminou! Penso que durante estes dias vais estar ocupado com as *cerimónias de tchoro*, dado que junto dos *papéis* isto é muito forte. Coragem e sobretudo muita força e cuidado com o teu bolso! Adeus! (BARROS, 1999, p. 6, grifos do autor).

O trabalho ao qual se referiu os amigos seria o de cuidar dos preparativos para a cerimônia, recepcionar amigos e conhecidos e assegurar que tudo corresse bem, com o intuito de que o tio fizesse uma boa passagem, como zela a tradição. A consternação por parte dos colegas diz respeito a uma cultura de amparo e solidariedade entre os guineenses, sobretudo, em momentos tão difíceis, como o falecimento de um ente querido, muito embora Benaf não estivesse sentindo o luto com tamanho pesar.

O bairro em que o ex-combatente 'N Dingui vivia outrora tinha sido um dos grandes locais em que os antigos senhores habitavam, e os novos senhores, oriundos desse chão, deram preferência à vida na capital, abandonando o seu local de origem. Ao chegar ao local da cerimônia, Benaf, “mais afastado, sozinho

[...]” (ibid), deparou-se com uma realidade que era reflexo da nova administração pós-independência:

Chão-de-Papel, bairro antigo mas pitoresco, entre tantos outros que caracterizam a cidade de Bissau, destituído de qualquer sistema de saneamento básico, praticamente sem água potável e canalizada, sem luz, e casas de barro empilhadas umas em cima das outras.

O bairro era antigo, talvez dos mais antigos da cidade e, com o avanço do alcatrão, a superfície que mantinha o típico dos anos 30/40 ia diminuindo, apesar da luta que os moradores levaram contra a ingratidão dos novos senhores que, tendo saído do bairro, teimavam em desenvolver prioritariamente os outros locais que de história só tinham o facto de serem dormitórios dos novos cidadãos. (BARROS, 1999, p. 10).

O chão-de-Papel deveria ser olhado com atenção, porque era o centro da história colonial, foi dali que saíram mentes brilhantes que lutaram contra os colonizadores, como dito anteriormente. O próprio N Dinguí, que serviu ao país, viu-se desolado e numa condição de vida precária, tudo isto fruto da ineficácia do Estado em formação e de sua própria desilusão para com os anos da Luta.

Tal situação remete ao que Djaló (2020) chama de contradição com o plano de Amílcar Cabral, que visava ao alavancamento da agricultura como motor de desenvolvimento do país, isto porque, ao afastar-se das zonas rurais, os novos dirigentes centralizaram a administração na capital – Bissau, e só se recordavam dos habitantes das zonas rurais em períodos eleitorais. Essa política do abandono nos permite comparar com o caso do Brasil (e não só), em que, na maioria dos casos, os políticos dão atenção aos moradores de zonas subalternizadas, interiores (sertões, por exemplo) com o objetivo, apenas, de angariar votos e, nisto, fazem grandes promessas, na tentativa de ludibriar o povo. Porém, com o alcance de seus objetivos, esquecem que aqueles eleitores existem, são apenas números nas estatísticas.

A condição socioeconômica dos ex-combatentes, que deveriam ser honrados e glorificados pelo feito na luta, contradiz o discurso hegemônico do partido em exaltar os intelectuais de ontem. Pelo contrário, qualquer pessoa que fosse parente de algum dirigente poderia se beneficiar do novo governo, inclusive, receber a pensão que cabia aos ex-combatentes.

A cidade de Bissau parece mergulhada ou adormecida na escuridão da falta de luzes, e também, simbolicamente, na escuridão da falta de perspectiva de vida, o que tornava a população ainda mais triste. O enredo mostra que a cidade de Bissau encontra-se numa crise de instabilidade política, fruto de “kampo kinti, kau di firma ka tem”, o que quer dizer (a situação está difícil para todos). É neste contexto, que o romance Kikia Matcho aparece para questionar a “modernização” do novo Estado-Nação e a desestruturação dos setores políticos e econômicos. (CÁ, 2018, p. 19).

Nesse bojo, cabe-nos inferir que o rompimento dos ideais do PAIGC aconteceu imediatamente, após a independência, abdicando do legado do grande líder político – Amílcar Cabral – e instaurando no país uma política neocolonial ou, como nos ensina Freire: o sonho do oprimido não liberto é tornar-se opressor, quando ocupa um lugar de poder. A modernização da qual nos fala Ricardinho Cá (2021) é o mesmo processo descrito por Paula Pinto (2009), compreendendo que

A presença dos europeus trouxe dois fenômenos modernos determinantes, a urbanização e o sistema de valores econômicos e sociais. Estes distinguiram-se significativamente da organização social e econômica de várias das sociedades tradicionais africanas. Em muitos casos, as economias tradicionais africanas regiam-se (regem-se) pela ética social, na propriedade, na produção e na distribuição. Essa ética social identifica-se com a preservação da comunidade, em que Marx como Amílcar Cabral viram algo semelhante a um comunismo primitivo. Este sentido comunitário estende-se não só à família ou etnia, mas também ao espaço que ocupam, ao meio ambiente em que se inserem, porque nele habitam os seus antepassados. (PINTO, 2009, p. 21).

No romance, esse processo de urbanização é visível com a centralização dos novos senhores, na capital, concentrando o mínimo de desenvolvimento econômico e de infraestrutura nos grandes bairros, tornando os centros periféricos cada vez mais deploráveis e impossíveis de serem habitados. Na cerimônia de *tchoro*, quando amanhece, Benaf constata a realidade do bairro ao qual vivia o tio, observando que

O bairro parecia-lhe mais feio e miserável. Ao menos a escuridão servia para alguma coisa!

Com o alvorecer, Benaf descobriu não só aquilo que a escuridão escondia, a fealdade do bairro, mas igualmente a pobreza dos moradores estampada fundamentalmente na casa que estava servindo de velório ao seu tio.

Era uma *palhota* velha, com cibes já gastos a sustentar a armadura do tecto. A palha que servia de cobertura era escura, sinal do tempo, sinal igualmente de que haviam passado muitas chuvas, sem mudança. (BARROS, 1999, p. 43).

São nesses momentos de observação da realidade do país que a obra, através de Benaf, critica a contradição do discurso do partido frente à realidade posta aos olhos de toda a sociedade: um ex-combatente que morreu à míngua, sem apoio da família, dos amigos e tampouco do partido - a nova administração. Benaf, que viveu na Europa, tendo contato com a vida lusitana, comparou a realidade de Bissau com a que vivia em Portugal, “porque a ele, o escândalo da extrema pobreza escandalizava” (ibid). Se não tivesse migrado, graças ao tio, também compartilharia desta mesma realidade e, segundo o narrador: “Num passado recente, Benaf teria tido a mesma postura, isto é, não teria dado importância alguma a esta pobreza” (BARROS, 1999, p. 44).

As pessoas haviam se acomodado com a situação que lhes fora imposta. Conforme o narrador, pareciam felizes mesmo estando na pobreza, e isto por não conhecerem outras realidades e seus direitos cidadãos é que se conformavam com o cenário contemplado. Neste sentido, torna-se possível refletir sobre a importância de uma educação libertadora e transgressora, o que não aconteceu em Bissau no pós-independência, porque as escolas (poucas) seguiam a linha europeia, ou seja, ensinavam para melhor doutrinar; e o número de guineenses que frequentavam o ensino era baixíssimo.

3.1 RETRATOS CULTURAIS GUINEENSES

O falecimento do ex-combatente, que é o centro das discussões do romance, possui ganchos para diversas outras centralidades. O aparecimento do Kikia (coruja/mocho), que titula a obra, é um fato cultural muito presente nas culturas guineenses, por ser uma ave de agouro, mensageira de más notícias e da morte. Quando Benaf foi preparar-se para ir ao velório do tio, ao fechar a janela, avistou um *Kikia*, e logo o afugentou. Estranhou o fato de um *Kikia*

aparecer de dia, mas por não estar vinculado às crenças populares, não deu ~~tam~~ tanta importância.

Para ele, diferente de sua prima Joana, essas questões não exigiam preocupação porque, após anos de vivência na Europa, parecia ter esfumado de seu ser qualquer ligação cultural com o seu país. Papai, que também viu o Kikia com o rosto do falecido e ainda ouviu gritos de socorro, estranhou, mas por não acreditar fielmente nessas crendices, não deu devida importância, até que aquilo começou a agoniá-lo, deixando-o abatido. Ao chegar ao bar de Mana Tchambú e ser questionado sobre o fato de estar em tal situação, ele acaba abrindo-se para a dona do bar e ela aconselha-o a procurar um *Djambakus*¹⁷, porque aquela visão não representava nada de bom.

Essa aparição, em comum, para os sobrinhos e amigo não é uma mera coincidência, trata-se de uma articulação entre o mito e a realidade para desencadear discussões acerca da situação em que se encontrava a Guiné-Bissau e das mudanças necessárias para provocar uma organização cósmica e terrena.

Depois do velório, já pela manhã, Papai dirige-se a sua casa e escuta um barulho estranho que vinha da janela. “O que viu deixou-o aterrorizado! Um mocho olhava fixamente para ele. Um Kikia, ave de mau agoiro!” (BARROS, 1999, p. 37). Depois de muito insistir para afugentar a ave, ela resolve bater asas e partir, “[...] seguido de um grito longo e profundo que se perdeu na noite. – Yai... oi! Sacuuurr... oi! i mata, oi! i mata, oi!... o... iiiii!¹⁸” (ibid).

O que mais causou espanto em Papai foi o fato de a ave ter gritado, como quem lamuria por estar numa situação bastante sofrida e a sua aparência lembrar o rosto de um ser humano, mais precisamente o de seu amigo, N Dingui. Papai ficou estarrecido com tal aparição, nunca em sua vida havia presenciado tal cena.

Depois de descrever a aparição do *Kikia* para Papai, o narrador adentra o universo de sua vida amorosa, relatando o abandono e solidão do velho sonhador, que perdeu sua mulher com o fim da guerra, porque esta não suportou a modernização dos centros urbanos, já que estava adaptada à vida no mato, e partiu, regressando as suas origens; enquanto Papai vivia numa situação muito

¹⁷ Conselheira/o espirititual.

¹⁸ Grito de lamúria na língua Papel.

semelhante à de N Dingui, muito embora a utopia da Luta fosse o combustível que o mantinha de pé.

A relação de Joana com o tio N Dingui foi estremecida desde que ela migrou para Lisboa. Por essa razão, desligou-se dele e não ofereceu nenhum apoio moral e/ou financeiro, como os demais membros da família e amigos. Quando recebeu a notícia de seu falecimento, não teve “qualquer emoção” (BARROS, 1999). Segundo o narrador, “Joana tinha perdido toda a sensibilidade desde que chegara a Portugal, à procura duma vida melhor”. (ibid).

Cabe ressaltar, ainda em conformidade com o narrador-escritor de *KM*, que Joana não queria migrar, pelo contrário, na condição de enfermeira, queria ajudar o país, porém, “o poder político não permitia” (ibid). A condição socioeconômica, a incompetência no setor de trabalho por parte dos novos chefes, formados sobre pressão e que não entendiam do assunto, somada à desilusão da independência, serviu de impulso para que Joana migrasse. Em outras palavras, podemos dizer que ela não migrou por assimilar a cultura do outro, mas por conta do cenário desesperador de Bissau. Joana transita entre os dois mundos: o tradicional e o moderno.

Na noite anterior ao recebimento da notícia do falecimento do tio, Joana tinha sonhado com ele. Em conversa com Djaló - “ex comando fugido das vinganças do Partido pelas atrocidades que cometera” (ibid), ela relata que: “– Foi um sonho diferente, anormal, muito atormentado. Via a cara do tio mas o corpo não era de homem, sim de mocho!” (ibid) [sic]. Após o diálogo com o amigo que foi solidarizar-se com a perda, ele sugeriu que Joana procurasse uma *Djambakus* do Laranjeiro, porque sonhar com *Kikia* não era coisa boa. Ela, que não costumava dar ~~tam~~ tanta importância para essas questões míticas, ficou preocupada a partir das recomendações do amigo e seguiu tais orientações.

A visita que recebeu dos amigos, em solidariedade ao momento, foi importante para o narrador discutir a condição dos assimilados em Portugal, a migração e as condições de vida em Lisboa. Verifica-se que, a partir do encontro de Joana com os amigos – dos que partilham de uma mesma realidade - a condição de estrangeiro, há uma conjuntura para discutir o problema da ausência de uma consciência nacional, em que muitos guineenses migraram por acreditar

que a lusitanidade era melhor do que a guineendade. Vê-se aí o processo de apagamento de várias identidades, originando um conflito entre dois polos.

Em suas recordações da última conversa que teve com o falecido sobre a sua imigração, Joana explicita o seu posicionamento referente à situação de Bissau, como é possível verificar no diálogo a seguir:

- Vais optar pela cidadania portuguesa! Isso significa que terás de renegar a tua nacionalidade, dizer não à nossa LUTA.
- Mas tu sabes que sempre te apoiei nessa Luta! Só vou tomar a nacionalidade por conveniência. Tenta convencer os teus companheiros. (BARROS, 1999, p. 21).

Ainda que a relação entre ambos tenha se abalado, no fundo, restava o parentesco, e a notícia da morte, mesmo não tendo causado comoção, inicialmente, despertou Joana para tais memórias. O sonho estranho que teve a tirou de sua zona de conforto. Assim como no caso de Papai e Benaf, as aparições do *Kikia* e de 'N Dingui são uma tentativa de comunicar aos sobrinhos e amigo que despertassem para o que estava acontecendo em Bissau e que algo precisava ser feito em nome do concerto e da reorganização nacional.

Filinto de Barros foi muito assertivo quando uniu elementos culturais e místicos com as questões de ordem política e social, pois conseguiu demonstrar a relação entre a organização sociopolítica do país e as questões culturais, além de levantar uma reflexão acerca do lugar da tradição do desenvolvimento do país, visto que, como aponta Pinto (2009), a Guiné-Bissau era regida pela ética e moral, tendo uma organização política pautada dos valores no comunismo.

Com a conquista da independência, o capitalismo passou a ser importado na Guiné-Bissau, configurando um sistema político muito mais próximo da Europa do que dos valores e tradições africanas.

3.2 TIA *BURIM MUDJO*: LUGAR DE ENCONTRO DA DIVERSIDADE DE PENSAMENTOS

No bar de Mana Tchambú, havia espaço para todos. Era um lugar de refúgio para alguns ex-combatentes e sobreviventes da catástrofe que fora instaurada em Bissau. Assim como N Dingui Có, muitos outros desiludidos viram

no álcool sua motivação de vida. Foi no bar de Tchambú que Papai conheceu novos amigos, ao partilharem de um sentimento comum: o da desesperança:

Na Europa chamam-lhe os sem-abrigo. Aqui eles têm abrigo já que a solidariedade africana obriga a que cada um partilhe o que tem, mesmo que não consiga satisfazer as suas necessidades mínimas. A noção do mínimo para a existência perdeu qualquer sentido nessas paragens onde tudo é tão baixo, tão baixo... (BARROS, 1999, p. 60).

A figura do abrigo em Mana Tchambú enseja uma reflexão acerca da capacidade de união de diferentes singularidades em um mesmo espaço. Noutro contexto, Papai – representando os ex-combatentes, jamais aceitaria compartilhar o mesmo espaço que Farim – o homem que lutou contra os independentistas, tendo se ajuntado pois, aos *tugas*. Por ser conservador e orgulhoso dos anos da Luta, Papai não aceitava qualquer insulto aos seus camaradas. Defendia profundamente a história da Luta, conservando sempre o orgulho e o patriotismo.

Por meio de sua boa acolhida, Mana Tchambú conseguiu agradar e servir aqueles homens desiludidos, na verdade, ela também partilhava da mesma solidão e do reflexo de um Estado que “teimava em manter-se na escuridão do colonialismo” (BARROS, 1999).

No bar da Mana, Papai chega triste, diferente e, por essa razão, os outros clientes do Tia Burim Mudjo zombam dele com piadas referentes à Luta, mas Papai, por estar mergulhado na tristeza pela morte do camarada, e ainda mais com a aparição do *Kikia*, não reagiu a tais insultos.

Mais tarde, Papai acaba por desabafar sobre a aparição do *Kikia*, explicando com detalhes o ocorrido, o que causa espanto nos presentes, por saberem e acreditarem no poder premonitório da ave, e o que ela representa dentro das crenças populares guineenses. Mana Tchambú recomendou que Papai fosse até Na Barisni, uma Djambakus local, para verificar a origem e razão de tal aparição, alegando que, talvez, o morto quisesse contactar o velho amigo.

O narrador descreve que Djámanca, ex-oficial da milícia portuguesa

[...] a quem o álcool tinha afastado da religião de Maomé, vivia odiando e amaldiçoando o dia em que os *tugas* entregaram a terra aos *turras* de Cabral. O infeliz não deixava escapar uma

oportunidade para achincalhar os combatentes, mesmo estes que a miséria comum tinha irmanado. (BARROS, 1999, p. 67-68).

Ao ouvir o relato de Papai e a hipótese levantada por Mana Tchambú de que o falecido queria comunicar-se com ele, logo exclama: “- Oh, deixa lá, não tem importância! Se calhar ‘N Dinguí está no inferno e é por isso que veio como *Kikia*! Depois de tudo o que ele fez neste mundo, só no inferno! Devias era ter morto a ave e queimá-la com petróleo! [...]” (ibid).

Essa revolta de Djámanca contra o seu próprio povo é fruto de um projeto maniqueísta dos brancos – uma articulação do sistema colonial para infectar a mente do oprimido, por hora, fazendo-o pensar ser superior aos seus pares só pelo fato de estar ao lado do colonizador, que se aproveitaram de mentalidades simplórias para instaurar o ódio de um para com os outros. Djámanca, conforme nos informa o narrador, é oriundo do Leste guineense, mais especificamente de Gabu, região em que o islamismo é predominante. Ainda, na época colonial, um grupo de militares portugueses foi até a *tabanka* de Sintcham Beli, em Gabu, para convencer os cidadãos de que era preciso combater os do Sul – os *turras* de Cabral, a fim de defender suas propriedades.

Foi nesse embalo que Djámanca aceitou abandonar tudo e alistar-se ao exército português: “Em troca, os portugueses tinham-lhe prometido um regulado. Por azar de Djámanca, a guerra acabou cedo e com a derrota dos colonialistas.” (BARROS, 1999, p. 70). Mesmo que não transpareça, ele não consegue lidar com as memórias das barbáries que cometeu a mando da PIDE, e é para tentar afugentá-las que ele vê no alcoolismo uma saída, isto pela fragilidade que se encontrava o seu ser.

Observa-se que, assim como Djaló, em Portugal, Djámanca, no fundo, sabe que ter lutado ao lado do inimigo não lhe garantiu nenhuma bonança, pelo contrário, é atormentado pelas memórias de suas ações. Na condição de assimilado, acreditou no discurso do branco, aguardando uma vida equiparada aos dos senhores portugueses, mas a realidade dura e intragável dos companheiros de solidão, em Mana Tchambú, era também compartilhada por ele.

Dentre os presentes, no momento do relato de Papai sobre o mocho, o único ex-combatente e colega era Infali Sissé, que sempre se sentava no fundo do bar. Segundo o narrador, este homem ficava em silêncio, com o copo cheio,

comumente; tinha um ar de quem já viveu de outra forma mais rica e que não precisava de ajuda, inclusive do aconchego de Mana Tchambú. Por conta dessa não dependência, a dona do bar não gostava da presença do homem, embora este fosse um cliente assíduo.

A razão pela qual a dona do bar não se agradava com a presença de Infali Sissé se dá pelo fato de ele não permitir que ela exercesse qualquer tipo de controle sobre ele, mesmo estando em condições desfavoráveis de embriaguez como os demais, isto porque, a postura resguardada e repleta de incógnitas tornava-o alguém inacessível aos caprichos dela – que, segundo o narrador, exercia o controle sobre seus clientes como uma forma inconsciente de vingança pela postura autoritária e arrogante daqueles que antes eram os grandes combatentes.

Por outro lado, Infali Sissé representa a heterogeneidade dos ex-combatentes; ele é a projeção daqueles que se envergonharam das atrocidades cometidas pelos seus ex-companheiros e as falhas do próprio sistema, que ele, outrora, fez parte, mas reconhecendo a importância da Luta.

O texto literário narra em detalhes a representação de um cenário que fez parte do país “independente” e que se estende aos dias atuais. A figura de Infali Sissé (nome de guerra), cujo nome verdadeiro não fora revelado, andou por muitos lugares e conheceu muitas culturas distintas. É um homem dessemelhante dos que fizeram parte da luta; integra a pequena elite dos ex-combatentes. Imagina-se que teve um nível de escolaridade avançado:

Era o único que mantinha família, melhor dizendo, que havia conservado a família da Luta, apesar da distância cultural! A companheira, Apili como lhe chamou o poeta da Luta, vinha assiduamente buscá-lo, quando totalmente encharcado em álcool e urina. (BARROS, 1999, p. 71).

O referido Infali Sissé era um homem misterioso que, assim como os demais ex-combatentes apresentados na narrativa, estava morrendo à mingua dia após dia. Dentro em breve, ele teria o mesmo destino que ‘N Dingui. Entende-se que a razão pela qual ele mantinha-se anônimo seria a possibilidade de transitar entre o passado e o presente, sem grandes interferências de seus pares. Na condição de alguém que traiu os princípios da luta, ao retirar-se do grupo,

necessitava de uma dupla vivência para ser parcialmente aceito na sociedade atual.

Ainda em conformidade com o narrador:

Mesmo nesses momentos em que deitava cheiro acre de urina, a cambalear nos braços da mulher, o homem do olhar distante mantinha o seu silêncio e olhar vítreo, como quisesse dizer: *Este não sou eu. Eu estou longe, muito longe daqui. O que vocês vêem é o meu fantasma, um ser estúpido que me persegue por todos os lados e não me deixa voltar.* (ibid, p. 73, grifos do autor).

Papai aguardava uma resposta do amigo, aquele que julgava ser um intelectual, e cuja resposta seria racional, porém, Infali Sissé era “incrédulo em tudo, até nas virtudes de Cabral” (BARROS, 1999, p. 73) e pronunciou as seguintes palavras:

- Calma, Papai! Um *Kikia* é um *kikia* e nada mais! Mesmo quando nos parece ter cara de alguém, não passa de ilusão da nossa parte. Deve ser do impacte da morte do 'N Dingui. Vocês eram amigos de longa data e mais, deves estar a ver o teu futuro na morte do outro. Não percas tempo com essa de *Djambakus*, não vale a pena. Nada existe nesse inferno a não ser a morte. Mesmo dessa não devemos ter medo. É preciso irmos ao encontro dela, só assim podemos vencê-la. (ibid).

É interessante a forma como Filinto de Barros construiu a narrativa, por meio de vários *flashbacks*, assim podemos entender a relação entre os personagens, como no caso de Infali Sissé e Papai. Após a cena supracitada, o narrador volta ao reencontro de ambos, denotando que Infali Sissé desertou do partido, ainda no período da Luta, por entrar em choque com os métodos de Cabral, complementando com a informação de que o homem perdeu o sentido da Luta, ou seja, não coloca a culpa no partido, mas em si mesmo.

Neste sentido, infere-se que a figura de Infali rompe com o discurso harmônico e homogêneo da luta, ou melhor, com a romantização do referido processo histórico. Ele é a pessoa que ousou questionar o papel da luta e sua organização, mostrando que nunca houve unicidade total, até porque é impossível pensar por essa via. O desencanto com os ideais da Luta é inerente aos diversos

problemas internos do PAIGC: a disputa pelo poder, a incompetência administrativa e todas as rupturas com os objetivos de fazer para e pelo povo.

Filinto de Barros estava consciente dos impactos que queria causar nos leitores, porque apresenta, até mesmo para quem não conhece o universo guineense, uma narrativa comprometida com o desvelar da história – uma versão na voz dos vencidos, ou melhor, dos sofredores, dos ex-combatentes, das camadas mais baixas da sociedade. Os personagens principais são de gerações distintas, o que denota a importância de se ouvir as vozes de dois momentos distintos da história: o colonial e o pós-colonial.

O narrador demonstra ser alguém que conhece a fundo a história narrada, e muito comprometido em derrubar o discurso hegemônico do partido e dos novos senhores, ele apresenta-se como um ser consciente da realidade a sua volta, sujeito que fala com propriedade. É por essa razão que enfatizamos ser Filinto de Barros um escritor-narrador, como apontou Otinta (2011) em sua pesquisa.

As denúncias realizadas pelos autores pós-coloniais, com é o caso de Filinto de Barros, são um movimento que faz parte do caráter reivindicador e questionador das literaturas africanas de língua portuguesa. Apontar o caráter sociológico da literatura guineense nos permite ir além de uma categorização, porque é a literatura um mecanismo social e poético de formação da nação, e é no texto literário que a ideia de Estado-nação ganha contornos mais nítidos. Em outras palavras, queremos enfatizar que o papel da literatura em sociedades, como a Guiné-Bissau, está imbricado no devir Nação, porque é a partir das experiências literárias e artísticas, de modo mais abrangente que se alicerça a tentativa de concretização do território-nação, pensando através de um modelo híbrido: europeus e africano.

A literatura de Filinto de Barros busca evidenciar o passado, assim como acontece com as literaturas Angolanas, Caboverdianas, Moçambicanas e santomense, que são nações cujo processo colonial é semelhante, bem como, o período de tomada de suas respectivas independências. O resgate do passado se justifica pela necessidade de recuperar os valores e culturas tradicionais para compreender a mítica do presente, com consciência de que, após a invasão dos portugueses, não mais seria possível pensar as nações apenas com a mentalidade do período anticolonial.

Franz Fanon (1964), em *Os Condenados da Terra*, nos convida a pensar na revalorização das culturas impactadas pelo colonialismo, compreendendo que elas não foram totalmente rompidas, e é através desse regaste do passado que será possível libertar as mentes dos oprimidos. No romance, Joana simboliza esse resgate, diferente de Benaf, porque mesmo estando no território inimigo, passando pelo processo de modernização, ela mantém parte de sua cultura e tradições vivas, cultivando-as no momento de luto pela partida do tio 'N Dingui Có.

3.3 LITERATURA E SOCIEDADE: SÍNTESE SOCIOCULTURAL GUINEENSE EM KIKIA MATCHO

O sistema colonial implantado na Guiné-Bissau, assim como nas demais colônias portuguesas em África, causou um atraso no desenvolvimento político-social destas nações. O alto índice de analfabetismo no país, devido a pouca quantidade de escolas e o próprio sistema escolar, fortemente influenciado pela Europa, alinhados a uma má administração pública e a falta de políticas de desenvolvimento, colocou a Guiné-Bissau em atraso e retrocesso. O sistema político que vigora atualmente vive sob constantes instabilidades, isso porque, a velha guarda não quer renunciar seus privilégios, colocando-se sempre em disputa a com novas linhagens políticas e, com isso, não investem em educação, saúde e infraestrutura, e visa apenas seus interesses pessoais.

O país sofreu diversos golpes de Estado e, recentemente, em 2022, correu o risco de a cena se repetir, com sequência de tiroteios próxima a um complexo do governo. De acordo com a notícia veiculada no **Estadão**, o presidente alega que os ataques estão relacionados às drogas¹⁹. O país que é narrado no romance de Filinto de Barros não se distancia da realidade que é constatada na Guiné-Bissau, atualmente. O primeiro golpe ocorreu em 1980, após a independência, denominado de “movimento reajustador”, tendo sido liderado por João Bernardo Vieira (Nino Vieira), de acordo com Vagner Gomes Bijagó (2011).²⁰ Passados 18 anos do governo de Nino Vieira, o país volta a sofrer outro golpe de Estado, em

¹⁹ Ver Estadão. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/internacional/tentativa-de-golpe-na-guine-bissau-pode-estar-ligada-ao-trafico-de-drogas-diz-presidente/>>. Acesso em: 12 nov. 2022.

²⁰ Ver BIJAGÓ, Vagner Gomes. Os golpes de Estado na Guiné-Bissau: o cotidiano do poder no contexto da diversidade étnica e da construção nacional. 2011.

1998, desta vez, liderado pelo Brigadeiro Ansumane Mané, Chefe do Estado Maior das Forças Armadas, que havia sido exonerado.

Mais recentemente, depois de todos os conflitos e desencadeamentos dos golpes, que só prejudicaram e interferiram no desenvolvimento do país, a Guiné-Bissau sofreu mais um golpe de Estado. Em 2003, especificamente “em 14 de Setembro de 2003, o Presidente Yala foi deposto pelas chefias militares sob o comando do seu líder Veríssimo Seabra; desta vez, um golpe silencioso, sem tiros e nem derramamento de sangue” (BIJAGÓ, 2011, p. 126).

A sucessividade de problemas na Guiné-Bissau, ficcionalizadas pelo romance de Barros, demonstra o quão frágil é o Estado-Nação, tão recente, mas com sérios problemas a serem resolvidos. Para Antonio Cândido (1965), a literatura não está sozinha, ou seja, conta com a presença latente da sociedade na ficção, tornando-se indissociáveis, porque o meio influencia a obra, e sendo a literatura africana um grande meio de (Re)escrita das nações, não há como separar a história da literatura. Desta forma, apropriando-nos de Candido, entendemos que a obra é marcada por discussões de cunho político e cultural.

A obra de Filinto de Barros é influenciada pelas próprias vivências, que utiliza o narrador para expressar a sua opinião sobre a situação sociopolítica da Guiné-Bissau. E como já apontou Augel (2005), Filinto de Barros não é ingênuo, e como forma de arrepender-se de suas omissões e falhas diante do sistema, enquanto político e intelectual (o que concordamos também), parece querer, através de uma narrativa não oficial da História, fazer abrir os olhos da nação para a “verdade” que liberta, e contribuir, de algum modo, para as mudanças necessárias.

O romance, que embora possua o seu estado de ser literatura, por outro lado, se permite ser História, Sociologia, Filosofia e, com essa abertura, Barros capitaliza, de forma assertiva, um ponto muito importante na História do país: a formação do Estado-nação.

A prosa na Guiné-Bissau, que começou a ser propagada a partir de 1994, é recente, se comparada a outros países africanos, ex-colônias de Portugal. Moema Parente Augel, em seu artigo *Ficção ou profecia? Aspectos da prosa contemporânea na Guiné-Bissau*, discute o “poder” de premonição da obra literária, que reflete acontecimentos reais, tempos depois de sua publicação.

Sendo que a obra de Filinto de Barros prevê o futuro da nação independente, tais fatos se confirmam com os golpes de Estado, o fracasso do PAIGC e as instabilidades políticas, isto através das narrativas sobre as diferentes perspectivas do ex-combatentes e de como se formou a nova administração, cuja mentalidade estava fortemente ligada aos moldes europeus e distante das ideias de Cabral.

As críticas literárias, Fonseca e Moreira (2007), ao fazerem um panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, observam que, no romance de Barros:

Uma lembrança presente entre o povo, que não faz parte da herança hegemônica, foi ainda evocada por Filinto de Barros para expor o fato de o combatente morto ter perpetrado atos menos nobres, vergonhosos mesmo, que não se coadunam com a aura de heroísmo que sempre envolve os “combatentes pela liberdade da pátria”. O autor ousou, assim, confessar o lado podre da gloriosa luta pela libertação nacional, o abuso, nunca mostrado às claras, da utilização indevida das armas, evidenciando a perversão da “cultura da guerra”, presente não só no campo inimigo. (FONSECA; MOREIRA, 2007, p. 39).

É indigesta a versão não oficial dos fatos históricos na Guiné-Bissau, sobretudo, porque desfaz a imagem romântica que se criou acerca do PAIGC²¹ e da nova administração estatal. Quando se toca numa ferida tão profunda como esta, mexe-se em toda a estrutura, porque o romance, na medida em que apresenta o lado oculto dos fatos, pode evocar nos leitores um sentimento de retorno ao passado para compreender o presente e, desconstruir as memórias da história que nos foi contado, tornando o processo um ir e vir de voltas no estômago.

No início do ano de 2022, a Guiné-Bissau viu-se perante uma ameaça de golpe de Estado. Segundo o G1, Globo, “No ano passado, o comandante-chefe das forças armadas havia declarado que vários de seus membros estavam preparando um golpe enquanto o presidente estava em viagem ao Brasil”. (G1, 2022). Os últimos acontecimentos na Guiné-Bissau só corroboram para a

²¹ Não pretendemos, em momento algum, negar a importância do partido para a conquista da independência, mas colocamos em xeque a sua autoridade sobre a nação, partindo da própria trama romanesca.

fragilidade do Estado que, mesmo após 46 anos de independência, continua sem grandes avanços.

Filinto de Barros, ao ousar desvelar as cenas omissas da Luta e trazer à tona severas críticas à formação do Estado-nação, não só representa os conflitos e instabilidades do país, bem como, conclama a nação para a (re)tomada de consciência, conforme aponta a estudiosa da Literatura guineense, Moema Parente Augel (2008, p. 2):

Na Guiné-Bissau, a literatura que hoje se está fazendo no país pode incentivar um processo de tomada de consciência, por parte da população (penso na juventude nas escolas sobretudo, representantes do futuro do país), da história coletiva, do sentimento de pertença a uma “guineidade”, sem descuidar das belezas e das singularidades da cultura de cada etnia, respeitando a identidade de cada uma, ressaltando a multiplicidade cultural e contribuindo para o entendimento entre os diferentes grupos e a superação de antigos conflitos étnicos.

O romance, embora descreva um período exato da história, que é o pós-independência, é tão atual, porque reflete sobre os muitos acontecimentos do agora. E mesmo que o autor não quisesse ser crítico frente aos problemas político-sociais, esses se fariam presente na obra, por força do contexto social. Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade*, nos mostra que “[...] a função social independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura. Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, coroada pela comunicação.” (CANDIDO, 2011, p. 54). E é na relação autor – público que se constrói o significado da obra.

A construção de uma representação social na obra configura-se por meio de um processo de análise sociológica e historiográfica do autor, que revisou a história colonial, o percurso formativo do Estado-Nação, com base, também, em suas próprias experiências enquanto político, ativista e guineense. Cada personagem do romance representa as diferentes classes sociais da Guiné-Bissau.

Os personagens Joana, Papai e Benaf avistaram o Kikia, e cabe-nos pensar o que essa aparição simboliza em comum, para além da mensagem de

infortúnio? A aparição da ave não foi uma mera coincidência, pelo contrário, simboliza, na narrativa, a comunicação entre dois mundos: o dos vivos e dos mortos, em que a alma do falecido, que entrou em contato com o universo espiritual, e estava a par da desordem espiritual e terrena, alertava a população sobre a necessidade de reestabelecer a ordem no país para que houvesse harmonia entre os polos.

É interessante pensarmos na relação entre as mitologias guineenses e organização político-social do país, uma vez que, no processo de formação do novo Estado, as culturas tradicionais estiveram presentes: por hora, através da influência das lideranças tradicionais, outrora, pelos poderes espirituais e as divindades que coparticipam das tomadas de decisões, (in)diretamente. A própria aparição de 'N Dingui denota essa relação, isto porque, através de sua aparição no corpo da ave mística com rosto humano, houve uma movimentação na sociedade para a organização de cerimônias fúnebres e um despertar pela mudança no sistema político e administrativo. Até os mais céticos, como Infali Sissé, ficou preocupado. O canto da coruja, ao mesmo tempo que é temido pela maldição que pode trazer, ao mesmo tempo, é um chamamento/alerta para a possibilidade de transformação dessa nação.

Para Carlos Cardoso (2012, p. 20):

A elite política actual sofre por isso de duas heranças negativas: de uma política repressiva colonial que não deixou que se formasse uma elite política autóctone e mais tarde, da do Estado pós-colonial que, por causa de uma política repressiva de partido único, não permitiu igualmente o desenvolvimento de uma sociedade civil autónoma e muito menos a constituição de uma classe política independente das estruturas de poder do partido único.

Tal fenómeno é também devido ao rompimento entre Guiné-Bissau e Cabo Verde, ainda no contexto mais recente do pós-independência. Essa ruptura entre os dois Estados irmãos foi devido à modelagem do PAIGC como partido único. Recentemente, o PAIGC tem sido vítima de um governo ditador, que tenta, a todo custo, limitá-lo e atacá-lo. Ou seja, o modelo de política repressiva que se instaurou na Guiné-Bissau é uma herança em contínuo desenvolvimento.

Essa elite atual, na concepção de Frantz Fanon (1968, p. 124), é uma burguesia nacional subdesenvolvida que não dispõe de muito poder econômico, mas que pressupõe ocupar o lugar da burguesia metropolitana, ou seja, são substitutos dos colonizadores.

Trazendo para a cena o funeral de N Dingui Có, sabemos que os dirigentes do Partido mandaram o caixão para acomodar o corpo do falecido, mas não compareceram à cerimônia. A ausência dos chefes demonstra seu total desprezo para com a morte dos ex-combatentes. Benaf aguardava pelo encontro com os dirigentes, pois desejava impressioná-los, a fim de conquistar prestígio perante os senhores e satisfazer seus interesses pessoais.

O próprio narrador indica que, após a cerimônia do tio, Benaf estaria “pronto para a batalha do maquiavelismo que se tornou na moda e no único critério para se erguer na vida” (BARROS, 1999, p. 18). Essa condição é um reflexo do novo Estado e das políticas ineficazes para sua estruturação. Fanon (1965, p. 132) afirma que, depois da independência dos países africanos, imediatamente, os nacionais que habitavam as regiões mais prósperas, ao estarem conscientes das possibilidades de expansão econômica, se recusaram a partilhar da prosperidade com os demais nacionais.

Conforme aponta Augel (2007), com a conquista da independência:

[...] a estrutura administrativa do novo Estado sofreu uma profunda reformulação. O território foi dividido em 8 regiões, um setor autônomo, 38 setores e várias seções administrativas. Politicamente, o país, como os demais PALOP, ficou sob forte influência dos países socialistas, dos quais recebeu massiva ajuda. (AUGEL, 2007, p. 58).

O processo de descolonização do país foi/é marcado por uma sucessão de barbáries, assassinatos e instabilidades, começando pela deposição do primeiro Presidente da República, Luís Cabral, que sofreu um golpe de Estado, liderado pelo Primeiro Ministro João Bernardo Vieira, ou Nino Vieira, como é comumente conhecido na Guiné-Bissau. Ainda, em conformidade com Augel, o governo de Nino também ficou marcado com conflitos: houve a separação da Guiné e do Cabo Verde, em 1981, e uma crise entre a elite pequeno burguesa e os produtores camponeses.

Na obra, ao narrar a vida de Papai, Filinto de Barros nos revela como se davam essas disputas, sobretudo quando relata que a mulher do antigo combatente não suportou a modernidade da cidade grande. A partir destas observações, podemos refletir sobre as relações de poder que se estabeleceram na Guiné, e que a promessa de uma unificação entre os povos não passava de utopia.

A solidão de Papai englobava todos os níveis, inclusive, a carência afetiva. Desde que sua mulher partira, não teve contato com outras mulheres, e depois de um tempo, passou a ver Mana Tchambú “com olhos dum macho” (BARROS, 1999, p. 64):

O pensamento foi fugaz, desapareceu rápido como havia surgido. Papai já não tem tempo para essas coisas. Mesmo antes da mulher que trouxe da Luta se ter ido embora, o sexo tinha desaparecido do seu pensar. Abaixo dum certo nível de pobreza, sobretudo da pobreza de espírito, o sexo desaparece, deixa de ter sentido e prazer num acto que no fundo se saldava sempre por um dispêndio energético de dois seres. (BARROS, 1999, p. 64).

O processo de adoecimento psíquico dos ex-combatentes, como foi o caso de N Dingui, e conseqüentemente Papai, aquele com quem o segundo compartilhou as (in)glórias da Luta, merece ser compreendido com mais atenção, isto porque, a própria colonização foi, em si, um adoecimento para suas vítimas, causando sequelas que até hoje são difíceis de ser curadas. O insucesso da Luta paralisou a vida de Papai, pois ele não foi capaz de seguir, se submeter novamente à alienação em troca de algum benefício do governo atual.

Como vimos na seção anterior, a assimilação, enquanto processo de aceitação da identidade europeia, possibilitou que uma parte dos guineenses adquirisse a cidadania portuguesa, como sucedeu o caso de Joana, sobrinha do falecido N Dingui. Sua migração para Portugal foi motivada pela busca de melhores condições de vida, muito embora, diferente de seu primo Benaf, ela não se desvinculou totalmente da sua pertença étnica e africana; mantinha no seu ser-estar os valores culturais Bissau-guineenses.

Ainda que tenha migrado, não deixou de ser guineense, pelo menos, em termos de identificação e orientação político-cultural. O narrador descreve que

Joana, sendo filha de *cristons*, havia estranhado as condições deploráveis do ambiente que seria seu novo lar em Portugal, e que teria que compartilhar de um mesmo cenário de miséria com seus conterrâneos que lá estavam há mais tempo.

A ilusão de viver como os ricos portugueses era o combustível que impulsionou muitos guineenses a migrarem, além do processo de assimilação, que os incutia na mente, a ideia de que a terra dos *colons* seria mais estável do que Bissau, porém, Joana, assim como os demais companheiros, experimentaram as contradições do sonho europeu. A condição de vida na Quinta dos Mochos (bairro de Lisboa) era mais deplorável do que a vida na capital – Bissau. Além disso, o nome do bairro em que ela morava também significa coruja, o que mostra quanto que os dois países estavam ligados no plano espiritual e físico.

Para Joana, mesmo que a vida em Portugal não tenha sido como ela planejou e imaginou, queria apenas trabalhar e sobreviver, o que parecia ser impossível em Bissau, no pós-independência.

Com a notícia do falecimento do tio, a jovem iria se reunir com algumas amigas para o *tchoro*. Esse momento da narrativa reforça o poder das tradições culturais, ou seja, mesmo estando longe de sua terra, Joana e suas amigas cultivam os hábitos e práticas de reunirem-se quando morre um parente. Em uma conversa com seu filho – Pedrinho – fruto de uma aventura que ela teve com um rapaz em Portugal, Joana fala de Bissau como a terra de ambos, mesmo que o garoto tenha nascido em terras portuguesas, e esse discurso é importante para demonstrar que a condição negra do garoto não poderia ser apagada pela localidade de seu nascimento. Além disso, ela enquanto uma assimilada consciente, quis gerar em seu filho um sentimento de pertença a Bissau:

- Quem, aquele tio de quem falas tanto, lá da tua terra?
- Da minha terra não, da nossa terra, a nossa Guiné.
- Essa terra não é minha. Eu sou daqui, aqui é que eu nasci! Eu quero ser *branco* e não *pretinho da Guiné que lava a cara com café e vai à missa de lopé!* Ah! ah! ah!
- Deixa-te de parvoíces! Isso são coisas dos meninos *brancos* da rua. A tua terra é a terra dos teus pais, a terra dos teus avós, meus pais. Aqui precisamos de ser portugueses, mas não deixamos de ser negros. E em vez de vergonha debes ter orgulho nisso, meu filho.

- Orgulho? Queres que eu dance quando me chamam *Chico Preto*?

- Não exageres! Quero dizer que não debes tomar parte nas brincadeiras onde a tua raça é insultada. Um dia havemos de voltar para nossa terra e terás oportunidade de conhecer dezenas de meninos como tu que nem se lembram da cor da pele e então verás como o mundo das crianças é na realidade livre! (BARROS, 1999, p. 24-25).

As referências que Pedrinho tinha de Bissau foram através de sua mãe e dos conterrâneos com quem partilhava a vida lusitana. E por ter nascido em Portugal, sendo português de forma documental, sentia-se parte integrante da sociedade lusitana, embora ele jamais fosse aceito e considerado um europeu, porque a cor da pele e outros traços fenotípicos denunciavam sua origem racial. Ao crescer nesse ambiente de crise identitária, Pedrinho seria mais desterritorializado em Portugal, assim como sua mãe. Mesmo com a documentação e a permanência nas terras dos *tugas*, continuaria a ser negro, vivendo no entrelugar português e africano.

Do mesmo modo, em Bissau, seriam vistos e considerados como assimilados – entendendo aqui com *cristons*, *gurmets*, pessoas que aculturaram-se à portugalidade, embora, no caso de Joana, tenha-o feito por estratégia. Em outras palavras, os próprios conterrâneos olhariam para eles como um estrangeiro em sua própria terra, mesmo tendo consciência da sua condição racial e social.

No caso de Benaf, constata-se uma perda maior de sua consciência racial e nacional, pois ele se sentia mais europeu do que africano, como fica explícito em sua rejeição às práticas tradicionais dos papeis. A assimilação foi uma grande estratégia colonial, como já mencionado no capítulo anterior, e seus efeitos continuam se reverberando até os dias atuais.

A música cantada por Pedrito, filho de Joana, desvela os conflitos raciais existentes entre as crianças africanas e portuguesas, porque o garoto, ao conviver em um ambiente cuja existência é marcada pela negação de si mesmo em detrimento do outro, a mentalidade teima em negar suas origens e culturas por habitar e ter nascido em um mundo novo. Na tentativa de ser bem aceito, o garoto adota os moldes europeu para mascarar a sua cultura. Tal fato é comum no Brasil, que também foi colônia de Portugal. Muitas crianças brasileiras são

induzidas pelo sistema a não reconhecer sua demarcação racial e, por isso, acabam por julgar seus traços como inferiores.

A situação de racismo vivenciada pelo garoto e sua mãe, bem como os demais africanos guineenses que migraram, é muito próxima da realidade brasileira, porque estamos falando de inimigos comuns e plurais: os colonizadores. Na música cantada pelo garoto, observa-se essa negação à qual nos referimos anteriormente, porque ele não aceita sua condição racial, desejando ser um “branquinho” como as demais crianças portuguesas com quem mantinha contato.

É possível denotar que Joana tem consciência racial, ao ponto de mencionar para o filho sobre o regresso “back to África²²”, como forma de resgatar a história, a cultura e construir novas memórias a partir de um lugar comum a sua ancestralidade.

A necessidade de assimilar a cultura do outro para sentir-se parte integrante da sociedade, buscando dirimir sua condição periférica ainda está presente nas mentalidades dos descendentes de pessoas escravizadas, e isso contribui efetivamente para o *mentecídio*, que nas palavras de Bobby Wright (1979, p. 2) é “a extirpação de uma raça inteira”, através de mecanismos de apagamento das identidades, culturas, modos de ser/estar no mundo, a morte do sujeito.

De acordo com o professor Bissau-guineense Lourenço Ocuni Cá (2011, p. 218),

[...] a população colonizada não foi despojada da sua cultura, apenas o foi uma pequena parcela de assimilados que estava em contato permanente com o aparelho administrativo colonial e tinha uma posição intermediária entre os administradores coloniais e a população das zonas rurais. A pequena burguesia autóctone aspirava, em geral, a um estilo de vida semelhante, senão idêntico, ao da minoria estrangeira; concomitantemente, enquanto limitava as suas relações com as massas, tentava integrar-se naquela minoria, ainda que muitas vezes em detrimento dos laços familiares e/ou étnicos e sempre graças a esforços individuais.

²² Movimento de volta à África, ocorrido nos Estados Unidos e apoiado por ativistas como Marcus Garvey.

Em outros termos, mesmo a pequena burguesia, como é o caso de Benaf, não tinha perdido cem por cento a sua herança cultural, porque, a todo instante, os próprios europeus deixariam explícita a condição racial desses sujeitos.

É válido frisar que os assimilados, mesmo que tenham sido colaboradores do processo, são vítimas de uma alienação, decorrente de uma oratória colonial, que foi capaz, em pequena proporção, de apagar sumariamente a consciência racial e ancestral de alguns africanos.

O falecimento de N' Dinguí Có é um prenúncio para tragédias que se multiplicariam no país, caso não houvesse uma reorganização político-social. Neste sentido, a morte na narrativa não representa apenas o desaparecimento físico de alguém; vai além, ao apresentar as relações dos papéis com a morte, a forma como cerimonializam a passagem e, não menos importante, a importância dos rituais para manter a ordem terrena e espiritual.

A ave de agouro, *Kikia* (coruja) que, dentro das tradições africanas, carrega um simbolismo similar ao grego: além de ser mensageira de fatalidades, simboliza o conhecimento e sabedoria e é muito utilizada pelos sábios. No continente africano, como para os gregos, a coruja está mais ligada à feitiçaria do que à sabedoria.

De acordo com o Dicionário dos Símbolos, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2020):

A coruja, maltratada em nossa civilização por uma lamentável reputação de ladra, e ave que costumamos transformar no emblema da feiura (aparentemente, contra a opinião de Rabelais), era, no entanto, a ave de Atena (Minerva). Ave noturna, relacionada com a Lua, a coruja não consegue suportar a luz do Sol e, nesse particular, opõe-se, portanto, à águia, que recebe essa mesma luz com os olhos abertos. (CHEVALIER; GHEERBRANT. 2020, p. 349).

Na Guiné-Bissau, existe também a noção de coruja enquanto animal sombrio e horrendo, para além da representação da sabedoria, assim como para os gregos. A aparição do animal para Benaf, Papai e Joana cumpre com o significado mítico do *Kikia*: prenunciando uma tragédia, que foi a morte de N' Dinguí. Se pensarmos a simbologia da coruja nas etnias indo-americanas, como é o caso do Brasil, ouviremos histórias sobre maus presságios, assombrações e

mau agouro. Por exemplo, uma conversa com pessoas mais velhas, de aproximadamente 60, 70 anos, mostrará que a coruja representa a morte, e se ela pousar sobre o teto da casa de alguém, o dono ou alguém próximo morrerá. Outros contam que o canto do animal é agourento. Entretanto, a coruja também simboliza a sabedoria aqui no Brasil.

O *Kikia Matcho*, de Filinto de Barros, representa o ex-combatente N' Dingui, este que incorpora no corpo de uma jovem serviçal de Mana Tchambú para anunciar a necessidade de realizar uma cerimônia em nome da ordem no país. O *matcho* (macho) indica que a ave apresentada a Benaf, Joana e Papai não era uma Estrigiforme qualquer, mas uma ave com aparência humana transfigurada no falecido, um homem, que representa a *matchundadi* (masculinidade, virilidade). Em outros termos, o título da obra especifica a quem a ave faz referência.

Outro ponto sobre a ave é o fato de ser um Kikia Matcho, e é neste sentido que o pesquisador Fernando Nhaga Cumba (2017) reflete que o autor utilizou a figura do mocho macho porque, de acordo com uma hierarquia de gênero, o homem representa mais força e potencialidade em comparação à mulher e, por isso, o Kikia não poderia ser fêmea, já que a ave representa, na narrativa, um aviso sobre a necessidade de mudança no país e na concepção ocidental de organização política, as mulheres ainda ocupam um lugar de inferioridade, infelizmente. E isso também diz sobre uma cultura machista que inferioriza as mulheres, colocando-as numa posição de fragilidade e invisibilização da sua força.

A comunicação de N' Dingui com os vivos é referente à inconformidade dos que estão no mundo dos mortos e que, na mítica guineense, refere-se ao desalento que estes tiveram com a situação caótica do país e a decepção com a não continuidade dos ideais da Luta.

Essa relação entre o passado e o presente, o tradicional e o moderno alicerçam a narrativa de Filinto de Barros, pois o Irã²³ exerce um papel influente no desenvolvimento da nação, ou seja, tudo está ligado à divindade. Na Guiné-Bissau, o desenvolvimento social e o político interdependem da organização cósmico/espiritual. Desta senda, podemos inferir conforme nos aponta o romance que, para a organização e progresso da nação, é necessário que os poderes

²³ Palavra em língua guineense (crioulo) para designar deuses/espíritos.

políticos/institucionais e a população civil se organizem e lutem em prol de um objetivo comum: reconstruir o país.

Com a presença europeia no país, as tradições ganharam novos contornos, pois não havia condições de manterem-se intactas já que a nação sofreu um processo colonizatório. Neste cenário híbrido, o Islamismo, o Catolicismo e o Animismo passaram a conviver de forma quase harmônica, pois, como se denota na cerimônia de *tchoro*, o ato foi marcado pelas práticas tradicionais dos povos papeis - com a passagem de um porco por cima do caixão e a missa, realizada por um padre.

A presença dos *Djambakus*, tanto em Bissau quanto em Portugal, revelou a profundidade da mítica guineense, e mesmo que um africano não esteja em seu território de origem, é capaz de estabelecer a manutenção de suas crenças. No Limoeiro, em Portugal, Joana foi à procura de Nha Maria Amélia – uma *djambakus*, para verificar o porquê de ter sonhado com o mocho.

Maria Amélia, vulgo ‘N Malé, é a mulher de um ex-militar das fileiras portuguesas que, ao se deparar com condições limitadas de sobrevivência, dado que a pensão do marido reformado era insuficiente, teve que se tornar uma *djambakus* e fazer disso uma fonte de renda. Portanto, ela utilizou-se das fragilidades de seus conterrâneos em terras portuguesas para praticar o falso contato com o mundo do além.

O narrador nos informa que ‘N Malé conseguiu estabelecer uma comunicação muito mais rápida e fácil em comparação à Na Barisni em Bissau, isso porque: “Até no mundo do Irãns o clima Europeu era preferido ao da tórrida maldição da África. As galinhas dos aviários são mais gordas e o *brandy* é muito mais refinado do que a *cana* ou o *sun-sun*” (BARROS, 1999, p. 14). Para Joana, essa migração dos Irãns era inconcebível e ainda em conformidade com o narrador, ela não tinha percebido as mudanças ocorridas em sua terra natal, inclusive no mundo espiritual.

Nesse caso, o autor usou de grande ironia para dizer que a experiência colonial provocou grandes transformações no continente africano, que extrapolam os limites do território geográfico, interferindo também nas dinâmicas espirituais das divindades. A colonização teve um efeito tão atroz que conseguiu colonizar até as mentes dos *irãns*.

Após o insucesso no desvendar do mistério sobre a aparição do Kikia, em sonho, Joana seguiu os conselhos de 'N Malé e foi à procura de um médium para tentar contactar a alma do tio, mas a mulher que encontrou era uma conhecida de Bissau. Assim como 'N Malé, esta segunda também estava servindo-se das divindades para tirar algum proveito, ou melhor, usando o nome e algumas práticas para enganar outras pessoas que, desesperadas, acreditariam facilmente em seus trabalhos.

A médium, cujo nome não é revelado pelo narrador, explica que a alma de 'N Dinguí não queria comunicar-se com ela, entretanto, uma outra entidade passou o recado, igual ao que Papai ouvira em Bissau, através de *Na Barisni*: era preciso fazer a cerimônia para que a alma do falecido ficasse em paz.

Neste caso, a cerimônia é uma metáfora que representa a necessidade de pôr ordem no país, porque ficou constatado que as almas dos ex-combatentes estavam em más situações, assim como o tio de Joana. Esses representam o ideal de progresso perdido. Além disso, Filinto de Barros indica, através dos acontecimentos místicos, a necessidade de discutir ainda a formação da nação.

4 A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE BISSAU-GUINEENSE: PLURALIDADES, HIBRIDISMOS E (RE)CONSTRUÇÃO NACIONAL

Como falar de identidade no singular em um país cuja população é formada por diversos povos? As discussões sobre identidade, no contexto do continente africano, não são algo recente, embora seja a partir da difusão dos estudos pós-coloniais que o tema tenha estado em maior evidência. Stuart Hall, um dos etnólogos negros mais pesquisados, discute a identidade como uma “comunidade imaginada”, acrescentando ainda que a identidade é uma “comunidade politicamente imaginada”.

A pergunta de partida nos direcionou a uma busca atenta em como se tem discutido identidade na Guiné-Bissau e, para tal, procuramos em alguns teóricos guineenses a veia de discussão. Amílcar Cabral, em seu plano estratégico de luta contra os europeus, convocou os guineenses a unirem-se como um só povo e se reconhecer a partir de um lugar comum: dessa comunidade imaginada. Com isso, as diferentes etnias que formam o atual território da Guiné passaram a se reconhecer através de uma identidade comum: guineendade.

O termo identidade é emblemático e seu emprego precisa estar contextualizado e bem delimitado para evitar problemas de interpretação. Para tal, Zilá Bernd, em seu livro *Literatura e Identidade Nacional* (1992)²⁴, além de explicitar a utilização do termo, afirma que há duas maneiras para o funcionamento da busca identitária, mas no deteremos apenas na segunda, que caracteriza a identidade como “processo (segundo grau), em permanente movimento de construção/desconstrução, criando espaços dialógicos e integrando a trama discursiva sem paralisá-la” (BERND, 1992, p. 16).

Stuart Hall (2006) parte da premissa de três concepções diferentes de identidade: a primeira é relativa ao “sujeito do iluminismo” que traduz a ideia do ser como centrado, único, mantendo-se o mesmo desde o seu nascimento; “sujeito sociológico” - rompe com a ideia do sujeito do iluminismo, pois

²⁴ Embora a autora esteja tratando da literatura brasileira, utilizamo-nos do conceito para o caso da literatura guineense, não como uma importação direta, e sim, como um aporte teórico, devido as similaridades dos campos de pesquisa.

[...] refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura - dos mundos que ele/ela habitava. (HALL, 2006, p. 11).

A terceira concepção é a do “sujeito pós-moderno” que estabelece a ideia de uma identidade não-fixa e nem estável, ou seja, é fragmentada e passa por constantes transformações (HALL, 2006, p. 12-13).

Nessa perspectiva, *KM* estabelece diálogos entre passado e presente, buscando ressignificar a história e construir uma “singularidade nacional”, atravessada pela tradição – entendida aqui como costumes e práticas culturais dos povos guineenses, antes do contato com a colonização, e a hodiernidade – entendida como o resultado da colonialidade. Para afunilar nossas discussões, cabe utilizarmos o conceito de identidade como pós-moderna, conforme apontou Hall (2006), que remete, também, a um processo em “permanente movimento” e “deslocamentos” (BERND, 1992).

Calado e Fonseca (2013) apontam que

[...] a literatura de um país é o seu mais rico documento para a reflexão em torno de sua história, de sua política, de sua memória e de sua identidade, pois é capaz de revelar o que a história “oficial” silenciou, questionar “as verdades” historicamente construídas, atualizar e (re)definir o discurso histórico. Ao escrever, o autor é ele e, ao mesmo tempo, a sua coletividade, a sua temporalidade. Todo escritor está inserido em um espaço social, num contexto histórico-cultural, e produz um discurso que não é essencialmente a visão dele, mas também do social em que está inserido. Não há, assim, como desvincular nem o discurso literário das práticas sociais, nem as práticas sociais do discurso literário. (CALADO; FONSECA, 2013, p. 147).

Desta senda, podemos considerar o romance de Filinto de Barros, *Kikia Matcho*, um texto de fundação, pois retrata o país recém-liberto da colonização e que enfrenta seus escombros e mazelas, buscando, após a desilusão com a independência, reconstruir-se a partir dos escombros da nação. Por não haver maneiras de “desvincular” o discurso literário das práticas sociais e vice-versa, a literatura guineense, de modo mais abrangente, está incumbida de narrar a nação

e reescrever a sua história. Portanto, Jorge Otinta (2011) compreende que “[...] como fragmentos da História, o romance africano (re)institui um cenário ficcional, onde cabem todas as situações possíveis de confronto, embate, enfim numa arena de gladiadores e, simultaneamente, cenário também de aliança entre os cidadãos com o seu espaço circundante” (OTINTA, 2011, p. 81).

As literaturas africanas, de modo geral, e especificamente a guineense, são produções singulares de cada nação, carregadas de um legado cultural, histórico e identitário, com uma estética própria. A tradição, o multiculturalismo e pluralismo étnico e linguístico estão presentes na formação de um “paradigma literário específico em África. Na Guiné-Bissau, os males causados pela colonização reverberam na literatura até os dias de hoje” (BISPO, 2014, p. 81). Essa estética, que se pretende própria, devemos entender como um rompimento parcial com o cânone europeu, pois não podemos conceber o rompimento total, uma vez que essa literatura se apoia em moldes do ocidente (como o gênero romance) e a língua em que é escrita - a portuguesa, ainda que haja uma africanização dela.

Quanto a essa questão, Fonseca e Moreira (2007) afirmam:

Em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, o escritor africano vivia, até a data da independência, no meio de duas realidades às quais não podia ficar alheio: a sociedade colonial e a sociedade africana. A escrita literária expressava a tensão existente entre esses dois mundos e revelava que o escritor, porque iria sempre utilizar uma língua europeia, era um “homem-de-dois-mundos”, e a sua escrita, de forma mais intensa ou não, registrava a tensão nascida da utilização da língua portuguesa em realidades bastante complexas. (FONSECA; MOREIRA, 2007, p. 13-14).

Embora a língua do colonizador seja utilizada para o registro dessas literaturas, convém lembrarmos o processo de africanização da língua portuguesa, que carrega elementos das línguas africanas, a exemplo: o português guineense, que rompe parcialmente com a supremacia da língua do colonizador. No caso do objeto de nossa pesquisa, o autor utiliza-se de muitos termos e expressões do crioulo guineense (Língua guineense).

Sendo Filinto de Barros um guineense que participou ativamente na fundação do Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e do processo de libertação nacional, é notório o seu posicionamento

crítico frente ao cenário caótico do país após a conquista da independência. A obra de Barros se inscreve no período pós-colonial, em que “[...] a cristalização da consciência nacional vai ao mesmo tempo transtornar os gêneros e os temas literários e criar completamente um novo público.” (FANON, 1968, p. 200). O autor complementa:

É somente a partir desse momento que se pode falar em literatura nacional. Há, ao nível da criação literária, retomada e clarificação dos temas tipicamente nacionalistas. É a literatura de combate propriamente dita, no sentido de que convoca todo um povo à luta pela existência nacional. Literatura de combate, porque informa a consciência nacional, dá-lhe formas, contornos e abre-lhe novas e ilimitadas perspectivas. Literatura de combate, porque assume um encargo, porque é vontade temporalizada. (FANON, 1968, p. 200).

A Literatura de combate surgiu na colonização e ocupou um papel importante no planejamento da luta armada para a conquista da independência. Foi através dos protestos e manifestações literárias que os dirigentes da luta despertavam a consciência de muitos cidadãos, conclamando-os para ajuntar-se à luta. No pós-colonização, a literatura preserva seu caráter de combate veementemente, nacional.

No âmbito dessa discussão, Russell G. Hamilton (1999) elucida:

Juntamente com uma expressão literária abertamente circunstancial, na forma de obras patrióticas e nativistas, também começava a aparecer, nos primeiros anos após a independência, uma literatura intimista, experimentalista e reformista. Na categoria da literatura “séria”, em contraste com as obras politicamente comprometidas, circunstanciais e mesmo panfletárias, verificava-se uma tendência entre escritores nacionais a re-escrever e assim re-inventar a África e os seus respectivos países, tanto do período pré-colonial como colonial. (HAMILTON, 1999, p. 16).

Essa reinvenção da África e de reescrita do país é um projeto vigente na obra de Filinto de Barros que, ao narrar os anos iniciais do pós-independência, enumera uma série de problemas organizacionais e administrativos do país e fez indicações de caminhos traçados para que a Guiné-Bissau atingisse o status de Estado-nação organizado e que buscasse o progresso e desenvolvimento de todos, conforme idealizou Amílcar Cabral.

De maneira mais abrangente, a literatura Bissau-guineense, na contemporaneidade, carrega traços “intimista, experimentalista e reformista” (ibid.), conforme mostrou Hamilton (1999, supracitado). E ainda que as temáticas tenham se ampliado e diversificado, a vida social e política jamais deixará de ter palco nessas narrativas, sobretudo em um país, cuja história oficial apresenta muitas lacunas, e é a literatura que, sendo arte, consegue nos apresentar algumas respostas sobre a história da Guiné-Bissau, isto porque, ainda que no plano ficcional, os autores apresentam traços e dados históricos e biográficos.

A cerimônia de *tchoro* do falecido N’Dingui é um exemplo latente do modo como as diferentes crenças religiosas podem coabitar no universo guineense, isto porque, durante o processo, foram realizadas atividades de cunho católico (a missa), bem como a passagem de um porco por cima do caixão (prática dos animistas), ou seja, é possível pensar em uma unidade durante a realização da cerimônia, e isso nos direciona ao que alguns filósofos africanos afirmam ser o não abandono total das tradições, pois, até aqueles que aderiram às religiões monoteístas, jamais deixaram de crer nos irãs.

Faia Amona (2020), em sua dissertação sobre identidade nacional e diversidade étnica na Guiné-Bissau, explica que a formação da identidade guineense – entendida como demarcadora da Nação – foi forjada na luta e está em andamento desde a tomada de independência, como vimos anteriormente. A Nação é composta por várias outras nações (grupos étnicos) que possuíam, antes da invasão colonial, uma organização própria, se pensarmos a nação a partir da caracterização pela cultura e língua.

O antropólogo também entende que

Não é inútil observar que, pelo que se tem percebido, quase em todas as definições sobre a nação e a sua formação, o que chama mais atenção é a ideia do senso de pertencimento. No caso específico das duas últimas definições de Fanon e Cabral, o fator cultural ganha relevo já que estes autores se referiam os contextos da organização social dos territórios que foram colonizados, quer dizer a cultura e luta de libertação são fatores fundantes da constituição de Estado-Nação guineense, na medida que foi através da cultura que o Amílcar Cabral e os outros camaradas de PAIGC conseguiram mobilizar as massas camponesa para uma luta e através desse empenho que hoje Guiné-Bissau existiu como um Estado soberano. (AMONA, 2020, p. 41).

Esse entendimento sobre a importância da unidade nacional é compartilhado pelos interlocutores da pesquisa antropológica que o autor supracitado realizou na Guiné-Bissau para a viabilização de sua dissertação. As massas compreendem também que a Nação é uma organização de várias nações que precisaram unificar-se para fazer valer o status de país conforme as definições ocidentais.

Entendida aqui, a identidade guineense enquanto uma unificação dos diferentes povos em prol da luta pela independência, e atualmente, como um fator de identificação para com o cenário nacional e internacional, podemos começar a refletir acerca de como a literatura auxilia na discussão da memória colonial como forma de evitar os erros do passado. Tal fato é verificado nos estudos de Inocência Mata (2007), quando afirma que as literaturas africanas de língua portuguesa, nos tempos pós-coloniais, tendem a construir uma identidade nacional a partir dos jogos e negociações entre os diferentes grupos que formam seus respectivos países, sendo capazes de aceitar suas diferenças para disfrutarem de um espaço mais equilibrado.

A cerimônia de *tchur* revela que a estrutura e organização do país pós-independente está veiculada ao hibridismo cultural, e não apenas como uma convivência entre diferentes culturas, mas como uma remodelagem e reconstrução do país a partir de uma diversidade cultural e étnica. Em outros termos, pode-se verificar que o mosaico cultural da nação é formado, agora, também pela cultura do invasor. Entretanto, é observado que, na Guiné-Bissau, a influência europeia não elidiu, majoritariamente, as tradições e práticas culturais autóctones, assim como nos demais países dos PALOP, cada um com suas especificidades.

4.1 ANIMISTAS, CRISTÃOS E MULÇUMANOS: É POSSÍVEL CAMINHARMOS JUNTOS?

Até aqui, vimos que, por ser uma nação pluriétnica, a Guiné-Bissau tem uma composição identitária diversa e que a luta conseguiu reunir todos os grupos

do país, levando-os a uma convivência mais harmônica, deixando por um tempo as diferenças e confrontos interétnicos. Após a conquista da independência, o país foi ganhando novos contornos geográficos, sociais e econômicos.

O texto literário descreve a relação de Joana com seus conterrâneos nas terras portuguesas, demonstrando que havia uma união entre eles por partilharem do mesmo status: imigrante africano e “miserável”. Em outros tempos, um mulçumano não partilharia de cerimônias animistas e vice-versa.

No capítulo 3, o narrador apresenta-nos uma contextualização acerca da migração de Joana para Portugal, demonstrando as mazelas das terras europeias em contraste com a situação Bissau-guineense. Além disso, outros personagens entram em cena, como é o caso de Djaló, aquele que, tendo se posicionado

[...] ao lado do senhor colonial na longa noite, [...] sentia-se ao abrigo desses sentimentos mesquinhos, mesmo sabendo que no fim de tudo, a aliança da época colonial não evitou que fosse incluído no lado dos grandes perdedores e, quem sabe, se mais responsável pela permanência e supremacia dos que vieram do outro lado do Atlântico. (BARROS, 1999, p. 34).

Ainda que compartilhassem do mesmo ambiente e situação, Mário e Djaló divergiam quanto ao lugar de quem é guineense retinto e quem tem origens caboverdianas. O primeiro questionava o sentimento de superioridade do segundo que, no tempo colonial e na atualidade, desfrutava de certos privilégios por terem um tom de pele mais claro, ou seja, estavam mais próximos dos *tugas*. Embora Djaló tenha estado ao lado dos senhores coloniais, viu-se na mesma situação que seus conterrâneos em Portugal e, por isso, mais valia estar perto dos seus, ainda que as diferenças ficassem estampadas.

4.2 O JOGO DAS IDENTIDADES E A QUESTÃO RACIAL

As questões raciais em Portugal são conflituosas, assim como foram no período colonial. A subjugação do negro seguia seu fluxo em larga escala. Joana tinha consciência de sua condição periférica, o que era ausente em seu primo Benaf, já que assimilou tanto a cultura dominante que não conseguia refletir sobre sua condição racial e socioeconômica.

O narrador-autor descreve a cena Bissau-guineense, denotando os efeitos do racismo no solo do país pós-independência, mostrando que os revolucionários estavam vislumbrados com o “contato com a cidade, com seus colchões de espuma, seus aparelhos de ar condicionado, suas meninas de esmerada educação e, sobretudo, de tez clara [...]” (BARROS, 1999, p. 20).

Ainda, nesse bojo, compreende-se que a modernidade europeia e todo o seu legado acendeu nos revolucionários o desejo e a vaidade de viver como os colonos e disfrutar de um status que não mais condizia à vida rural, camponesa. O problema não está em querer inovações e estilos de vida modernos, mas nos moldes como esses “padrões” foram implantados, uma vez que a elite neocolonial pusera a modernidade em sobreposição aos valores tradicionais e estilos de vidas originários.

O papel da literatura na formação da identidade Bissau-guineense está sedimentado no registro histórico e nas perspetivações de mudanças para a nação. Filinto de Barros, com *KM*, escreveu para as gerações futuras, com o intuito de não esquecerem a história do país e os problemas que precisam ser sanados. A indicação de possibilidades de transformação dos países é um marco comum nas literaturas africanas de língua portuguesa.

A questão do colorismo também está presente na obra e isso nos leva a comparar, brevemente com o Brasil: quanto mais retinto, o sujeito atinge a sua negritude, já os pardos, ou seja, com menos melanina, ficam no meio termo entre o preto e o branco, isto numa ideologia imposta socialmente, ou melhor, na leitura que é feita sobre quem (não) é negro no Brasil ou em Bissau, como é apresentado na obra.

Os caboverdianos, por estarem mais próximos da portugalidade, em termos de cor e conhecimentos da administração portuguesa, acabavam por lucrar às custas dos guineenses, que pagavam para terem celeridade e êxito nos processos de documentação e tomada de nacionalidade. Isto fica evidente no trecho abaixo, em que Nhama – amiga de Joana, ao ser questionada sobre sua condição em Portugal, alega que:

- Felizmente, Joana. Levou tempo, mas foi! Tive que pagar umas dezenas de contos ao Sr. Cuca.
- Qual Cuca? O caboverdiano dos Correios?

- Esse mesmo! Se não fosse assim, não sei o que seria. Sabes, essa gente tem conhecimentos na administração portuguesa e com os *sucus di bass*²⁵ tudo vai. (BARROS, 1999, p. 30).

Nesta interlocução entre as amigas, surge um outro personagem: Mário, criticando duramente a postura dos caboverdianos em relação aos guineenses que, em tese, eram um só povo, mas que a cor da pele (os caboverdianos, com menos melanina que os guineenses) os separava, além da ideologia: “- Esses gajos continuam a aproveitar-se de nós mesmo aqui na terra dos *tugas*!” (Ibid., p. 31). Joana logo o interrompeu alegando que o Sr. Cuca só estava fazendo o seu trabalho e que ninguém era obrigado a recorrê-lo. Logo em seguida, o narrador nos informa que: “[...] Ninguém gostava de abordar de frente a questão dos *burmedjos*²⁶ sobretudo dos cabo-verdianos. De vez em quando surgiam elementos como Mário, mas em geral evitava-se tocar no assunto.” (Ibid.).

O autor aproveitou o espaço da narrativa para discutir as questões do colorismo (brevemente), isto, denotando que tanto em Bissau quanto em Portugal a cor da pele era um fator dominante na desigualdade social. Entretanto, o narrador explicita que:

Joana tinha ultrapassado esses complexos existenciais. Na realidade, a dura existência ensinou-lhe que a cor da pele conta pouco num mundo de desigualdades baseado no poder de compra. *Burmedjos*, *pretos*, Guineenses, Cabo-verdianos estavam todos aí, juntos frente ao mundo ocidental, à mercê dos mais ricos. (BARROS, 1999, p. 31).

A condição de migração impunha que todos estavam no mesmo barco, entretanto, verifica-se que, mediante um cenário racista construído desde a invasão dos territórios, havia distinções entre os negros, nalguns momentos e, noutros, eram todos periféricos e servis, diante do colonizador. Em Portugal, Joana e seus amigos experienciaram essas diferenças no tom da pele negra. Se fizermos uma breve comparação com o Brasil, constatamos que essas diferenças influenciam no tratamento e, conseqüentemente, o modo como o racismo vai afetar cada indivíduo.

²⁵ Lucros. (BARROS, 1999, p. 158).

²⁶ Mestiço. (BARROS, 1999, p. 157).

Outro elemento que também é válido destacar trata da diversidade étnica entre os guineenses em Portugal e isso reforça as relações interétnicas dos guineenses em diáspora.

Moema Parente Augel (2005) observa que

O discurso literário abre oportunidades de uma reterritorialização quando elementos sócio-espaciais da identidade cultural do guineense são ressignificados, recontextualizados, contribuindo não só para definir, como até mesmo para construir uma identidade interétnica. Representa, sob esse aspecto, um elemento tanto revelador quanto construtor de identidade intergruppal, desenvolvida para além das particularidades – sociais, culturais, locais ou regionais. (AUGEL, 2005, p. 168).

A questão das diferenças entre tons de pele é um fenômeno que reflete muito a configuração identitária no país, inclusive, muitas pessoas fazer o *iassali* (branqueamento) da pele, como tentativa de enquadrar-se no que consideram padrão ideal de beleza e estética. Tudo isso é fruto de uma assimilação do outro e daquilo que é imposto como condicionante para a aceitabilidade na sociedade.

Os cabo-verdianos, por serem povos formados a partir do contato entre outros povos, como guineenses, europeus e angolanos, são considerados “mestiços”, caso bem frequente no Brasil colônia e que reverbera até a atualidade. A mestiçagem, tanto em Cabo-Verde quanto no Brasil, não foi um processo pacífico, pelo contrário, forjou-se no estropo das mulheres negras africanas como propósito de eugenia, para elidir a negrura do mundo.

Um outro ponto a destacar é a questão da imigração africana para a Europa com o pós-independência das respectivas ex-colônias, como é o caso de Joana, Djaló, Mário, Nhama e Benaf, o licenciado. Estes, ao deixarem suas nações de origem, procuravam no estrangeiro um novo *modus operandi* de sobrevivência e desenvolvimento. É neste sentido que a pesquisadora Pollyana dos Santos Silva e Costa (2018, p. 23), ao analisar a questão da imigração caboverdiana para a Europa, compreende que

Devido ao esfacelamento da identidade cultural, causado pela situação colonial, os imigrantes africanos, residentes principalmente na Europa, procuraram, na fronteira entre os valores ocidentais e o desejo de retornar às origens tradicionais, uma categoria na qual pudessem se reconhecer.

Compreendemos, a partir desta reflexão, que a questão do colorismo está ligada ao processo de ressignificação das identidades, destacando o entrelugar de quem não é africano e nem europeu. Joana, por mais que tenha adquirido a nacionalidade portuguesa e se adequado, em partes, à cultura europeia, conservou-se guineense, ocupando o entrelugar de quem não é africano e nem europeu, como é o caso do primo Benaf, aquele que (in)voluntariamente renega as culturas do seu povo em nome da lusitanidade.

Essas crises identitárias são frutos do processo colonial, como é sabido, mas, além disso, trata-se das novas configurações identitárias pós-contato com a experiência colonizatória. Houve apagamentos, elisões, rompimentos e tantos hiatos entre as culturas autóctones que o imigrante, ao se deparar com a modernidade europeia, vislumbra tudo aquilo que lhe foi ensinado sobre um modo de vida eurocêntrico. O mentecídio, outrora citado, é a concretização do que há de mais cruel – se é possível assim dizer, da colonização. A morte de si, de suas memórias, culturas e histórias.

Essa definição de Bobby Wright, sobre o mentecídio possibilita uma conexão com o longa de Jordan Peele, *Corra*, em que uma família de pessoas brancas, através da sua filha, atrai homens negros, sobretudo, para a retirada de sua consciência, tornando-os robôs a serviço da branquitude, e o mais trágico de tudo, é que tem seus cérebros trocados por um de pessoas brancas, assim, o branco recebe o cérebro do negro, simbolizados como resistentes.

A guineendade²⁷ é um grande exemplo de como múltiplas identidades podem coabitar um único universo, e isto não significa a ausência de conflito mas, no contexto guineense, foi um projeto de enfrentamento colonial e de resistência à modernidade enquanto fator de apagamento e exclusão das culturas locais. Eugênio Nunes Correia, jovem pesquisador guineense, compreende que “A guineendade surgiu como resultado do projeto de nação-estado começado por Amílcar Cabral, que tinha como base a diversidade cultural usada como suporte para luta e resistência ao poder colonial” (CORREIA, 2022, p. 24).

Moema Parente Augel (2005) compreende que:

²⁷ Adotamos esta grafia do termo, porque em concordância com Correia (2022) é um termo que mais se aproxima do adjetivo “guineense”.

A guineidade tem a ver também com o progresso e as demandas do tempo atual, com a capacidade de confrontar-se com os benefícios e atrativos da técnica e do desenvolvimento em geral, mas atentando para uma desideologização das articulações alienantes [...], numa atitude conscientemente antropofágica, pluralmente guineense, híbrida e aglutinante. Assume-se o que interessa, africanizando o importado, misturando a partir de várias fontes o coquetel cultural que se vai juntar ao já múltiplo caldo étnico nacional. É preciso alimentar, incentivar e levar em conta a capacidade do povo de aproveitar o que o mundo externo lhe oferece, sem abrir mão de sua singularidade, aliando o dinamismo do contacto cultural externo com o positivo e digno de ser conservado das culturas autóctones, afastando-se do tradicionalismo, muitas vezes sinônimo de primitivismo, que traz, reacionariamente, o perigo de uma guetização do africano [...] (AUGEL, 2005, p. 336).

Interessante observar que, no romance, nota-se esse aproveitamento do que o mundo externo oferece, como aponta a autora, através de vários personagens. Joana, em Portugal, desfrutou tudo o que a terra lusitana podia lhe oferecer, no entanto, conservou suas crenças e cultura. Realizou a cerimônia de tchur do tio N'Dingui, porque sabia da importância de cumprir os rituais, de modo que a alma do falecido fizesse uma boa passagem e pudesse descansar no mundo dos mortos, evitando que virasse um *kassissa*. Além de discernir a mítica do seu país, ela também tinha sonhado com o rosto do tio no corpo de um Kikia e, com isso, ficou preocupada, por saber a significação da ave e buscou compreender o porquê do rosto do tio.

Nessas consultas com uma *djambakus* no Laranjeiro – Portugal, Joana não obteve respostas direta do irã mas, no fundo, sabia o que o sonho significava: a Europa não era tudo o que ela vislumbrava e que talvez o tio N'Dingui tivesse razão quando tentou dissuadi-la de tomar a nacionalidade portuguesa. Além disso, ela não percebeu as mudanças que ocorreram em sua terra natal, isto porque, se espantou com o fato de N Malé ter levado um irã de Bissau para Portugal e o posto em um pedaço de poilão:

Os anos de estada na Europa, fechada no *ghetto* cultural como defesa espontânea contra o ostracismo não permitiram a Joana perceber as mudanças profundas que estavam a ocorrer no seu país natal. A nossa enfermeira continuava a visionar o país que deixara sem se aperceber que lá, como na Europa, as forças da antinatureza estavam em marcha na sua inglória luta de tudo destruir em nome do desenvolvimento. (BARROS, 1999, p. 146).

O narrador nos informa sobre as mudanças na mística africana e sobretudo guineense. O contato com o outro tinha causado transformações na sociedade como um todo, até nas relações com a espiritualidade. Nesse bojo, o narrador também retrata a cena dos falsos médiuns e *djambakus* que se utilizavam da fragilidade dos seus clientes para evocar falsos espíritos e enganar a todos. Viram nesse “comércio” uma forma de sustento em meio ao ostracismo europeu.

A presença da modernidade criou espaços para a espiritualidade e modificou os modos de se relacionar dos guineenses, tanto na Guiné quanto os que migraram para Portugal. Sendo as religiões parte da cultura de um país e de seus povos, elas também acompanham o dinamismo social, e é nessa perspectiva que se afirma o hibridismo cultural que, não sendo uma simples mesclagem de duas culturas distintas, configura-se como um espaço em que o diverso circula e interage entre si.

5 KABANTADA²⁸

Durante o percurso de análise do romance *Kikia Matcho*, compreendemos o seu enredo e vertente histórica, podendo classificá-lo como uma ficção biográfica e histórica. A obra traça a trajetória da Guiné-Bissau pós-independência, revelando os conflitos político-sociais e a não sequência do projeto de nação pensado por Amílcar Cabral.

A obra consegue captar o universo místico, cultural e político do país com paralelo em Portugal, onde se situam personagens importantes para a narrativa, como é o caso de Joana e seus companheiros de solidão. Na Guiné, figuras como Benaf, Papai, Infali Sissé, Mana Tchambú e outros tecem diálogos importantes acerca do presente e do passado, buscando, como missão comum, desvendar o aparecimento do Kikia com rosto do falecido N'Dingui e compreender que a nação precisava de novos direcionamentos, assim como Joana “na *Tuga*”.

A leitura do texto possibilitou-nos, para além de conhecer um pouco da história Bissau-guineense, compreender o seu universo por uma ótica não eurocêntrica e não hegemônica, já que a narrativa ecoa da boca de diferentes gerações, posições sociais e regiões. Quem nos conta a história do pós-independência no país é Benaf, Joana, Papai, Mana Tchambú, Infali Sissé, pessoas que representam o novo e o velho tempo, respectivamente. Não há um discurso único dos ex-combatentes, os gloriosos da luta, pelo contrário, ouvem-se muitos relatos de desilusão e decepção com aqueles que, dantes, comeram no mesmo prato.

Os novos dirigentes do país passaram a reproduzir as atitudes coloniais, dividindo os povos, sucateando o funcionalismo público em nome do “tudo para si e seus familiares e nada para os demais”. O novo governo rompeu literalmente com os ideais de Cabral e do PAIGC. Benaf, por exemplo, também queria ser um ministro, alguém de confiança do governo, porque viu o estado em que o tio N'Dingui morreu e em que se encontrava o velho Papai – aquele que esperava ser honrado pela vitória contra os *tugas*, espalhando a mensagem da independência para que a nova geração não se esquecesse do legado que os ex-combatentes deixaram.

²⁸ Termo em Língua Guineense (crioulo) para designar fim/acabamento.

Com base nessas análises e em diálogo com diferentes teóricos, desde os críticos literários, como Candido (2006/2011), Augel (2005), Mata (2007) até os antropólogos e críticos culturais Hall (2006) e Faia Amona (2020), configuramos a obra como um texto de fundação, na medida em que nos informa e orienta sobre/no processo de formação da Nação guineense. Fica nítido que a nação surge com a independência, forjada na luta e no hibridismo cultural, dado que sua pluralidade somada à modernidade europeia formou novos espaços culturais e identitários.

É a literatura que, enquanto arte, preenche algumas lacunas da historiografia, fornecendo outras versões não oficiais da História. KM, enquanto texto literário, está para além da história, porque existe um jogo de palavras, estratégias de construção textual, tematização, espacialidade, temporalidade, dados biográficos, dados históricos e depoimentos ficcionais, mas que representa a realidade. Não há como diferenciar ficção do real nesse contexto, porque a literatura africana, em particular, é também a história de cada nação.

A Guiné-Bissau, na ótica do narrador e personagens, é uma comunidade politicamente imaginada onde é possível que diferentes povos e culturas coabitem um único universo. Benaf é aquele que está no entrelugar de quem não é africano e nem europeu, assim como os que migraram para Portugal, porque lá são vistos e tratados como todos pertencentes a um mesmo grupo: os negros “desgraçados”; e na Guiné-Bissau, os que regressaram da Europa e incorporaram a mentalidade dos brancos, são vistos como inimigos do povo.

Esse entrelugar faz parte das dinâmicas identitárias, ainda que, nalguns momentos, tais sujeitos se identifiquem mais com um polo em relação a outro, não possuem uma identidade única; sendo assim, podemos considerá-los como pessoas com identidades híbridas e que transitam entre dois mundos: o tradicional e o colonial.

Com isso, concluímos que *Kikia Matcho* não é apenas um exercício de ficção, é também um exercício narrativo histórico e provocativo, que metaforizou os acontecimentos reais para despertar a consciência dos guineenses em prol de uma solução para os problemas do país. A alma de N’Dingui e dos *kassissas* ainda pairam sobre a Guiné-Bissau e é preciso realizar várias cerimônias para

trazer a paz à ordem terrena e espiritual, de modo que haja desenvolvimento e progresso naquele chão.

A literatura é o grande espelho da sociedade guineense, demarcando épocas, acontecimentos e servindo como registro historiográfico. Isso não é particularidade da Guiné-Bissau, acontece nos demais países africanos de língua portuguesa e no Brasil, país-irmão. A oralidade, nossa fonte primária da História se fez presente na obra analisada e isto é notável no uso de palavras e expressões na língua guineense (kriol) e étnicas. Com isso, o autor demonstra-se ciente da hibridação entre as línguas que formam o país.

Moema Parente Augel (2007) aponta que é através da literatura que a Guiné-Bissau tem sido representada para além de suas delimitações geográficas e são os seus escritores os atores responsáveis pela veiculação de uma imagem positivada do país, além de promover uma integração na comunidade de falantes de língua portuguesa. A publicação da literatura guineense em Língua Portuguesa possibilitou a realização do presente estudo, no entanto, não é intenção defender o uso do português como língua de publicação no país, mas ressaltar que essa língua também nos pertence e é a partir de sua ressignificação que imprimimos as marcas de nossas línguas orais.

Até aqui, vimos que a literatura sempre ocupou um lugar de destaque na narração e projeção das nações africanas porque, além de seu caráter estético-literário-artístico, estão impressas as diferentes vozes da tradição oral e diversas narrativas que permitem a compreensão do território e sua formação, a pluriethnicidade e as falhas do Estado Novo que, no caso da Guiné-Bissau, até os dias atuais, aguarda por transformações e firmamento.

Discussões como essas ultrapassam o tempo demarcado pela História, isto porque foram válidas no passado para a construção da nação e permanecem válidas no presente para a reavaliação e a revisitação do passado, a fim de construir o presente-futuro dessa nação.

KUNSIDURIS²⁹

AMONA, Dingana Paulo Faia. **Narrativas Sobre a Guinendade/i: identidade nacional e diversidade étnica na Guiné-Bissau**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Antropologia, Fortaleza, 2020.

ANDERSON, Benedict; BOTTMAN, Denise. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Editora Companhia das Letras, 2008.

AUGEL, Moema Parente. LITERATURA E INCLUSÃO – O PAPEL DOS ESCRITORES GUINEENSES NO EMPENHO CONTRA A INVISIBILIDADE. **Via Atlântica**, [S. l.], v. 1, n. 12, p. 47-66, 2007. DOI: 10.11606/va.v0i12.50081. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50081>. Acesso em: 8 fev. 2023.

AUGEL, Moema Parente. Os segredos da “barraca”. A representação da nação na literatura de guerra da Guiné-Bissau. **Revista crioula**, n. 4, 2008.

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombros: a literatura guineense e a narração da nação**. Rio de Janeiro, 2005. 387 p. (Tese de Doutorado em Literatura Portuguesa, na especialidade das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

ARAÚJO, Helmer. **O livro na rua: Guiné-Bissau. Coleção Países**. Thesaurus Editora, 2012.

BARROS, Filinto de. **Kikia Matcho: o desalento do combatente**. Lisboa: Caminho, 1999.

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Ed. da universidade (UFRGS), 1992.

BIJAGÓ, Vagner Gomes. **Os Golpes de Estado na Guiné Bissau: O Cotidiano do Poder no Contexto da Diversidade Étnica e da Construção Nacional**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS. Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas. Alagoas: UFA, 2011.

BISPO, Erica Cristina. Trilhas e rumos das letras guineenses. In: **Signótica**, v. 26, n. 1, p. 81-104, jan/jun. 2014.

CÁ, Lourenço Ocuni. Cultura escolar e os povos coloniais: a questão dos assimilados nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). **ETD Educação Temática Digital**, v. 13, n. 01, p. 207-224, 2011.

²⁹ Termo em Língua Guineense (crioulo) para designar referências e/ou fontes consultadas.

CÁ, Ricardo Aguielo Aquixinco Gomes. **A construção literária do estado-nação em Angola e Guiné-Bissau: um estudo comparativo entre A geração da utopia e Kikia Matcho**. Dissertação (Mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

CÁ, Ricardo Aguielo Aquixinco Gomes. Filinto de Barros e a resistência intelectual na construção literária do estado-nação guineense. **Revista África e Africanidades** - Ano XI, n.28, 2018.

CALADO, Karina de Almeida; FONSECA, Maria Nazareth Soares. Identidade, subjetividade e nação guineense na poesia de Odete Semedo. In: **Grau Zero—Revista de Crítica Cultural**, v. 1, n. 1, 2013.

CAMPOS, Josilene Silva. **A Historicidade das literaturas africanas de língua oficial portuguesa**. Disponível em <http://pos.historia.ufg.br/up/113/o/26>. Acesso em 10 set. 2020.

CANDÉ MONTEIRO, Artemisa Odila. **Guiné-Bissau: da luta armada à construção do estado nacional** – conexões entre o discurso de unidade nacional e diversidade étnica (1959-1994). Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Federal de Bahia. Salvador, 2013.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. São Paulo: **Ouro sobre Azul**, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: **Ouro sobre Azul**, 2006.

CARDOSO, Carlos. **A formação da elite política na Guiné-Bissau**. Centro de Estudos Internacionais do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), 2002.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. José Olympio; 37. ed., 2020.

CLOSSVANY. **ETNIAS DA GUINÉ-BISSAU - Museu da arte e cultura da Guiné-Bissau**. Museu da arte e cultura da Guiné-Bissau - Arte e cultura. Disponível em: <<https://clossvany.com/etnias-da-guine-bissau/>>. Acesso em: 14 Jul. 2021.

CORREIA, Eugênio Nunes. **A poesia de Tony Tcheca na compreensão da realidade social guineense**. 2022. 100 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

COSTA, Pollyana dos Santos Silva. **A formação da identidade cabo-verdiana na obra de Germano Almeida**. 2018. 182 f. Tese (Doutorado em Literatura)— Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

COUTO, Hildo Honório; EMBALÓ, Filomena. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau, PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 11-253, 2011.

CUMBA, Fernando Nhaga. **O Passado no Presente e a Literatura Guineense do Século XXI a partir do romance Kikia Matcho – O Desalento do Combatente**. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2017.

DJALÓ, Mamadú. **Processo de democratização da Guiné-Bissau (1991-2019)**. 2020. Trabalho de Conclusão de Cursos (Artigo), Licenciatura em Ciências Sociais – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, 2020.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. **Cadernos CESPUC de Pesquisa**, Série Ensaio, n. 16: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Belo Horizonte, set, p. 13-63, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HAMILTON, Russel G. **A literatura dos PALOP e a Teoria Pós-colonial**. Via atlântica, n. 3 dez. 1999.

MACAGNO, Lorenzo. **A invenção do assimilado: Paradoxos do colonialismo em Moçambique**. Edições Colibri: Lisboa, 2019.

MATA, Inocência. A crítica literária africana e a teoria pós-colonial: um modismo ou uma exigência? In: **A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões**. Luanda, Editoria Nzila, 2007.

OTINTA, Jorge. **Representações do Intelectual: um estudo sobre Mayombe e Kikia Matcho**. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

PEREIRA, Mariana Morena. **O Modelo de Estado Africano não Convencional: uma análise crítica nas implicações da definição e designação do Estado Falido aliado aos princípios da construção do Estado nos moldes Ocidentais modernos**. 2016.

PINTO, Paula. **Tradição e modernidade na Guiné-Bissau: Uma perspectiva interpretativa do subdesenvolvimento**. Tese de Doutorado. Universidade do Porto (Portugal), 2009.

SILVA, Marcos Vinicius da Hora. **Os conflitos entre as tradições culturais Bissau-guineenses e as portuguesas no período colonial: uma análise do**

romance A última tragédia, de Abdulai Sila. 2019. 50 f. Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Bahia, 2019.

SEMEDO, Rui Jorge. O Estado de Guiné-Bissau e os desafios político-institucionais. **Tensões mundiais**, v. 7, n. 13, p. 95-136, 2011.

TÉ, Didier. **Nação e desenvolvimento na Guiné-Bissau: as contribuições do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa e da Soronda: revista de estudos guineenses.** 2020.

VALANDRO, Letícia. **Memória, literatura e nação na Guiné-Bissau.** IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas, Ouro Preto, *Caderno de Resumos do IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas*, UFOP, PUC-MG, 2010.

WRIGHT, Bobby E. **Mentacide: The Ultimate Threat to the Black Race**, 1979. Tradução _____ nossa. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/en/document/read/59824194/mentacide-bobby-wright>>. Acesso em: 8 fev. 2023.